



OS ARQUITETOS DA NEOCRISTANDADE: ANÁLISE DA ATUAÇÃO DE
INTELECTUAIS CONVERTIDOS E LEIGOS NA CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO SOCIAL
CATÓLICO CENTRADO NO RIO DE JANEIRO (1930 – 1935)

PEDRO FILIPE BARROS OLIVEIRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA E ESPAÇOS
LINHA DE PESQUISA: LINGUAGENS, IDENTIDADES E ESPACIALIDADES

OS ARQUITETOS DA NEOCRISTANDADE: ANÁLISE DA ATUAÇÃO DE
INTELECTUAIS CONVERTIDOS E LEIGOS NA CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO SOCIAL
CATÓLICO CENTRADO NO RIO DE JANEIRO (1930 – 1935)

PEDRO FILIPE BARROS OLIVEIRA

NATAL – RN

2019

PEDRO FILIPE BARROS OLIVEIRA

OS ARQUITETOS DA NEOCRISTANDADE: ANÁLISE DA ATUAÇÃO DE
INTELECTUAIS CONVERTIDOS E LEIGOS NA CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO SOCIAL
CATÓLICO CENTRADO NO RIO DE JANEIRO (1930 – 1935)

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em História e Espaços, Linha de Pesquisa Linguagens, Identidades e Espacialidades, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do Prof. Dr. Renato Amado Peixoto.

NATAL – RN

2019

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes – CCHLA

Oliveira, Pedro Filipe Barros.

Os arquitetos da Neocristandade: análise da atuação de intelectuais convertidos e leigos na construção do espaço social católico centrado no Rio de Janeiro (1930 - 1935) / Pedro Filipe Barros Oliveira. - Natal, 2019.
136f.: il. color.

Dissertação (mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2019.

Orientador: Prof. Dr. Renato Amado Peixoto.

1. Neocristandade - Dissertação. 2. Dom Sebastião Leme - Dissertação. 3. Padre J. Cabral - Dissertação. 4. "A Cruz" - Jornal - Dissertação. 5. Anticomunismo católico - Dissertação. I. Peixoto, Renato Amado. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 94:272(81)

PEDRO FILIPE BARROS OLIVEIRA

OS ARQUITETOS DA NEOCRISTANDADE: ANÁLISE DA ATUAÇÃO DE
INTELECTUAIS CONVERTIDOS E LEIGOS NA CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO SOCIAL
CATÓLICO CENTRADO NO RIO DE JANEIRO (1930 – 1935)

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pela comissão formada pelos professores:

Dr. Renato Amado Peixoto (Orientador)

PPGH/DEHIS/UFRN

Dr. Magno Francisco de Jesus Santos (Examinador interno)

PPGH/DEHIS/UFRN

Dr. Cândido Moreira Rodrigues (Examinador externo)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO – UFMT

AGRADECIMENTOS

Desde muito cedo quando ainda no ensino básico nutria o desejo de me formar em História, existia naquele jovem de 14/15 anos uma visão idílica do curso, pensava a época que o curso me possibilitaria conhecer toda a mitologia grega, desvendar os mistérios escondidos nos arquivos do Vaticano, entre outros devaneios característicos de uma alma inquieta e sonhadora. Hoje ao concluir essa dissertação tenho o sentimento de que percorri um grande caminho, mas o percurso é longo e continuo sem nada saber.

Cumpro agora agradecer a todos aqueles que de alguma forma (alguns direta, outros indiretamente) contribuíram para a conclusão de algo outrora impensável.

Agradeço a Deus que me concedeu paz, equilíbrio e forças para concluir esse trabalho. Por vezes as cobranças e dificuldade do cotidiano parecem que vão nos sufocar, mas a fé em um Deus vivo ao qual sempre recorri ao longo dessa escrita me deu forças e sustentação para continuar.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, a qual agradeço pelo financiamento que tornou a realização desse trabalho possível.

Essa dissertação não teria sido possível sem a preciosa orientação do professor Renato Amado, sempre solícito, sábio e disponível. Cursar uma pós-graduação não era algo que estava nos meus planos durante boa parte da graduação, no entanto, o encanto ao cursar cada disciplina do professor Renato despertou esse interesse que passou a ser possível quando me tornei bolsista de iniciação científica sob sua orientação. A orientação do professor Renato é leve e consegue extrair o máximo dos seus orientandos. A ele o meu muito obrigado.

Agradeço ao corpo docente do departamento de História da UFRN, professores que foram responsáveis por minha formação como historiador, todos em menor ou maior medida colaboraram para que fosse possível hoje concluir essa dissertação. Aproveito para agradecer especialmente a professora Aurinte, tia Auri, que sempre agiu como uma facilitadora na coordenação do curso, tratando a todos sempre com solicitude e afeto.

De igual modo agradeço aos professores Magno Francisco e Raimundo Nonato que participaram da banca de qualificação contribuindo com valiosas orientações.

Agradeço aos colegas e amigos que cultivei durante a graduação, foram muitos os que cruzaram meu caminho, não os citarei nominalmente, pois certamente esqueceria alguém. Gostaria de agradecer especialmente a minha amiga Marcilene, companheira de trabalhos, as nossas longas conversas estreitaram nossos laços e fortaleceram nossa amizade.

Agradeço aos colegas da turma de mestrado, em especial a Cláudio, Janaína, Pierre e Jeferson, colegas com os quais tive o prazer de dividir tarefas e montar um grupo de sucesso na disciplina de Teoria e Metodologia da História. Agradeço especialmente ao amigo Guerhansberger com quem dividi angústias e incentivos mútuos. Conseguimos meu amigo.

Não poderia deixar de lembrar e dedicar meus agradecimentos aos colegas da base de pesquisa: Antônio Melo com quem tive o prazer de ter longas conversas que aumentaram minha admiração por seu caráter, integridade e inteligência que sempre me inspirou; Carolina Xavier sempre muito bem humorada e com quem tive conversas divertidíssimas; Daniela Leirias de quem herdei o material para começar meu trabalho de iniciação científica, que sempre muito sincera me alertou sobre as dificuldades inerentes ao mestrado; Douglas com quem mantive boas conversas e, por fim, Patrícia que mesmo geograficamente distante se colocou a disposição. A todos vocês meu muito obrigado.

Gostaria de agradecer ainda e aqui de forma especial a três amigos que construí ao longo desse período na Universidade: a professora Vanessa Spinosa que entrou na minha vida acadêmica de forma aleatória e veio a agregar de forma substancial; a Danilo e Lindiedina agradeço em conjunto, pois é assim que funcionamos, como um trio. Agradeço a vocês pelas longas e leves conversas que sempre serviram como bálsamo em meio às tribulações.

Gostaria de agradecer especialmente aos meus familiares que se alegram comigo a cada conquista. Minha querida irmã Maria Rita com quem compartilhei as aflições e incertezas desse caminho trilhado, seu afeto e disposição para ouvir sempre me foram muito úteis; meu irmão Francisco que sempre muito centrado, rígido e amoroso, sei que é alguém com quem eu sempre posso contar já me socorreu em diversas circunstâncias e sei que tem zelo por mim.

Chegando ao fim desses agradecimentos dedico esse último parágrafo a alguém que tem sido um presente de Deus em minha vida: minha amada companheira Fernanda Kainara que tem acompanhado todo o processo de desenvolvimento desse trabalho e se tornou um ponto de equilíbrio, sendo carrasca quando precisava cobrar que eu fosse produtivo, mas

sendo sempre amável e grande incentivadora. Agradeço pela enorme contribuição que me deste lendo atentamente meu texto, identificando problemas e me ajudando com as famigeradas normas da ABNT. Agradeço, sobretudo, pelos seus abraços, carinho e cuidado que sempre me nutriam de forças para seguir em frente. A você meu muito obrigado.

Por fim, dedico este trabalho a memória de dona Cinaura minha amada mãe e seu Genival meu amado pai. Vocês são a base do que sou. São com os olhos marejados por lágrimas que escrevo estas últimas palavras, a saudade que sinto de vocês por vezes é sufocante e infindável, assim como o desejo de deixá-los orgulhosos, por isso sigo em frente.

RESUMO

O objetivo desta dissertação é analisar a constituição e consolidação do espaço social católico brasileiro centrado na cidade do Rio de Janeiro na década de 1930, bem como a reestruturação social e política da Igreja Católica brasileira realizada por meio do projeto da Neocristandade encabeçado por dom Sebastião Leme. Para tanto, escolhemos como recorte temporal o período compreendido entre 1930 – 1935, pois, entendemos ser um momento estratégico para compreender a atuação e as estratégias da Igreja, que buscava reconstruir suas relações com o Estado, abaladas desde que a Constituição de 1891, de tendência positivista, oficializou o rompimento entre a Igreja e o Estado. Diante dessa nova realidade a Igreja costurou novos acordos e traçou novos planos de atuação, como a criação da Liga Eleitoral Católica, que concedendo o apoio da Igreja aos candidatos que se propusessem a defender seus interesses, ajudou a eleger uma série de deputados que se tornaram defensores dos interesses católicos no âmbito da Assembleia Constituinte de 1933. Arelado a isto, buscamos acompanhar a trajetória de alguns importantes agentes católicos, em grande medida responsáveis por dirigir, coordenar e difundir os projetos da Igreja na primeira metade da década de 1930, em consonância com os princípios trazidos pela encíclica do papa Pio XI *Ubi arcano Dei consilio*, de 1922, que estimulava os católicos a sair do âmbito privado e trabalhar em prol da construção de uma sociedade cristã. Nesse sentido, nos interessa, sobretudo, as trajetórias de dom Sebastião Leme, um dos mais destacados personagens católicos do século XX, líder do projeto da Neocristandade e organizador da LEC; dom José Pereira, bispo de Niterói e diretor da Editora Vozes de Petrópolis, foi responsável pela publicação de importantes livros católicos, os quais serviram à ‘Boa Imprensa’ e, por fim, o norte-rio-grandense padre José Cabral, editor chefe do jornal “A Cruz”, órgão da Arquidiocese do Rio de Janeiro e da Confederação Católica, que, sendo um dos principais periódicos católicos do período, foi responsável por conferir voz aos mais destacados intelectuais católicos, especialmente os laicos, engajados na construção do discurso anticomunista católico. O padre J. Cabral destacou-se ainda como um escritor ligado ao reacionarismo católico, publicando as obras *Conceitos e Factos* e *A Miragem Soviética*, exemplos dessa vertente de sua produção, como iremos explicitar ao longo do trabalho. O jornal ‘A Cruz’, os Anais da Assembleia Constituinte de 1933 e os livros do padre J. Cabral supracitados se constituem como as principais fontes desse trabalho. Teoricamente destacam-se as contribuições de Pierre Bourdieu, Edward Shils e Renato Amado Peixoto, escritores que fundamentam as discussões referentes à atuação espacial da Igreja e as relações entre os campos político e religioso.

Palavras-chave: Neocristandade; dom Sebastião Leme; Padre J. Cabral; Jornal “A Cruz”; anticomunismo católico.

ABSTRACT

The aim of this dissertation is to analyze the constitution and consolidation of the Brazilian Catholic social space centered in the city of Rio de Janeiro in the 1930s, as well as the social and political restructuring of the Brazilian Catholic Church carried out through the project of Neo-Christianity headed by Dom Sebastião Leme. To this end, we chose as a time frame the period from 1930 - 1935, because we believe it to be a strategic moment to understand the Church's actions and strategies, which sought to reconstruct its relations with the state, shaken since the Constitution of 1891 made it official and made, also, the rupture between church and state. Faced with this new reality, the Church made new agreements and drafted new plans of action, such as the creation of the Catholic Electoral League, which by granting Church support to candidates who would defend their interests, helped elect a number of deputies who would become defenders of Catholic interests within the Constituent Assembly of 1933. In connection with this, we seek to follow the trajectory of some important Catholic agents, largely responsible for directing, coordinating, and disseminating Church projects in the first half of the 1930s. In keeping with the principles of Pope Pius XI's encyclical *Ubi arcano Dei consilio*, of 1922, which encouraged Catholics to leave the private realm and work to build a Christian society. In this sense, we are interested, above all, in the trajectories of Archbishop Sebastião Leme, one of the most outstanding Catholic characters of the twentieth century, leader of the Neo-Christianity project and organizer of the Catholic Electoral League; Bishop José Pereira, bishop of Niterói and director of the *Vozes de Petrópolis* Publishing House, was responsible for the publication of important Catholic books, which served the *Boa Imprensa* and, finally, Father José Cabral, editor-in-chief of the newspaper *A Cruz*, organ of the Archdiocese of Rio de Janeiro and the Catholic Confederation, which, being one of the leading Catholic periodicals of the period, was responsible for giving voice to the most outstanding Catholic intellectuals, especially the laity, engaged in the construction of Catholic anti-communist discourse. Father J. Cabral also stood out as a writer linked to Catholic reactionary, publishing the works *Conceitos e Factos* and *A Miragem Soviética*, examples of this aspect of his production, as we will explain throughout the work. The newspaper *A Cruz*, the Proceedings of the 1933 Constituent Assembly, and the above mentioned Father J. Cabral's books constitute the principal sources of this work. Theoretically, we highlight the contributions of Pierre Bourdieu, Edward Shils and Renato Amado Peixoto, writers who base the discussions regarding the Church's spatial performance and the relations between the political and religious fields.

Keywords: Neo-Christianity; Dom Sebastião Leme; Father J. Cabral; Journal “A Cruz”; Catholic anticommunism.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 - Figura 1 – Capa do jornal “A Cruz” - Cardeal Leme	66
FIGURA 02 - Mapa do Atlas Cândido Mendes	67
FIGURA 03 - Intimação ao presidente Washington Luís	72
FIGURA 04 - Capa da Revista Bezbozhnik u Stanka.....	116

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
Discussão Historiográfica: campanha pela “boa imprensa”	21
Nas teias da política: a Igreja da Neocristandade	24
O discurso anticomunista católico no Brasil	28
Estrutura e desenvolvimento	32
CAPÍTULO I – DE SABASTIÃO LEME DA SILVEIRA CINTRA À CARDEAL LEME: TRAJETÓRIA E DESENVOLVIMENTO DA IGREJA DA NEOCRISTANDADE	34
1.1. O PROJETO DA NEOCRISTANDADE: CONSTRUÇÃO DE REDES E ATUAÇÃO POLÍTICA	34
1.2. ESTRATÉGIAS ESPACIALIZANTES DA IGREJA	41
1.3. TRAJETÓRIA DO MAIS DESTACADO PERSONAGEM DA IGREJA DA NEOCRISTANDADE	44
1.4. A RELAÇÃO COM O CARDEAL ARCOVERDE E A NOMEAÇÃO COMO BISPO DE OLINDA	47
1.5. A CHEGADA AO RIO DE JANEIRO E AO CARDINALATO	49
1.6. TECENDO REDES E CONSTRUINDO SUSTENTAÇÃO	52
1.7. O ESPAÇO SOCIAL CATÓLICO E O CAMPO POLÍTICO BRASILEIRO	56
CAPÍTULO II – IGREJA E ESTADO: A NEOCRISTANDADE E A LIGA ELEITORAL CATÓLICA COMO AGENTES PROMOTORES DE UMA REAPROXIMAÇÃO	59
2.1. A DÉCADA DE 1930: CONTEXTUALIZAÇÃO E ATUAÇÃO	59
2.3. DOM SEBASTIÃO LEME E A “REVOLUÇÃO DE 1930”: UMA ABORDAGEM POR MEIO DAS PÁGINAS DO JORNAL “A CRUZ” DO RIO DE JANEIRO	67
2.4. “É PRECISO RECRISTIANIZAR O BRASIL”: A ATUAÇÃO DA LIGA ELEITORAL CATÓLICA NA CONSTITUINTE DE 1933	75
2.5. A LIGA ELEITORAL CATÓLICA: CONTRADIÇÕES E DIVERGÊNCIAS. ...	81

CAPÍTULO III – CONCEITOS E FACTOS E A MIRAGEM SOVIÉTICA: RETRATOS DE UMA ESCRITA REACIONÁRIA	86
3.1.1. A ESCRITA REACIONÁRIA DO PE. J. CABRAL EM ‘CONCEITOS E FACTOS’(1930).....	90
3.1.2. ‘CONCEITOS E FACTOS’: “UM LIVRO BOM E SINCERO”.	93
3.1.3. OS PROBLEMAS NACIONAIS ABORDADOS SOB A ÓTICA REACIONÁRIA DO PE. J. CABRAL.....	95
3.1.4. SEJAM ANTES DE TUDO “VERDADEIRAMENTE CRISTÃOS”.	99
3.1.5. A IGREJA É O REMÉDIO PARA O MUNDO MODERNO	106
3.2.1 ACAUTELAI-VOS DO PERIGO VERMELHO	111
3.2.2. A GÊNESE DO BOLCHEVISMO SOVIÉTICO: EXPLORAÇÃO DA MISÉRIA E PROMOÇÃO DO ATEÍSMO.....	112
3.2.3. CONTRA A MIRAGEM A REALIDADE DOS FATOS	119
3.2.4. A QUESTÃO SOCIAL ANALISADA SOB PERSPECTIVAS ANTAGÔNICAS	124
3.2.5. TRAJETÓRIAS, CONEXÕES E CONSOLIDAÇÃO	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	131
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	135

INTRODUÇÃO

Nossa dissertação tem como ponto de partida a década de 1930, sendo mais preciso o período compreendido entre 1930 e 1935. Essa década já foi amplamente discutida pela historiografia e é repleta de acontecimentos que lhe concederam um status deveras importante na História do Brasil. Ao investigarmos a Igreja Católica brasileira nesse período é necessário termos ciência de que a pesquisa estará inevitavelmente ancorada no campo da História Política. No livro *Por uma História Política* que teve como organizador o historiador francês Renné Rémond, a relação entre a religião e política aparece em forma de indagação:

Em que o religioso, particularmente o cristianismo, pode interessar a história do político? O que há de comum entre a religião, que propõe a salvação no além, e a política, que rege a sorte dos homens na terra? À primeira vista, parece que uma diz respeito ao íntimo do ser, a outra ao coletivo. Religião e política não são da mesma natureza se não adotamos as teses marxistas, e é exatamente por serem distintas que podemos nos interrogar sobre suas relações.¹

Não temos a pretensão de encontrar uma resposta para o questionamento lançado pela historiadora Aline Coutrot, mas acreditamos que ao longo deste trabalho ficarão claros certos aspectos da ligação entre a Igreja Católica brasileira e o Estado, pois, estamos certos que a atuação da Igreja no período pesquisado foi uma atuação política em relação ao Estado. A forma que a Igreja se movimentou, desde antes dos anos 1930, foi buscando reocupar o seu espaço na sociedade brasileira; os desejos das lideranças católicas, sobretudo, de dom Sebastião Leme, era de que a Igreja pudesse voltar a influir na política, cultura e sociedade brasileira. Desde sua Carta Pastoral em 1916, o então arcebispo de Olinda convocava os católicos a se unirem e transformarem o Brasil em um país católico, não apenas nas estatísticas, mas sim de fato. E para isso ele entendia que era necessário realizar um movimento de recatolização do Brasil, mas como fazer isso? Como poderia a Igreja Católica tornar-se influente no cenário político brasileiro? Ao longo desta dissertação estaremos desenvolvendo uma análise das alianças feitas pela Igreja, bem como perscrutando a trajetória de destacados personagens ligados à instituição católica.

Em sua carta pastoral de 1916, Leme fez duras críticas à postura dos católicos brasileiros, que a seu ver estavam inertes e não conseguiam exercer influência, mesmo sendo ampla maioria no Brasil. Em uma de suas críticas ele aponta que “Anticatólicas ou

¹ RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 334.

indiferentes são as obras de nossa literatura. Vivem a achincalhar-nos os jornais que assinamos”, essa afirmação do prelado brasileiro aponta para um problema que a Igreja vai buscar resolver por meio da campanha da ‘Boa Imprensa’, era perceptível pra liderança católica que os fiéis necessitavam de uma cultura produzida pela Igreja na forma de literatura que pudesse influenciar e direcionar a vida dos católicos.

Chegar ao tema de pesquisa para uma dissertação de mestrado é algo que demanda um esforço, bem como uma relação afetiva com o tema pesquisado, afinal durante um período mínimo de 02 anos a pesquisa tornar-se uma das suas principais companhias, usurpando noites de sono, cancelando finais de semana e gerando amor e ódio pelo tema pesquisado, como qualquer relação; a confecção de uma dissertação não é fácil. O percurso até chegarmos ao tema pesquisado teve início em 2014, quando recebi um *e-mail* sobre uma oferta de vaga de bolsista de iniciação científica com o professor Renato Amado Peixoto. Participei da seleção e fui selecionado para um projeto que tinha por objetivo catalogar uma série de documentos sobre o Levante Comunista de 1935. Essa foi minha primeira experiência com a pesquisa histórica, até então minha graduação tinha se resumido a leitura de textos e realização de trabalhos e provas. Vivenciar esse ambiente de pesquisa me entusiasmou e a pretensão de fazer a seleção para o mestrado tornou-se real. A primeira tentativa na seleção de 2015 foi frustrada, devido a problemas com documentação tive minha inscrição indeferida, o que inicialmente foi motivo de tristeza acabou sendo importante para o meu amadurecimento como pesquisador durante o ano de 2016.

No ano de 2016 o foco da pesquisa mudou: o que antes era uma pesquisa sobre o anticomunismo católico no Rio Grande do Norte pós Levante Comunista de 1935, tornou-se uma pesquisa que envolvia o jornal “A Cruz” do Rio de Janeiro, o padre José Cabral e ainda o discurso anticomunista católico. O próprio projeto de pesquisa que foi selecionado para Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que tem como campo de concentração História e Espaço sofreu algumas alterações e ampliações. O que agora apresentamos ao longo dessa dissertação é fruto dessa trajetória, que assim como a própria História é cheia de continuidades e rupturas, rupturas muitas vezes dolorosas, pois, nos apegamos ao objeto pesquisado, criando uma relação afetiva com o mesmo.

Este trabalho analisa as relações entre o religioso e o político, relação que para alguns não existe ou não deveria existir, como colocado por Coutrot (2003) “Para alguns não deve haver nenhuma relação: o pensamento liberal considera a religião como uma questão de

ordem estritamente privada, e os autores da lei de Separação se empenharam para que voltasse a sê-lo.” (COUTROT, 2003, p. 334). No entanto, percebemos que ao longo da História essa relação é permanente.

Nessa dissertação os personagens são importantes, não temos a intenção de biografar nenhum dos indivíduos que aparecem ao longo desse trabalho, mas estamos certo de que a trajetória dos mesmos é importante para compreensão dos problemas enfrentados pela Igreja Católica brasileira da Primeira República. Dom Sebastião Leme, dom José, bispo de Niterói, e o editor do jornal “A Cruz” padre José Cabral são partes importantes desse trabalho, analisamos suas trajetórias e redes de sociabilidades construídas ao longo da vida desses líderes católicos. A ligação destes indivíduos, os seus deslocamentos, encontros, afastamentos e por fim a sua reunião no Rio de Janeiro, centro do catolicismo brasileiro na década de 1930, é o enredo dessa dissertação que discute a importância dos periódicos católicos, da Liga Eleitoral Católica e dos próprios personagens descritos para os projetos da Igreja Católica brasileira.

Tendo isso bem definido, um dos objetivos desse trabalho é pensar como os periódicos católicos foram responsáveis, na primeira metade da década de 1930, pela divulgação de um discurso católico, responsável por produzir um *espaço social*² católico que fora amplamente utilizado para distribuição de uma série de *bens simbólicos*³ que ganhavam forma e divulgação por meio das páginas destes jornais e buscavam atingir indivíduos específicos que atribuíam valor a esse capital. O espaço social para Bourdieu (2001) é construído de tal modo que os agentes ou os grupos são nele distribuídos em função da sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, como os Estados Unidos, o Japão ou a França, são, sem dúvidas, os mais eficientes – o capital econômico e o capital cultural. Ao longo desse trabalho perceberemos que o capital religioso (exemplo de capital cultural) foi fundamental para disposição dos agentes católicos nos espaços estratégicos para a Igreja.

Para circunstanciar o trabalho, elegemos o jornal “A Cruz” do Rio de Janeiro, no período de 1930 a 1935, como uma das fontes de pesquisa. Trabalhamos na perspectiva de compreender como este jornal propagava as ideias de um determinado grupo de intelectuais

² Para Bourdieu o espaço social é formado pelo conjunto de posições sociais ocupadas pelos indivíduos em uma dada formação social. Nesse sentido, entendemos que esse campo social católico foi sendo formado a partir da tomada de posição de uma série de intelectuais católicos que ocupavam posições de relevância dentro dos projetos da Igreja.

³ Percebemos que os jornais católicos eram responsáveis pela distribuição destes bens simbólicos que era produzido por um grupo de intelectuais católicos que possuíam uma grande quantidade de capital cultural.

católicos, tornando-se, assim, uma das ferramentas de dominação deste grupo que tinha por objetivo se consolidar no *campo religioso*⁴. Juntamente analisaremos as alianças políticas feitas pela Igreja na primeira metade da década de 1930. Essa análise busca compreender as formas de atuação da Igreja no campo da política, sobretudo no período compreendido entre 1932 a 1934, no qual, estava em discussão a necessidade da elaboração de uma nova Constituição para o Brasil. Entendemos que essas articulações e alianças feitas pela Igreja atendiam aos objetivos do projeto da Neocristandade elaborado e encabeçado por dom Sebastião Leme, que nesse momento de reorganização política, percebia que era necessário que a Igreja atuasse de forma firme, concedendo apoio para aqueles que se propusessem a defender os interesses católicos.

A boa imprensa e a construção do espaço social católico

A partir da primeira Encíclica do Papa Pio XI, *Ubi arcano Dei consilio*, publicada em 1922, os periódicos católicos assumem uma posição relevante nos projetos da Igreja, a ‘Boa Imprensa’ acaba se consolidando como um importante meio de divulgação dos discursos católicos. Obedecendo a essa lógica de divulgação dos projetos católicos, esteve o jornal “A Cruz” do Rio de Janeiro, sendo na década de 1930, um espaço de fundamental importância para os projetos católicos, atuando como lugar de fala de vários intelectuais que buscavam se colocar como agentes atuantes no espaço social católico. Dito isto, precisamos problematizar que espaço católico o jornal “A Cruz” buscou consolidar e, para isso, vários elementos devem ser analisados, desde a nomeação do padre J. Cabral como editor chefe do periódico, passando pelo exame do discurso mais presente nas folhas do jornal e chegando até ao próprio *locus*, no qual o jornal esteve inserido.

Para que possamos avançar na classificação de qual espaço social católico o jornal “A Cruz” buscava legitimar, precisamos compreender que existia uma série de grupos católicos, que muitas vezes se posicionavam nas extremas esquerda e direita, além de ao centro. A respeito dessas divisões, Renato Moro⁵ realiza uma classificação e uma tipologia dos grupos da esquerda, do centro e da direita católica, apresentando seus principais posicionamentos. A escolha do padre J. Cabral como redator, nos indica uma importante pista da direção que o jornal “A Cruz” pretendia tomar. Sendo ele norte-rio-grandense, não fazia parte do circuito da

⁴ Fazemos uso do conceito de campo na perspectiva de Bourdieu, para o qual a noção de campo está interligada ao espaço social, sendo o espaço social constituído pela própria sociedade, no seio da qual se produzem campos relativamente autônomos, como é o caso do campo religioso que é constituído de uma série de lutas e distribuição de bens simbólicos.

⁵ Ideia retirada do artigo “System of the Heavens” de Renato Amado Peixoto.

centralidade católica que englobava Niterói, Petrópolis e a capital federal. No entanto, ele figurava como um representante de uma ala classificada como reacionarismo católico, segundo Peixoto (2016): o reacionarismo católico era profundamente nacionalista e sempre antissemita, sendo ainda, ferrenho defensor dos valores familiares e religiosos e totalmente avessos à modernidade. Acreditamos ter sido essa posição do padre J. Cabral junto ao reacionarismo católico que possibilitou um rompimento na lógica de centro/periferia⁶, que acabou por colocar um representante da periferia em um jornal fixado no centro do poder católico. Entendemos que a presença do jornal “A Cruz”, do Centro dom Vital, da nunciatura apostólica, da editora *Vozes de Petrópolis*, bem como a atuação de dom Sebastião Leme, único cardeal sul-americano e arcebispo do Rio de Janeiro, formam um circuito de centralidade que espacializa⁷ a região nos entornos do Rio de Janeiro como centro do poder de uma Igreja do Brasil governada nos princípios e discursos da Neocristandade.

A Liga Eleitoral Católica: braço político da Neocristandade

Por meio da leitura do jornal “A Cruz” e dos Anais da Assembleia Nacional Constituinte, volume V [1933 - 1934]⁸, percebemos que a Igreja buscou todo apoio possível para atingir seus objetivos na Constituição de 1934, com a criação da Liga Eleitoral Católica (LEC), a Igreja angariou apoio de todos os candidatos que, minimamente se propusessem com suas causas, mesmo que esses candidatos não fossem católicos e/ou fizessem parte de partidos que possuíssem ideologia diferente da Igreja. Essa estratégia adotada pela Igreja tinha por objetivo conseguir interferir, por meio dos candidatos eleitos com seu apoio na elaboração da Constituição de 1934. Possuindo uma pauta de interesses e não querendo formar um partido católico, a estratégia usada por ela foi realizar esse conluio que se mostrou bem sucedido, sobretudo para a Igreja que conseguiu imprimir na Constituição de 1934 ganhos maiores do que sua pauta mínima.

A criação de uma Liga Eleitoral esteve dentro das principais atitudes tomadas por dom Sebastião Leme, perseguindo o principal objetivo do projeto da Neocristandade, que era recatolizar o Brasil, ele criou essa liga que seria capaz de barganhar o apoio dos políticos que pretendiam se lançar candidatos para composição da Constituinte de 1933. O cardeal Leme

⁶ Usamos aqui a relação centro e periferia como proposta por Edward Shils. Para o qual, o conjunto de valores compartilhados é importante nas relações entre centro e periferia, possibilitando que haja uma relação entre esses espaços.

⁷ Fazemos uso do conceito de espacialização como proposto por Peixoto, ou seja, como uma fabricação dos espaços.

⁸ Disponível no *site* da Biblioteca digital da Câmara.

possuía uma grande compreensão do cenário político brasileiro, sendo conhecedor das dificuldades de se fundar um partido nacional em um país geograficamente extenso e com forte influência de grupos oligárquicos locais. Diante disso, ele vai negociar com uma moeda que unia pelo menos 90% dos brasileiros na época, a fé católica. O que a LEC oferecia aos candidatos em troca de apoio à pauta da Igreja eram os votos de uma esmagadora maioria de brasileiros católicos. Com essa estratégia a LEC apoiou vários candidatos que foram eleitos e tornaram-se porta-vozes da Igreja nas discussões sobre a elaboração da Constituição de 1934.

Encaminhamentos, escolhas e justificativas

Apresentada à problemática e as questões que norteiam esta dissertação, passaremos a discorrer sobre nossas escolhas e encaminhamentos. O recorte temporal dessa pesquisa se justifica devido três percursos metodológicos que desejamos seguir. No dia 02 de janeiro de 1930, o jornal “A Cruz” trouxe a seguinte nota na sua coluna administrativa: “O Revmo. Pe. J. Cabral, que vinha servindo de secretário, ficou com toda responsabilidade da redação⁹”. A escolha pelo ano de 1930 como início da nossa pesquisa se justifica devido essa mudança no corpo editorial do jornal, uma vez que entendemos que a nova função ocupada pelo padre J. Cabral necessita ser investigada, abrimos aqui um breve parêntese para explicar a importância do editor em um periódico católico, a função do editor não se restringia apenas a revisão dos textos, ele era responsável por selecionar os textos que seriam impressos, organizar de que forma esses textos seriam diagramados e tomava a responsabilidade por todos os textos que não eram assinados, com exceção das colunas dos assinantes. Desta forma, podemos afirmar que o jornal católico era, em grande medida, reflexo do seu editor. Toda essa importância do editor do jornal torna relevante buscarmos explicar como se deu a chegada do padre J. Cabral a essa posição e entendemos que ela pode ser compreendida a partir das *redes de sociabilidades*¹⁰ construídas por ele, e ainda pelo potencial do seu discurso reacionário¹¹ que possuía nesse momento um forte valor simbólico para Igreja. Atrelado a esse fato que tem relevância para a História Local, pois buscaremos estudar um personagem norte-rio-grandense

⁹ Jornal A Cruz, ano XII, nº 5, Rio de Janeiro, 1930, p. 02

¹⁰ Usamos aqui o conceito forjado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu. Para o qual, as aproximações são feitas a partir das sociabilidades. Na sua obra *A Distinção*, sociólogo francês apresenta um famoso gráfico que, em grosso modo, mostra como as sociabilidades são responsáveis por encontros e tomadas de posição. Entendemos que a perspectiva de Bourdieu é a que melhor nos auxilia na compreensão das redes formadas pelo pe. J. Cabral.

¹¹ Entendemos que os escritos do padre José Cabral, a exemplo citamos a obra *A limitação da natalidade*, fortemente conservadora e defensora dos princípios da família católica, foram responsáveis por inseri-lo no reacionarismo católico. O diálogo desse grupo com pensamentos compartilhados pela extrema direita fascista foi capaz de produzir um novo espaço social católico.

pouco explorado pela historiografia, nossa análise se inicia no ano da Revolução que colocou Getúlio Vargas no poder, fato que será considerado, pois, a chegada do mesmo ao poder foi importante para a Igreja que ganhou influência e poder político no governo provisório.

As aproximações e acordos políticos feitos pela Igreja durante a elaboração da Constituição de 1934 se constituem como o segundo aspecto que consideramos relevante para este trabalho. No ano de 1932 foi formada a Assembleia Constituinte. A estratégia escolhida pela Igreja Católica para não ficar de fora das discussões sobre a elaboração da nova Constituição foi a formação da LEC, que aglutinou todos os candidatos que se propusessem a defender os interesses da instituição. Nesse sentido, acreditamos que o período entre os anos de 1932 a 1934 foram fundamentais para a consolidação dos objetivos católicos, pois a Igreja buscava reocupar um espaço que fora perdido com a cisão ocorrida após a proclamação da República. Objetivo que alcançou ao conseguir imprimir na Constituição de 1934 uma série de interesses da Santa Sé.

Por fim, analisamos a trajetória do padre J. Cabral que não será estudada de forma individual, mas sim, em conjunto com a de outros importantes nomes do catolicismo brasileiro¹² na década de 1930. Por meio da investigação dos percursos por ele traçados, dos seus escritos – tanto dos artigos assinados no jornal “A Cruz”, quanto dos livros que escreveu e, ainda das redes mantidas por ele no decorrer da primeira metade da década de 1930. Entendemos que as obras *Conceitos e Factos* de 1930 e *A Miragem Soviética* de 1933 foram responsáveis por conferir a ele uma posição de destaque dentro da intelectualidade católica brasileira.

A obra *Conceitos e Factos* pode ser compreendida como um tratado sociológico. Nela o padre J. Cabral apresentou sua visão sobre a sociedade brasileira tocando em assuntos caros como a questão da mulher junto ao cristianismo e do próprio feminismo, sobretudo, o que ele classifica de feminismo aceitável. A escrita do padre Cabral foi fundamental para crivar as suas percepções e compreensões sobre o Brasil e o mundo. Com a publicação de *A Miragem Soviética* em 1933, tornou-se referência no combate ao comunismo, endurecendo o seu discurso anticomunista nas páginas do jornal “A Cruz”. No referido jornal, no mês de Janeiro de 1935, o padre Cabral assina o seguinte artigo: *O Bolchevismo Russo e a Liberdade humana*, os artigos assinados pelo redator não eram tão comuns nas edições dos jornais

¹² Buscamos construir uma trajetória que mostre a ligação entre personagens católicos que entendemos ser centrais para essa investigação. Nesse sentido, a trajetória de dom Sebastião Leme ganhará destaque, sendo ele o principal líder da Igreja católica brasileira no século XX, seria deficitário produzir um trabalho sem atentar para o destaque dele.

católicos, geralmente eles surgiam em momentos que era necessário legitimar com mais veemência determinada posição, como é nesse caso de combate ao bolchevismo. Reproduzo abaixo parte do artigo:

A Internacional Comunista, sob cuja égide vive e perdura o regime estabelecido na Rússia, tende a estender suas atividades subversivas a todos os povos, mantendo bem aceso o facho da revolução proletária, dos odios de classe e das rivalidades internacional.

Os homens que constituem o estado maior do comunismo sabem muito bem que a civilização cristã, fundamentada na indissolubilidade da família, na propriedade particular e no respeito aos direitos naturais do homem, é muito mais forte de que disparos dos canhões, os tiros das metralhadoras e as cargas de baionetas... por isso assentaram contra ela as mais poderosas baterias da impiedade.¹³

O artigo assinado pelo Pe. J. Cabral reflete sua importância no combate ao comunismo soviético, bem como sua posição dentro do reacionarismo católico. Note que no artigo ele aponta que a civilização cristã e a indissolubilidade da família são alvos dos mais ferrenhos ataques dos comunistas. A defesa das instituições católica e familiar era algo marcante dentro do reacionarismo católico que se percebiam como defensores da tradição. Compreendemos que essa atuação do Pe. J. Cabral no jornal “A Cruz” juntamente com suas obras, torna-o um personagem de relevância para os projetos da Igreja.

Entendemos que a análise da peregrinação realizada por este intelectual norte-riograndense, bem como a análise de suas obras e escritos no jornal “A Cruz”, são partes importantes desse trabalho, pois, percebemos que ele contribuiu, por meio dos seus livros e artigos, para a elaboração e execução dos projetos católicos. Acreditamos ainda, que este estudo apresenta relevância para historiografia das religiões no Brasil, haja vista, a quase completa inexistência de escritos sobre este importante intelectual católico brasileiro.

Discussão Historiográfica: campanha pela “boa imprensa”

Desde a primeira metade do século XX, a imprensa torna-se um instrumento importante para divulgação dos projetos católicos, no entanto, nem sempre a leitura foi vista de uma forma positiva, vários pensadores católicos “a viam como um hábito extremamente perigoso e contrário às práticas evangelizadoras da Igreja” (RIBAS, 2011, p. 96). Foi justamente baseada nessa preocupação com a leitura dos fiéis católicos, reforçada pela

¹³ Jornal A Cruz, ano XVII, nº 1, Rio de Janeiro, 06 de Janeiro de 1935, p. 01.

Encíclica do Papa Pio XI¹⁴, que a Igreja sentiu a necessidade de criar uma imprensa católica que foi batizada de ‘Boa Imprensa’, deixando bem claro que a Igreja entendia que existia uma “má imprensa” que deveria ser combatida.

O surgimento de uma imprensa católica no Brasil está ligado ao projeto de oposição a laicização da sociedade e dos costumes. Era preocupação premente da Igreja o combate aos males da modernidade. De acordo com Silveira um fato adicional requer análise específica no caso do Brasil:

O próprio desenvolvimento da fé católica no Brasil se havia feito por uma matriz ibérica na qual o trono e o altar permaneceram ligados através da instituição do Padroado, o que significou para os brasileiros um catolicismo não muito conforme aos padrões romanos e à progressiva normatização e clericalização impostas pela Santa Sé ao longo do oitocentos. De modo que os bispos reformadores se viram diante da dupla tarefa de combater as ideias liberais e republicanas (ambas anticlericais) e reorientar a fé dos brasileiros para o modelo tridentino.¹⁵

Nesse sentido, a imprensa católica brasileira buscava lançar os alicerces para a fundamentação de uma Igreja nos moldes tridentinos, na qual houvesse respeito às tradições e aos pensamentos conservadores da instituição católica. Ao realizar uma análise da gênese da ‘Boa Imprensa’ no Brasil, não podemos deixar de destacar “que esse movimento nasce por meio de pequenas gazetas de circulação quinzenal ou semanal, carregadas de textos polêmicos e apologéticos, que além de um raio de ação muito reduzido, em geral, duravam pouco.” (LUSTOSA, 1983, p. 13). É preciso pontuar esse aspecto para não cairmos no erro da generalização e pensarmos que todos os periódicos católicos possuíam a envergadura do jornal “A Cruz” do Rio de Janeiro. Este jornal deve ser analisado a partir de sua especificidade, pois tratava-se do principal jornal católico em circulação na época, era o jornal da arquidiocese do Rio de Janeiro, principal *locus* do poder católico. São essas características particulares que elevaram a importância do referido jornal, possibilitando que o mesmo possuísse ampla circulação e “vida longa”.

Feitas estas considerações, precisamos voltar e pontuar que foram nesses pequenos jornais, desprezados pela imprensa dos grandes centros e “ridicularizados pelas posições intransigentes e espiritualistas adotadas por seus redatores”, que a Igreja encontrou sua principal “arma de combate” para reforçar uma identidade católica que lhe permitiu, décadas

¹⁴ Fazemos referência à encíclica *Ubi Arcano Dei Consilio*, de 23 de Dezembro de 1922. Apesar de existirem encíclicas anteriores a esta que falam sobre a imprensa, entendemos que para as pretensões desta pesquisa, esta é a que melhor se encaixa.

¹⁵ SILVEIRA, Diego Omar. A peleja pela “Boa Imprensa”: reflexões sobre os jornais da Igreja, a Romanização dos costumes e a identidade Católica no Brasil. In: *ENCONTRO DE HISTÓRIA DA MÍDIA*, 9. 2013, Ouro Preto. Anais... Trabalho apresentado no GT de História da Imprensa. Ouro Preto, 2013. P. 5-6.

mais tarde, alimentar o ideal da Neocristandade, com o seu retorno à cena política e cultural, numa nova e velada aliança entre a Igreja e o Estado, na qual a hierarquia ocupava a condição de “mediadora da salvação e intérprete da Revelação”¹⁶. Entendemos que essa digressão feita pela Rodrigues (1981) é importante para uma compreensão geral da importância da ‘Boa Imprensa’ para os projetos católicos. Afinal, o ideal da Neocristandade será basilar para os interesses da Igreja Católica no período republicano, período, no qual, a Igreja precisará se reinventar, haja vista, as perdas sofridas com o fim do regime do padroado¹⁷.

No contexto do surgimento e consolidação da ‘Boa Imprensa’, como uma das principais ferramentas de combate utilizada pela Igreja, destaca-se a atuação dos intelectuais católicos leigos que foram, em grande medida, os responsáveis por coordenar a campanha da ‘Boa Imprensa’, estando à frente de revistas e periódicos, colocaram sua trajetória como escritores críticos literários e intelectuais a serviço da Igreja.

Buscando analisar a atuação de Otto de Brito Guerra como editor do jornal católico norte-rio-grandense *A Ordem*, Patrícia de Moraes defendeu em 2017 em sua dissertação de mestrado que, entre outros temas, buscou definir o intelectual católico, bem como mostrar o papel do editor nos periódicos da ‘Boa Imprensa’. Citando Sirinelli ela aponta para duas concepções de intelectual católico: Uma “ampla e sociocultural, englobando os criadores e os mediadores culturais, à outra mais estreita, baseada na noção de engajamento, na vida da cidade como ator, em prol de causas que defende”. (MORAIS, 2017, p. 84). Entendemos que essa segunda aceção sobre o intelectual se aplica de forma bastante pertinente à atuação dos editores dos periódicos católicos, seja em Otto Guerra ou no Pe. J. Cabral é perceptível o engajamento e a defesa dos ideais católicos feitos pelos mesmos à frente dos periódicos que dirigiram.

Avançando na definição de intelectual católico e citando Carlos Moura¹⁸, a autora aponta que:

A categoria específica dos intelectuais católicos denota “os religiosos e os leigos que estavam inseridos na estrutura da Igreja, com propostas baseadas na tradição e no conservadorismo, como indivíduo militante dos projetos e instituições confessionais, comprometidos com as ações políticas e sociais da Igreja romana.”¹⁹

¹⁶ RODRIGUES, Ana Maria Moog. “Introdução”. In: *A Igreja na República*. Brasília: UnB: Câmara dos Deputados, 1981. p. 06.

¹⁷ Sobre o regime do padroado no Brasil ver: GOMES, Edgar da Silva. *O catolicismo nas tramas do poder: a estadualização diocesana na Primeira República (1889-1930)*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2012.

¹⁸ MOURA, Carlos André Silva de. *Histórias Cruzadas: debates intelectuais no Brasil e em Portugal durante o movimento de Restauração Católica (1910 – 1942)*. P. 52-53.

¹⁹ MORAIS, PATRÍCIA WANESSA DE. As colunas da ordem: imprensa, identidade e atuação política da Igreja Católica norte-rio-grandense (1930 – 1936). *Dissertação de mestrado UFRN*, 2017. p. 87.

Nesse sentido a autora coloca algo interessante e que é perceptível na nossa análise das fontes e atuação dos principais agentes católicos presentes na nossa investigação: “[...] que, através de um periódico católico, as publicações e propostas de bispos, leigos e homens de letras eram recebidas como verdades, seguidas por seus apoiadores, uma vez que os religiosos estavam no lugar social que garantia a legitimidade das suas ações.” (MORAIS, 2017, p. 88). Parece-nos bem claro que a atuação dos intelectuais católicos (leigos ou ordenados) conferia maior inteligibilidade ao discurso, tornando-o fruto de maior valor no mercado linguístico.

Nas teias da política: a Igreja da Neocristandade

No contexto nacional, a década de 1930 foi de grandes mudanças no campo político, tais transformações fazem parte do contexto da “Revolução de 1930”²⁰, que mudou de forma substancial o cenário político brasileiro. As oligarquias tradicionais perderam parte de sua influência e força política, e novos grupos emergiram como protagonistas, sendo o caso das oligarquias dissidentes. A Igreja Católica não fica alheia a esse momento de transformações políticas, ao contrário, ela vai buscar se posicionar como mais um agente atuante nas discussões em torno da nova configuração política adotada pelo governo de Getúlio Vargas. A criação da Liga Eleitoral Católica foi a principal estratégia adotada pela Igreja para conseguir se articular e angariar apoio político para os seus projetos.

A historiografia que trata da “Revolução de 1930” é bastante extensa e possui uma série de trabalhos clássicos que, invariavelmente, devem ser consultados em um estudo acadêmico. Os livros: *O silêncio dos vencidos* e *A revolução de 1930: história e historiografia* de Edgar De Decca e Boris Fausto são respectivamente dois exemplos de obras consagradas que devem ser consultadas. No entanto, o encaminhamento dessa pesquisa nos conduz a outras discussões, para as quais outras obras nos forneceram melhor diálogo e insumos.

Nossa pretensão é circunstanciar os embates políticos existentes na década de 1930, a partir das relações entre o político e o religioso e, nesse sentido, entendemos que as discussões feitas por Cândido Rodrigues são mais pertinentes para o nosso objetivo. Percebendo as

²⁰ Fazemos uso das aspas por entender que o uso do termo Revolução para se referir ao advento de 1930 não é o mais adequado. A construção dessa ideia de Revolução foi forjada pelos vencedores do processo que culminou com a chegada de Getúlio Vargas no poder, objetivando se desvencilhar da do período anterior que passou a se denominado República Velha. Nesse sentido, entendemos que o termo Revolução deve ser problematizado, fato pelo qual fazemos uso do mesmo com ressalvas.

brechas e transformações políticas ocasionadas pela “Revolução de 1930”, a Igreja buscou se colocar de forma atuante na formulação dos novos projetos sociais e políticos que seriam implantados pelo novo governo. Por meio da LEC, a Igreja criou uma frente de atuação que se posicionou e apoiou agremiações políticas que se comprometessem com as pautas mínimas católicas.

Tipificando a atuação da LEC e mostrando quais eram as suas duas principais preocupações, RODRIGUES escreve:

Portanto, para Alceu Amoroso Lima, a Liga Eleitoral Católica tinha como papel central auxiliar na cristianização da sociedade sob orientação da hierarquia da Igreja, atuando como “órgão lateral” subordinado e limitado, ao contrário do que deveria acontecer com os partidos políticos. Nesse sentido Alceu atua como mediador entre os intelectuais laicos e o clero, principalmente por meio da L.E.C. e da Ação Católica.²¹

A citação apresenta uma das principais questões enfrentadas pela liderança católica da época, diferenciar a LEC de um partido político e, esse papel coube principalmente a Alceu Amoroso Lima que era integrante do corpo diretivo da Liga Eleitoral. O próprio Alceu afirma de forma categórica o que a Liga não era e nem se propunha a ser: “Não somos, não podemos, nem queremos ser um partido [...]; trabalhamos pela Igreja, que é suprapartidária e supranacional porque é de Deus [...]”. (ATHAYDE, 1934, p. 237).

Percorrendo esse caminho, buscamos investigar a tomada de posição da Igreja no campo político a partir das elucubrações feitas por MOREIRA (2013) e PEIXOTO (2016), que analisam esta atuação por meio da compreensão do *metajogo*²² e da *colusão*²³.

Seguindo na investigação da tomada de posição da Igreja Católica frente às transformações ocorridas no campo político, após o advento da República, faremos uso também das discussões presentes em obras clássicas de síntese da história do catolicismo brasileiro contemporâneo, como é o caso do texto de Scott Mainwaring *Igreja Católica e Política no Brasil*, da qual abordamos mais especificamente o capítulo: *A Igreja da*

²¹ RODRIGUES, Cândido Moreira. *Aproximações e conversões*: o intelectual Alceu Amoroso Lima no Brasil dos anos 1928 – 1946. São Paulo: Alameda, 2013. p. 136.

²² O metajogo nesse caso busca compreender como a Igreja mesmo inserida nas disputas políticas da década de 1930, conseguia jogar um jogo que era só seu, ou seja, ela estava no jogo, mas jogava com interesses particulares.

²³ O conceito de colusão nos importa para perceber como a Igreja atuava no campo político, pois, por muitas vezes a Igreja fazia um conluio com grupos políticos que estavam no poder, mesmo que essas alianças parecessem em um primeiro momento ilógico, elas eram feitas visando ganhos futuros. E o conceito nos serve para mostrar que esses acordos feitos pela Igreja não a tornava parte dos grupos da qual se aproximava, mas sim oferecia um favorecimento mútuo.

Neocristandade 1916-1955, no qual é apresentado o conceito de Neocristandade²⁴, basilar para nossa pesquisa. Em sua obra, Mainwaring aponta que o principal objetivo do projeto da Neocristandade, que fora encabeçado pelo cardeal dom Sebastião Leme, era recatolizar o Brasil. Desde muito cedo, a Igreja apresentou uma preocupação com os ideais lançados pela modernidade que era percebido como os males do mundo moderno que deveriam ser combatidos com os instrumentos da fé e da tradição. Nesse sentido Mainwaring, escreve: “A Igreja percebia o mundo moderno como sendo essencialmente maligno porque corroía essa fé devota e encorajava o culto da personalidade, do prestígio, do dinheiro e do poder.” (MAINWARING, 1989, p. 44). O humanismo, o racionalismo e o cientificismo todos eles classificados pela Igreja como males da modernidade eram frequentes alvos de ataques, realizados pela Santa Sé.

Imbuído nos interesses do projeto da Neocristandade estava o desejo da Igreja de influir no campo político. O rompimento da Igreja com o Estado, ocasionado com o advento da República fez com que ela buscasse se reorganizar, o que demandava novas formas de atuação política. Mainwaring aponta que diferente da atuação realizada entre 1891 a 1915, a Igreja da Neocristandade buscou envolvimento com a política:

Em contraste, de 1916 até 1945, líderes católicos se envolveram profundamente na política, tentando utilizar uma aliança com o Estado para influenciar a sociedade. A Igreja desejava que o Estado reinstituísse de uma maneira informal a relação de favorecimento que a separação formal entre a Igreja e Estado terminava do ponto de vista legal. O Estado, percebendo que tinha muito a ganhar com a Igreja, segurou essa oportunidade de negociar alguns privilégios em troca de sanção religiosa.²⁵

Essa relação entre a Igreja e o Estado foi profícua durante o governo Vargas e ofereceu uma série de vantagens para ambos. A Igreja conseguia reaver a sua importância e o governo, por sua vez, conquistava uma chancela religiosa para os seus projetos. Em um país de população majoritariamente católica, ter o aval da Igreja para os seus projetos conferia mais facilidade e maior tranquilidade para o Estado empregar os seus projetos.

Ainda no âmbito das conquistas obtidas por meio do projeto da Neocristandade, a formação e atuação da Liga Eleitoral, se constituiu como uma das principais vitórias da Igreja.

²⁴ Esse conceito define uma Igreja Católica brasileira que passaria a ser mais atuante no cenário político, social e cultural brasileiro. Para Dom Sebastião Leme, grande idealizador do projeto da Neocristandade o catolicismo não deveria ficar recluso ao âmbito privado, mas sim, exercer sua influência também no outros segmentos da sociedade.

²⁵ MAINWARING, Scott. Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985). São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 47.

Criada em 1932 por dom Sebastião Leme, a liga servia para orientar o voto dos católicos. As conquistas obtidas pela LEC durante o governo Vargas foram muitas, segundo Mainwaring:

Até 1937, quando o regime autoritário eliminou os partidos e as eleições, a LEC alcançou muito dos seus objetivos. A maioria dos candidatos por ela favorecidos para a Assembleia Constituinte de 1933 foi eleita. A Constituição de 1934 incorporou as principais exigências da LEC, incluindo o apoio financeiro do Estado à Igreja, a proibição do divórcio e o reconhecimento do casamento religioso, a educação religiosa durante o período escolar e subsídios do Estado para as escolas católicas.²⁶

Não há como negar que a Igreja da Neocristandade conseguiu não apenas se realocar no campo político, como também obteve conquistas significativas, que não possuía nem mesmo quando estava oficialmente ligada ao Estado, ampliando a sua influência no ensino, cultura e na sociedade, algo sempre desejado por ela. O governo Vargas, por sua vez, também conseguiu fazer bom uso dessa relação e colheu os frutos dela oriundos.

Podemos perceber que o cardeal Leme foi figura de extrema importância no cenário político brasileiro durante o governo de Getúlio Vargas. Antes mesmo de Vargas chegar ao poder após a Revolução de 1930, Leme assumiu um papel de apaziguador convencendo o então presidente Washington Luís a renunciar pacificamente. Essa atuação do cardeal Leme lhe conferiu uma posição de destaque junto ao governo Vargas, posição esta que vai servir fortemente aos projetos da Neocristandade dirigido por ele.

Em mais um trabalho de síntese sobre o catolicismo no Brasil, Ralph Della Cava analisa como o Cardeal Dom Sebastião Leme se aproveitou do ambiente de instabilidade política do Brasil após a Revolução de 1930 para recolocar a Igreja em uma posição de destaque junto ao Estado. Nesse sentido, Della Cava escreve:

[...] foi o profundo vazio político gerado pela Revolução de 1930 que transformou a Igreja numa força social absolutamente indispensável ao processo político. Consequentemente, da debilidade “genética” da nova ordem – de 1930 a 1937 – dependia, em última análise o futuro da Igreja.²⁷

A análise feita por Cava nesse trecho sintetiza o pensamento da Igreja na década de 1930, momento no qual, ela vai conseguir assumir um lugar privilegiado no cenário político

²⁶ MAINWARING, Scott. **Op. cit.** p. 48.

²⁷ CAVA, Ralph Della. *Igreja e estado no Brasil do século XX: sete monografias recentes sobre o catolicismo brasileiro*, 1916/1964. XXVI Reunião anual da Sociedade Brasileira para o progresso da ciência. Recife, 1974. p. 15.

brasileiro, que foi conquistado por meio de apoio institucional concedido ao governo Vargas. Apoio este que será cobrado pelo próprio cardeal Leme, que no discurso feito em comemoração a inauguração do Cristo do Corcovado, adverte o governo de forma veemente: “Ou o Estado... reconhece o Deus do povo ou o povo não reconhecerá o Estado.” Essa fala do cardeal Leme dá o tom do que a Igreja desejava, demonstrando claramente que a aliança feita com o Estado requeria um favorecimento.

O discurso anticomunista católico no Brasil

Desde a antiguidade que a Igreja se vê em face de provações e de inimigos que buscam desestruturar e até mesmo aniquilá-la, dentro desse conjunto de inimigos da Igreja, o comunismo no século XX se constitui como o principal adversário, que deve ser combatido à custa da própria sobrevivência do catolicismo. Referência clássica nos estudos sobre o anticomunismo no Brasil, Rodrigo Motta em sua tese de doutoramento: *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917 – 1964)* aponta que: “Para as lideranças católicas o comunismo era um inimigo irreconciliável da Igreja, um desafio à sobrevivência da religião ao qual só podiam responder com luta.” (MOTTA, 2000, p. 35-36). É clara a preocupação da Igreja com crescimento do comunismo, a ponto de transformá-lo em inimigo mortal que deveria ser combatido com força e eficácia.

Na década de 1930, a Igreja vinha buscando se recolocar no cenário político e social brasileiro, como dito anteriormente neste trabalho, a Igreja buscava recatolizar o Brasil e, para isso, segundo Rodrigo Motta:

[...] a campanha anticomunista se inseriu numa estratégia maior da Igreja, que desde a década anterior vinha lutando para recuperar posições perdidas com a implantação da República. O clero católico brasileiro, sob a liderança do Cardeal Dom Sebastião Leme, empenhou-se num esforço de “recristianizar” a população do país, que no seu entender estaria se afastando cada vez mais do caminho traçado pela religião.²⁸

Entendemos que a análise do discurso anticomunista católico requer o uso de ferramentas que tornem capaz a percepção de suas especificidades. É fato que o trabalho do Motta inaugura uma nova discussão sobre o anticomunismo no Brasil, todavia, no que diz respeito ao anticomunismo católico, compreendemos que o autor produz um discurso generalista, no qual, há uma percepção do anticomunismo católico como um discurso homogêneo. Essa lógica de perceber a Igreja como possuidora de um discurso homogêneo é um equívoco partilhado por autores que possuem uma visão apenas institucional da Igreja.

²⁸ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “perigo vermelho”*: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002. p.45.

Abordando essa temática do anticomunismo, o professor Renato Amado Peixoto não discorda de que a Igreja tenha produzido um arrazoado contra o comunismo (PEIXOTO, 2016, p. 09), mas discorda de que esse discurso tenha sido homogêneo e com ideias monolíticas. Continuando nas proposições de Peixoto, sugere-se:

[...] deveria dizer de um anticomunismo católico e que este era parte de uma dialética voltada contra a modernidade, o protestantismo, a maçonaria, o socialismo, o espiritismo, o hermetismo e, mesmo contra certas instituições cujo sentido se detém numa temporalidade restrita, caso do Rotary Club.²⁹

Essa dissertação segue nessa mesma linha analítica, percebendo que o discurso anticomunista produzido pelos intelectuais católicos deve ser analisado a partir dessa lógica não homogênea e de um discurso não monolítico. Entendendo o discurso anticomunista católico como uma elucubração refinada que se lançava contra a modernidade, ampliando assim o leque de inimigos da Igreja.

Por fim, concluímos essa discussão historiográfica fazendo referência a uma série de trabalhos recentemente defendidos no Programa de Pós-Graduação em História da UFRN, tais trabalhos têm em comum o fato de terem sido produzidos sob a orientação do professor Renato Amado Peixoto e versarem sobre as relações entre o político e o religioso, nos fornecendo assim valiosas contribuições.

A dissertação de Daniela Araújo Leirias, intitulada: *O Anticomunismo e a formação da identidade e da espacialidade norte-rio-grandense (1934 – 1937)* é uma dissertação com a qual pretendemos dialogar, pois guarda semelhanças com o que nos propomos a fazer. Metodologicamente nos utilizamos de um periódico como fonte de pesquisa, no caso do texto de Leirias, ela faz uso do jornal “A Ordem”, que foi o periódico católico de maior expressão no Rio Grande do Norte, além de partilharmos um mesmo tipo de fonte primária, partilhamos a análise sobre o discurso anticomunista católico.

Sob orientação do professor Renato Amado, Daniela Leirias consegue perceber algumas especificidades no discurso anticomunista católico, segundo ela:

[...] não existia uma homogeneidade na produção do discurso anticomunista, o que nos possibilitou perceber a diferença da produção do anticomunismo clássico, definido pelo ‘mal do comunismo’ associado à figura do Partido Comunista, e as suas ramificações de viés socialista do anticomunismo católico. Por este último, constatamos a produção de um discurso vinculado aos males e dilemas da

²⁹ PEIXOTO. Renato Amado. *System of the Heavens*: um exame do conceito de ‘Colusão’ por meio do caso da criação do Núcleo da AIB em Natal. Revista Brasileira de História das Religiões, v. 9, 2016. p.128.

modernidade condenados pela Igreja, formulado como estratégia da instituição para dar continuidade a sua atuação na sociedade, especificamente na política.³⁰

Entendemos que a análise do anticomunismo católico carece desse aprofundamento proposto pelo texto de Daniela Leirias. Para entendermos esse tipo de discurso precisamos considerar que o mesmo faz parte de uma estratégia da Igreja, estando assim inserido no *metajogo* político praticado por ela. Na medida em que a Igreja produz um discurso anticomunista, ela busca produzir uma identidade católica que se contrapõe não só ao comunismo soviético, mas sim, a todo um processo de difusão de ideais modernos que são lidos e divulgados pela Igreja como sendo inimigos que devem ser enfrentados. Essa é uma das perspectivas apontadas neste trabalho e, com a qual concordamos, proposta compartilhada pelo grupo de estudos “História, religião e política no mundo contemporâneo”³¹, que vem buscando produzir trabalhos utilizando-se das discussões lançadas pela Religião Política, pretendendo elevar os estudos das relações entre a Igreja e a política para além do viés puramente institucional, pois entendemos que as relações não são dissociadas, mas sim, fruto de um conjunto de interesses compartilhados.

Ainda no âmbito das dissertações recentemente defendidas no PPGH – UFRN, o texto *A assinatura de “Gustavo Barroso”*, de autoria de Antônio Melo Júnior, analisa, por meio das obras de Gustavo Adolfo Doth Luiz Guilherme da Cunha Barroso, como se deu a “autonomização da assinatura “Gustavo Barroso”” (Melo Júnior, 2017, p. 10). Ao se debruçar sobre os escritos de Gustavo Barroso, Melo Júnior percebe que a adoção dessa assinatura pelo autor marca um novo estilo de escrita tomada pelo mesmo.

A assinatura “Gustavo Barroso” marca os livros integralistas, os livros de ensaios políticos e os de interpretação social, o que sinaliza para a ideia de que a assinatura remete a uma forma de narrativa mais metódica, mas séria, mais “científica”. Ela seria expressão mais do Barroso nacionalista, preocupado com a questão do espaço nacional, do que do Barroso folclorista.³²

Entendemos que essa percepção inovadora da assinatura de Gustavo Barroso como produto de uma intencionalidade, nos é útil na compreensão da análise da assinatura do padre

³⁰ LEIRIAS, Daniela Araújo. "Louvado seja o Santíssimo Sacramento": o anticomunismo católico e a formação da identidade e da espacialidade norte-rio-grandense (1934-1937). *Dissertação de mestrado, UFRN*, 2016. p. 151.

³¹ O grupo em questão possui como líderes os professores Cândido Moreira Rodrigues da Universidade Federal do Mato Grosso e Renato Amado Peixoto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O Grupo tem como foco central pensar as relações entre catolicismo e política no mundo contemporâneo, notadamente no período compreendido entre o final do século XIX e início do século XXI

³² MELO JÚNIOR, ANTÔNIO FERREIRA DE. A assinatura “Gustavo Barroso”: análise do discurso narrativo de Ideias e Palavras, A Ronda dos Séculos e Os protocolos dos sábios de São (1917 – 1936). *Dissertação de mestrado, UFRN*, 2017. p. 87.

José Maria dos Passos Cabral, que na medida em que vai tendo o seu discurso transformado, também adota uma assinatura distinta, passando a assinar apenas como José Cabral. Acreditamos que o Pe. J. Cabral adota essa assinatura na medida em que sua trajetória enquanto escritor também vai se transformando, mudança que se processa paulatinamente indo de um escritor do moralismo reacionário, perceptível na obra *Conceitos e factos*, para um escritor do anticomunismo reacionário, algo claro na sua obra *Miragem Soviética* e, por fim, transformando-se em uma das referências do anticomunismo fascista católico, sobretudo, na sua atuação como editor chefe do jornal *A Cruz* do Rio de Janeiro.

Concluimos essa breve revisão de dissertações do PPGH - UFRN que possuem contributos para o nosso trabalho com o texto defendido em 2014 por Elyinaldo Dantas. Ao se debruçar sobre a trajetória de Gustavo Barroso e alça-lo a condição de “Fuher brasileiro”, como presente já no título da sua dissertação, Dantas discorre sobre a atuação de Gustavo Barroso frente ao Integralismo brasileiro. Sendo conhecido autor de produção antissemita, ele vai também ser um dos principais nomes do Integralismo na década de 1930.

Analisando a conjuntura política da primeira metade da década de 1930 no Brasil, identificamos o surgimento de duas frentes políticas antagônicas e fortes, a Aliança Nacional Libertadora e o Integralismo. Estas eram frentes que ofereciam projetos distintos para nação, sobre influencia comunista e fascista respectivamente, eram projetos excludentes. Um dos primeiros líderes católicos a perceber essas forças excludentes foi Alceu Amoroso Lima, preocupado com a manutenção das vitórias conquistadas pela Igreja no âmbito da Constituição de 1934, Alceu Amoroso vai atuar mostrando que era necessário que a Igreja buscasse meios de manter essas conquistas. Sendo assim, a via possível era a de uma aliança com o Integralismo, uma vez que uma coligação com a ANL era algo impossível, uma vez que o anticomunismo era uma das principais retóricas utilizadas pela Igreja.

Em seu estudo Dantas aponta que desde os escritos de Leão XIII (1878 – 1903), por meio de cartas pastorais, encíclicas e bulas papais a Igreja vai alertar os fieis sobre os perigos de uma nação laica (DANTAS, 2013, p. 86). Em busca de minimizar os efeitos nefastos do laicismo a Igreja atuou orientando seus fieis, tecendo alianças e fazendo um ferrenho discurso contrário a esses males modernos. Nesse sentido, ela buscou se associar a grupos que estivesse juntos nesse combate e ideologicamente distantes dessa vertente.

Nessa busca de pontuar cada vez mais o caráter anticomunista da Igreja, alguns líderes católicos ofereceram apoio ao Integralismo. Mostrando essa tendência, Dantas reproduz parte de pronunciamento de Alceu Amoroso Lima na revista *A Ordem*:

Confesso que não vejo outro partido que possa, como a Ação Integralista, satisfazer tão completamente as exigências políticas de uma consciência católica, que se tenha libertado os preconceitos “liberais” [...] Devo entretanto dizer que as “diretrizes” integralistas, já publicadas, nada contém que entrem em choque com a orientação social da Igreja.³³

Na nossa dissertação, a atuação do Pe. José Cabral como redator chefe do jornal “A Cruz” do Rio de Janeiro, seguiu semelhante tendência, adotando um forte discurso anticomunista e apontando caminhos que deveriam ser seguidos pelos católicos.

Acreditamos que esse conjunto de obras aqui referenciadas apresenta um bom panorama da historiografia produzida sobre o tema que nos propomos a estudar, é certo que a bibliografia é bem mais extensa e certamente será consultada e produzirá debates mais profícuos na continuidade desta pesquisa. Ressaltamos ainda, a importância do diálogo com as dissertações recentemente defendidas e vinculadas a nosso grupo de pesquisa, apontando para uma importante tendência de colaboração e continuidade de produção acadêmica.

Estrutura e desenvolvimento

Tendo como base os métodos explicitados, as orientações e as leituras, o texto da dissertação está organizado em três capítulos que se ligam e se desprendem de acordo com os problemas analisados. No primeiro capítulo apresentamos a trajetória dos nossos principais personagens, mostrando como a movimentação e articulações dos mesmos obedeciam à lógica do *metajogo*³⁴ da Igreja católica que pensava e atuava sempre de forma estratégica buscando antever as jogadas dos seus adversários e aliados. A trajetória de dom Sebastião Leme é especialmente importante, pois, compreendemos que foi ele o responsável por organizar uma rede que formou um quadro de agentes que trabalharam para que a Igreja voltasse a possuir e exercer influência no cenário político, cultural e social brasileiro. Nesse capítulo ainda faremos a caracterização do espaço social católico difundido por meio dos periódicos católicos, bem como examinaremos a formação da Liga Eleitoral Católica, principal braço de atuação política da Igreja da Neocristandade.

No segundo capítulo examinamos a consolidação do projeto da Neocristandade no âmbito da sociedade brasileira. Por meio, das páginas do jornal “A Cruz” e da análise dos Anais da Assembleia Constituinte de 1933, realizamos uma análise da reaproximação da

³³ DANTAS, Elyaldo. Gustavo Barroso, o Führer brasileiro: Análise do discurso integralista barrosiano sobre a nação de 1933-1937. *Dissertação de mestrado*. NATAL: UFRN, 2013. p. 87.

³⁴ Utilizamos esse conceito a partir dos insumos oferecidos por Renato Peixoto, mais a frente explicitamos de que forma o operacionalizamos.

Igreja com o Estado. O Cardeal dom Sebastião Leme será figura destacada nesse capítulo, sua atuação se deu desde seu retorno ao Brasil em 1930, quando se colocou como principal mediador entre o presidente Washington Luiz e os líderes da Revolução de 1930. Agindo como mediador dos conflitos o cardeal Leme conquistou prestígio junto ao novo presidente do Brasil, a relação do Cardeal como Getúlio Vargas foi de colaboração e favorecimento mútuo. A atuação da LEC frente a Assembleia Constituinte de 1933 fecha as discussões feitas nesse capítulo, mostrando como a Igreja Católica se valeu do *status* do catolicismo como religião da ampla maioria da população brasileira como forma de influenciar na elaboração da Constituição de 1934.

Por fim, no terceiro capítulo apresentamos a estrutura do jornal “A Cruz”, nosso objetivo é mostrar como esse periódico católico funcionava, tendo em vista ser ele o periódico da Arquidiocese do Rio de Janeiro, analisaremos quais notícias eram mais veiculadas e problematizaremos a presença das mesmas no jornal durante o período recortado. Através disso realizamos a análise de duas das mais importantes obras escritas pelo Pe. J. Cabral: *Conceitos e Factos* e *A Miragem Soviética*. Ao analisarmos a construção narrativa e principais temáticas nessas obras conseguimos tipificar o Pe. J. Cabral como um escritor ligado ao *reacionarismo católico*. O Pe. J. Cabral emprestou os seus escritos ao combate contra os inimigos da Igreja.

A discussão sobre a Constituinte de 1933 fecha esse capítulo, objetivamos mostrar como, por meio, da LEC a Igreja Católica conseguiu influir fortemente na elaboração da Constituição de 1934, sendo destacada participação do Cardeal Leme e de alguns intelectuais católicos nesse projeto de retomada de poder pretendido pela Igreja do Brasil.

CAPÍTULO I – DE SABASTIÃO LEME DA SILVEIRA CINTRA À CARDEAL LEME: TRAJETÓRIA E DESENVOLVIMENTO DA IGREJA DA NEOCRISTANDADE

1.1. O PROJETO DA NEOCRISTANDADE: CONSTRUÇÃO DE REDES E ATUAÇÃO POLÍTICA

A origem do projeto da Neocristandade remonta a 1916 quando o bispo de Recife, dom Sebastião Leme divulga a sua célebre Carta Pastoral, lançando os alicerces de um projeto que possuía o ambicioso objetivo de “recristianizar o Brasil”³⁵. Desde então a atuação de dom Sebastião Leme será no sentido de reestruturar a Igreja Católica do Brasil que precisava adaptar-se para sobreviver em um país que desde a promulgação da Constituição de 1891, se pretendia laico e reformulou abruptamente a sua Constituição sob a égide do Positivismo. A cisão com o Estado que se oficializou por meio da decretação da carta de 1891, exigiu da Igreja uma reorganização interna e externa, pois ela precisava se adaptar aos novos desafios de atuação em um país onde o catolicismo não era mais a religião oficial. E coube a dom Sebastião Leme tomar a frente da Igreja do Brasil, buscando recolocá-la em uma posição de destaque em meio a sociedade brasileira, sendo capaz de influenciar nos campos social, cultural e político.

De acordo com MAINWARING (1989), a Igreja brasileira precisava “cristianizar” as principais instituições sociais, desenvolver um quadro de intelectuais católicos e alinhar as práticas religiosas populares aos procedimentos ortodoxos. Para ele, o projeto católico, encabeçado pelo bispo de Recife, tinha um leque amplo de atuação, não era objetivo da Igreja apenas se adequar religiosamente ao modelo de catolicismo mais próximo do oficial e aceitável por Roma - cabe ressaltar que o modelo do padroado produziu no Brasil uma Igreja distante dos preceitos românicos e mais subserviente ao Estado - ela pretendia se lançar como uma instituição capaz de exercer influência no campo social consolidando o ensino religioso facultativo nas escolas, oferecendo apoio religioso nas instituições militares e atuando em questões como a proibição do divórcio. Para além do campo social, a Igreja também buscava influenciar no campo político e cultural e para tal ela buscou construir uma ampla rede de

³⁵ A Carta Pastoral de S. Em. Sr. Cardeal D. Leme quando Arcebispo de Olinda, saudando os seus diocesanos. Vozes, Petrópolis, s/d (a original é de 16 de julho de 1916).

intelectuais que pudessem militar e propagar os projetos da Igreja nos diversos espaços onde possuíam circulação.

Interessa-nos para esse trabalho, sobretudo, o período entre 1930 a 1935, no entanto, quando se trata do projeto da Neocristandade, não podemos nos eximir da discussão que precede a esse período. De acordo com MAINWARING,

De um modo geral, entre 1890 e 1916 a Igreja se preocupou, sobretudo com a consolidação de reformas internas, mas alguns líderes começaram a promover uma presença mais marcante na sociedade, antecipando o modelo da neocristandade. O surgimento do modelo da neocristandade pode ser datado de 1916, mas os vinte cinco anos precedentes se caracterizam por adaptações institucionais aos desafios de existir numa república secular.³⁶

O texto de Mainwaring nos coloca duas questões, a primeira diz respeito à discussão historiográfica sobre as origens da Neocristandade; existem historiadores que compreendem que a origem da Neocristandade remonta ao final do século XIX, momento no qual há a separação oficial entre o Estado e a Igreja, obrigando-a a se reorganizar para atuação em um estado laico. Na outra perspectiva estão os que compreendem o projeto da Neocristandade como fruto da atuação de dom Sebastião Leme e tendo na sua carta pastoral de 1916 o seu marco inicial. Neste trabalho faremos uso desta segunda vertente historiográfica, pois, acreditamos que é a que melhor compreende o evento, afinal é apenas com atuação de dom Sebastião Leme que o projeto ganha forma e força. Chegamos assim, a segunda questão levantada, ou seja, o período de adaptação interna da Igreja. Entendemos que o período compreendido entre 1890 – 1916 deve ser analisado como um momento, no qual, a Igreja esteve envolta em um processo de autoanálise buscando diagnosticar suas falhas e potencialidades. Esse processo de autoconhecimento da Igreja foi fundamental para que a mesma traçasse linhas de atuação futura, que seria consolidada com o lançamento da Pastoral de dom Leme em 1916, um texto que foi a fundo nos problemas da Igreja brasileira e, ao mesmo tempo, lançou uma série de estratégias de atuação para que a mesma não só sobrevivesse, mas se recolocasse de forma influente na sociedade brasileira.

A nova missão da Igreja liderada por dom Sebastião Leme era “cristianizar a sociedade conquistando maiores espaços dentro das principais instituições e imbuindo todas as organizações sociais e práticas pessoais de um espírito católico” (MAINWARING, 1989, p. 45). Não era objetivo da igreja da Neocristandade se colocar apenas no campo religioso e

³⁶ MAINWARING, Scott. Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985). São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 42-43.

muito menos se restringir a vida privada dos fiéis. Ao problematizar a relação entre o religioso e o político, Aline Coutrot, escreve “À primeira vista, parece que uma diz respeito ao íntimo do ser, a outra ao coletivo.” (COUTROT, 2003, p. 334). Acreditamos que a forma de atuação da Igreja da Neocristandade foi elucidativa ao mostrar que não há uma dicotomia entre religião e política, não atuam de forma distinta, mas sim, imbricam seus interesses de acordo com os objetivos em comum. Dom Sebastião Leme projetou uma Igreja que seria capaz de exercer influência em todas as áreas da sociedade brasileira, o projeto da Neocristandade exigia uma Igreja totalizante e não circunscrita ao ambiente do privado. De acordo com Scott Mainwaring (1989) “A forma de influenciar a sociedade da Igreja da Neocristandade era triunfalista. A Igreja queria “conquistar” o mundo.”, e para alcançar esse objetivo era necessário que ela atuasse de uma forma ampla, não podendo estar restrita a missas e evangelização. Havia ainda a ideia de que se a Igreja não atuasse mediando às relações e influenciando as instituições sociais, estas se corromperiam e caminhariam rumo à perdição, sendo influenciada pelos ideais lançados pela modernidade como o protestantismo, positivismo, liberalismo e, sobretudo, o comunismo.

Ao analisarmos o *metajogo*, no qual, a Igreja e o Estado estavam inseridos na primeira metade da década de 1930, percebe-se que era uma relação lida por ambos os lados, como sendo benéfica, pois, acreditavam que os dois tinham a ganhar fazendo uso dos capitais simbólicos possuídos por cada um. De acordo com Mainwaring:

A Igreja desejava que o Estado reinstituísse de uma maneira informal a relação de favorecimento que a separação entre a Igreja e Estado terminava do ponto de vista legal. O Estado, percebendo que tinha muito a ganhar com a Igreja, seguiu essa oportunidade de negociar alguns privilégios em troca de sanção religiosa.³⁷ (MAINWARING, 1989:47).

É sob essa ótica de comprometimento e ganhos mútuos que analisamos a atuação da Igreja da Neocristandade frente ao novo panorama político brasileiro inaugurado com a “Revolução de 1930”. Ao nos debruçarmos sobre o tema tendo como contexto o momento político ímpar que o país vivia tornar-se compreensível a lógica de atuação tanto da Igreja quanto de Vargas. Chegando ao poder executivo por meio do movimento de 30, Vargas buscava legitimação para o seu governo. Desta forma, ele percebeu que criar uma relação íntima com a Igreja seria importante para a legitimação do seu poder frente a uma grande parcela da população brasileira, assim, foi utilizando essa estratégia que ele firmou alguns acordos com a Igreja católica em troca de uma sanção por parte da mesma. Por outro lado, o

³⁷ MAINWARING, Scott. **Op. Cit.** p. 47.

cardeal Leme percebia que era possível se aproveitar dessa necessidade de Vargas de ser chancelado por uma instituição com força e prestígio em meio a sociedade brasileira. Ao oferecer o apoio da Igreja, dom Leme requereu que o Estado reconhecesse a importância da Igreja para sociedade brasileira e exigiu que a mesma fosse consultada e pudesse ter voz nos projetos pensados para nação.

A Igreja católica da Neocrisandade foi uma Igreja que soube jogar com o político, sob a liderança de dom Sebastião Leme a atuação da Igreja foi política, ela não se percebia como estando acima e nem distante da política, ela se via como sendo parte do meio político nacional. Dom Sebastião era amigo pessoal de Vargas e como tal buscou exercer influência nas decisões de questões que envolvia a causa pública e eram de interesse da Igreja. Mostrando como essa relação do Cardeal com o presidente foi profícua, Mainwaring aponta alguns dos ganhos conquistados pela Igreja: “Ajuda financeira estatal para amparar as escolas católicas, conseguiu vetar o divórcio e reintegrar a educação religiosa durante o período escolar...” (MAINWARING, 1989, p. 47). Essas foram apenas algumas das conquistas obtidas por meio dessa relação íntima entre Igreja e Estado.

Faz-se necessário nesse momento pontuarmos que esse momento vivido pela Igreja após o rompimento com o Estado é estudado sob várias perspectivas. Em alguns estudos utiliza-se o conceito de romanização, recristianização e ainda recatolização para se referir a este período. Julgamos que o conceito de *Neocrisandade* é o que melhor exprime o momento, uma vez que traduz bem a nova fase vivida pela Igreja Católica, ao publicar a sua carta pastoral em 1916, dom Sebastião Leme entendia que era necessário que a Igreja passasse por um processo de reinvenção, nesse novo momento ela não deveria comportar-se apenas como uma instituição religiosa deveria ampliar a sua atuação, influenciando nas instituições, no ensino, na cultura e, sobretudo, na política. Nesse sentido, o projeto da Neocrisandade previa a constituição de uma nova Igreja, mais atuante e mais influente na sociedade.

Desta feita, entendemos que alguns conceitos não traduzem de forma coerente esse novo modelo de Igreja. O conceito de *romanização* diz respeito a um momento específico da Igreja que após o rompimento com o regime do padroado buscou se reaproximar dos preceitos românicos, ou seja, era uma questão doutrinária da Igreja e não um plano de atuação. O uso do termo *recatolização* transmite a ideia de que era necessário que o Brasil voltasse a ser católico, ao analisarmos os censos do período em análise, não percebermos diminuição dos números dos que se professavam católicos. Sendo assim, essa ideia de recatolização não reflete bem os anseios da Igreja da época, que não havia perdido em números, mas sim em

influência. Entendemos que o uso desse termo é fruto de uma interpretação equivocada da convocação de dom Sebastião Leme, quando o mesmo escreve em sua pastoral que era necessário “recristianizar o Brasil”, ele se refere a uma necessidade dos católicos buscarem se colocar de forma influente nos mais diversos campos da sociedade brasileira. Vejamos o que escreve dom Leme em sua pastoral: “Somos a maioria e quase totalidade da nação acabamos de ver. Agora bem; perguntamos: somos uma maioria CONSCIA dos seus deveres religiosos e sociais? Infelizmente, parece-nos que não.”³⁸ É perceptível que não há uma preocupação com o número de católicos, mas sim, uma necessidade premente de que os mesmos fossem conscientes do seu papel na sociedade brasileira. Não queremos com isso refutar o uso dos termos aqui apresentados, mas sim, explicitar a nossa escolha.

Como colocado anteriormente o recorte temporal dessa pesquisa se restringe ao estudo do período compreendido entre 1930 a 1935. Período este que contempla dois grandes acontecimentos da história política recente do Brasil, a saber, a Revolução de 1930, que colocou Vargas no poder, encerrando um ciclo político que se perpetuava desde 1891 e a Revolta Constitucionalista que pode ser estudada como um desdobramento da própria Revolução de 1930. Nossa pretensão nesse momento é analisar as estratégias de atuação forjadas pela Igreja para o período posterior a contensão da Revolução de 1932.

Ao analisar o cenário político brasileiro após a Revolução de 1930, Ângela de Castro Gomes entende que o esse cenário colocou em atuação conjunta uma série de setores que mesmo participantes da revolução passaram a ser marginalizados pelo governo provisório. Segundo Gomes “transcorridos dois anos de governo de “arbítrio”, diversas facções políticas radicalizam suas demandas pela constitucionalização, levando o país a uma guerra civil”. (Gomes, 2000, p. 12). A leitura do cenário político brasileiro dos primeiros anos pós-revolução, nos mostra que a chegada de Vargas ao poder, se deu por meio de um compromisso, convocar uma constituinte que fosse capaz de elaborar uma Constituição que reparasse os erros da Carta de 1891, ao tardar em cumprir com esse compromisso, Vargas se viu pressionado por diversos setores e acabou tendo que lidar com uma guerra civil que foi, em grande medida, fruto da instabilidade causada pela resistência em convocar a eleição constituinte.

Em sua tese de doutoramento, Cândido Moreira Rodrigues analisa a trajetória do intelectual católico Alceu Amoroso Lima, o autor busca realizar essa análise em perspectiva

³⁸ A Carta Pastoral de S. Em. Sr. Cardeal D. Leme quando Arcebispo de Olinda, saudando os seus diocesanos. Vozes, Petrópolis, s/d (a original é de 16 de julho de 1916).

histórica. Tendo como recorte o período de 1938 a 1946, tornar-se parte de seu estudo a Revolução de 1930, da qual faz uma fortuna crítica detalhada. Ao examinar o período logo posterior aos anos 1930, o autor escreve:

Há um processo histórico posterior a 1930, que passa pelo anseio de reconstitucionalização do país com maior ênfase nos fatores que resultam na Revolução de 1932 e culminando daí com a Assembléia Constituinte de 1933 e conseqüente Constituição de 1934. Esses momentos aliam-se mais tarde à chamada Revolta Comunista, em 1935, e à instalação do Estado Novo em 1937, embora esses momentos não atuem necessariamente uns como desdobramentos naturais dos outros. Atuam sim, como bem demonstrou Boris Fausto, como resultantes de um processo histórico onde se confrontavam interesses os mais diversos em torno de ideais e anseios, fossem democráticos, comunistas, socialistas, **católicos**³⁹, ditatoriais, integralistas.⁴⁰

Esse trecho da tese de Rodrigues nos fornece um panorama geral sobre os vários interesses conflitantes que se chocavam nos primeiros anos da década de 1930. É importante colocar que a instauração do governo provisório não deu conta de acalmar o cenário político brasileiro, haja vista, a busca dos mais diversos grupos pela consolidação dos seus interesses. Destacamos a atuação católica nesse contexto, a Igreja atuou como agente político, cabendo aos seus líderes e intelectuais militantes realizar uma leitura do período e propor contribuições. Alceu Amoroso Lima foi um dos principais intelectuais católicos, tendo atuação importante junto ao centro Dom Vital, Lima foi contra a Revolução de 1930. Sob esse aspecto, Rodrigues apresenta a interpretação de Alceu Amoroso sobre a mesma,

Noutro sentido, a Revolução de 1930 que, segundo Alceu, havia sido prevista com “toda a lucidez profética” por Jackson de Figueiredo, era também o resultado mais catastrófico da separação entre a República e a Igreja – segundo Alceu produto de “quarenta anos de ateísmo social”. Era ainda o resultado de uma “Constituição sem Deus, da Escola sem Deus, da Família sem Deus, das consciências sem Deus”. Em sua forma de ver, os intelectuais católicos deveriam lutar com as armas da oração, da organização moral e com a doutrina da Igreja contra o que ele definia como a “Autoridade sem Deus”, entendida ainda como produto de uma “Revolução sanguinária”; isso deveria ser feito com o fim de “restituir à Autoridade o prestígio que a Revolução” lhe havia usurpado.⁴¹

A visão de Alceu Amoroso sobre o período é uma visão crítica de um católico que percebe na separação entre o Estado e a Igreja a origem dos males. Nesse sentido, ele coloca

³⁹ Grifo nosso.

⁴⁰ RODRIGUES, Cândido Moreira. Alceu Amoroso Lima: matrizes e posições de um intelectual católico militante em perspectiva histórica - 1928-1946. Assis: UNESP, 2006. 319 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2006. p. 156.

⁴¹ RODRIGUES, Cândido Moreira. **Op. Cit.** p. 157.

que é necessário que a Igreja volte a possuir influência. Essa interpretação de Amoroso Lima sobre o processo revolucionário e sobre a forma que a Igreja deveria se comportar, foram traduzidas e colocadas em prática por meio da atuação da LEC.

Como dito anteriormente, nos interessa analisar de que forma a Igreja católica atuou nesse cenário de instabilidade política e de escrita de uma nova Constituição. No plano inicial a forma de agir da Igreja foi de cooperação, dom Sebastião Leme negociou diretamente com Vargas vários interesses institucionais em troca de sanção religiosa. A atuação da Igreja na Constituinte de 1933 foi mais contundente, passando pela construção de uma liga que atuou orientando o voto dos católicos. De acordo com Mainwaring,

Uma das expressões mais destacadas da neocrisandade era a Liga Eleitoral Católica (LEC), criada por Leme em 1932 para orientar os católicos como votar. A LEC não estava ligada a nenhum partido político em particular, mas era avidamente anticomunista. Geralmente estimulava os católicos a votar de maneira conservadora e a promover candidatos que adotavam posições favoráveis às principais questões católicas da época.⁴²

Entendemos que a LEC foi o braço político da Igreja da Neocrisandade, a sua criação se coincide com o período turbulento de 1932, foi um projeto pensado dentro de um contexto de instabilidade política e que vislumbrava a possibilidade da Igreja se recolocar no cenário político brasileiro como protagonista. A estratégia adotada pelo cardeal Leme foi o de conferir apoio aos candidatos que se propusessem a defender os interesses católicos, Leme não pretendia inflar o cenário político brasileiro com a criação de um novo partido, o que no entender dele não agregaria, mas sim causaria uma divisão dos votos católicos. Por afim, ao analisarmos o texto da Constituição de 1934, é possível concluir que a estratégia adotada pelo líder da Igreja da Neocrisandade foi extremamente bem sucedida, uma vez que todas as pautas católicas foram atendidas e se tornaram parte do texto da nova Constituição brasileira.

Esse percurso realizado objetivava mostrar como a Igreja católica do Brasil foi, na primeira metade da década de 1930, uma instituição que pensava e atuava politicamente, não há como dissociar o religioso do político nesse contexto, pois, eles convergem. A aproximação entre o cardeal Leme e Getúlio Vargas foi fruto de um interesse mútuo, ambos buscavam a consolidação dos seus projetos, a Igreja ganhou ao se aliar de forma extraoficial com o Estado, conseguindo assim voltar a possuir influência na sociedade, cultura e política nacional e Vargas, por sua vez, obteve o apoio de uma instituição que poderia lhe oferecer chancela religiosa e, por conseguinte legitimar o seu governo.

⁴² MAINWARING, Scott. **Op. Cit.** p. 48.

1.2. ESTRATÉGIAS ESPACIALIZANTES DA IGREJA

Tentar compreender uma vida como uma série única e, por si só, suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outra ligação que a vinculação a um “sujeito” cuja única constância é a do nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar um trajeto de metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diversas estações.⁴³

O nosso objetivo neste capítulo é analisar a construção de um espaço social católico⁴⁴, com centralidade no Rio de Janeiro⁴⁵. Nessa perspectiva buscaremos apresentar como uma série de indivíduos e instituições se movimentou, construindo uma rede de relações e aglutinando uma grande quantidade de capital religioso que possibilitou a transformação do Rio de Janeiro no centro do catolicismo brasileiro na primeira metade da década de 1930.

Cabe-nos ressaltar que há na historiografia uma tendência de naturalização das relações entre o religioso e o político. Nesse sentido, Peixoto aponta

[...] que desde o século XVIII instituiu a ideia da separação das esferas do religioso e do político. Portanto, as categorias 'religioso' e 'Religião' já estariam condicionadas por uma fabricação que oblitera a observação do investigador ao enfatizar não apenas a separação entre Igreja e Estado, mas também a instruir teorias que pensam as categorias 'religioso' e 'Religião' tão somente no invólucro da 'invenção'.⁴⁶

Essa perspectiva de analisar os fenômenos do religioso e do político sempre de forma separada, acaba por condicionar os historiadores a uma visão naturalizada da participação da Igreja nos eventos políticos. A própria ideia da existência de um espaço social católico é muitas vezes rechaçada, pois, esse espaço acaba sendo percebido como algo inerente a coletividade, não sendo necessário analisar a sua constituição e particularidades. Se colocando de forma contrária a essa visão naturalizada dos historiadores secular, Peixoto escreve:

Por conta destes problemas o analista que pensa a religião enquanto uma construção coletiva, cujos liames e conexões de sua relação com o político haveriam de ser inquiridos dela mesma, necessitaria levar em conta a tensão gerada pelo discurso

⁴³ BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papirus. p. 81.

⁴⁴ Usamos o conceito de espaço social conforme o proposto pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, para o qual o mesmo é determinado por estruturas sociais objetivas, ou seja, por uma multiplicidade de campos sociais (nos interessando aqui, sobretudo, o campo religioso), independente da consciência e da vontade dos indivíduos, mas que são capazes de orientar suas práticas e representações.

⁴⁵ Compreendemos que o conceito de Bourdieu não contempla divisões regionais do espaço social, mas sim o compreender a partir de sua totalidade. No entanto, damos ênfase ao espaço do Rio de Janeiro, pois, compreendemos que os demais espaços acompanham a distribuição de capital oriunda desse centro, que tornar-se assim, um centro de produção e difusão do capital religioso.

⁴⁶ PEIXOTO, Renato Amado. *Da Liga Eleitoral Católica à Reação Nacionalista: o percurso do Catolicismo brasileiro rumo à colusão com o Fascismo*. Texto submetido à Revista Brasileira de História das Religiões. 2016. p. 02.

moderno, pois este constituiu uma autoidentidade para o historiador secular, histórica e conceitualmente parasitária da invenção do religioso e da Religião.⁴⁷

Buscando nos desvencilharmos de qualquer tipo de visão naturalizada e realizando uma análise das nossas fontes, nos parece bem clara a constituição desse espaço social católico que é frequentemente utilizado como mercado linguístico, no qual, os bens simbólicos referentes ao capital religioso são distribuídos. Os agentes católicos atuavam por meio de jornais, revistas e livros consolidando posicionamentos, como foi o caso do projeto da Neocristandade e o reacionarismo católico, posições da Igreja que eram amplamente difundidas visando alcançar uma série de indivíduos que compoem esse espaço católico conferiam valor aos discursos veiculados por esses meios.

Por conseguinte, temos compreendido que esse espaço social católico possuía um lugar central, no qual, os agentes possuidores de maior capital religioso se aglutinaram e passaram a exercer influência. No nosso entendimento o Rio de Janeiro se consolidou na primeira metade década de 1930 como esse *locus* central de produção e difusão do discurso católico, foi a presença de líderes da Igreja como dom Sebastião Leme e dom José Araújo; dos intelectuais católicos Alceu Amoroso Lima e o Pe. J. Cabral e ainda de importante meios difusores como o centro *Dom Vital*, a revista *A Ordem* e o jornal *A Cruz*, que estabeleceram a capital da República como centro do catolicismo brasileiro.

A Igreja Católica no Brasil possuía uma lógica espacializante intencional que necessitamos compreender para avançarmos na compreensão dos deslocamentos da mesma. A configuração espacial da Igreja se modifica no tempo e no espaço de acordo com suas estratégias e interesses, logo não tratamos aqui de uma instituição estática, mas sim, dinâmica, capaz de se *espacializar e des-espacializar*⁴⁸ conforme os seus projetos. De acordo com Della Cava:

No fim dos anos 20, a Arquidiocese do Rio de Janeiro estava a caminho de se tornar o centro do poder nacional da Igreja e, pelo início dos anos 30, eclipsaria, por fim, a primazia canônica da Sé da Bahia. Na verdade, o deslocamento histórico das forças políticas, econômicas e institucionais do Brasil no nordeste para o centro-sul, que vinha se operando desde meados do século XX, só se completaria nesse momento.⁴⁹

Esse deslocamento do centro do poder católico para o Rio de Janeiro no fim dos anos 20 e que se consolidou na década de 1930, se deu devido à estratégia da Igreja de se situar de

⁴⁷ PEIXOTO, Renato Amado, 2016. **Op. Cit.** p. 03.

⁴⁸ Fazemos uso do conceito de espacialização como proposto por Peixoto, no seu artigo *A flecha e o alvo*, ou seja, com uma fabricação dos espaços e conseqüentemente a des-espacialização assume o sentido contrário.

⁴⁹ CAVA, Ralph Della, 1974. **Op. Cit.** p. 13.

modo a estar mais próxima do poder econômico, cultural e político brasileiro, bem como devido a grande quantidade de agentes possuidores de capital religioso que intencionalmente se aglutinaram na capital da República, sendo atestado pela concentração no Rio de Janeiro do único cardinalato da América do Sul, da residência do Núncio apostólico, da principal revista católica, *A Ordem* e de um dos principais periódicos católicos, o jornal *A Cruz*. Todo esse deslocamento de efetivos para o Rio de Janeiro tinha por objetivo consolidar o espaço da capital federal como principal centro do poder católico do Brasil. Podemos entender essa lógica espacial da Igreja por meio do que ROSENDAHL e CORRÊA (2006), classificam como *seletividade espacial*:

Uma prática espacial amplamente adotada no processo de decisões locacionais, as quais estão associadas ao processo de difusão espacial. A seletividade, no entanto, deriva de uma combinação entre atributos das localizações, mutáveis ao longo do tempo, e as necessidades e possibilidades da Igreja Católica de construir, reconstruir e controlar territórios religiosos.⁵⁰

Nesse sentido, percebemos que a Igreja buscava se colocar em espaços onde ela estivesse estrategicamente posicionada, podendo assim exercer influência política, social e cultural. Desta forma, entendemos que o deslocamento do poder da Igreja da então região Norte para o Centro-sul do país, se corrigirmos e continuarmos utilizando a configuração espacial colocada pelo Della Cava, se deu devido à necessidade da mesma se estabelecer presencialmente nas disputas sociais e políticas advindas do novo panorama brasileiro, oriundo da Revolução de 1930.

De maneira geral nossa análise busca compreender como a Igreja Católica se *espacializa*, ou seja, como ela fabricou espaços, na primeira metade da década de 1930. Interessando-nos para constituição desta pesquisa os seguintes espaços: o espaço discursivo que era ocupado pelos jornais católicos que reproduziam um discurso elaborado pela Igreja e buscava orientar o desenvolvimento dos fieis dentro dos preceitos da Santa Sé; o espaço institucional da Igreja, sobretudo o Rio de Janeiro que é compreendido como o centro do poder católico na década de 1930 e, por fim, o espaço social católico que é construído a partir da distribuição de uma série de bens simbólicos que é direcionado a receptores específicos, que lhe atribuíam um valor.

⁵⁰ ROSENDAHL, Z. Espaço e Religião: Uma Abordagem Geográfica. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2ª edição, 2002. P. 27.

1.3. TRAJETÓRIA DO MAIS DESTACADO PERSONAGEM DA IGREJA DA NEOCRISTANDADE

Ao nos debruçarmos sobre uma bibliografia especializada e avançarmos na análise das nossas fontes, fomos percebendo a constância da presença de alguns indivíduos nos mostrando que era necessário atentarmos para o protagonismo de alguns personagens de relevância para a Igreja Católica na primeira metade da década de 1930. A partir de então buscamos analisar a trajetória dos mesmos, mas assim como propõe Bourdieu, tais trajetórias e atuação não serão analisadas de forma individual e linear, o que buscamos é perceber como os deslocamentos, as aproximações, as redes formadas por esses indivíduos obedeciam a uma lógica estratégica da Igreja Católica do Brasil, que nesse momento estava em processo de reorganização e buscava reocupar um espaço de relevância no campo político, social e cultural brasileiro.

Ao pesquisar qualquer tema que envolva a Igreja Católica brasileira na década de 1930, o pesquisador irá inevitavelmente encontrar uma quantidade significativa de referências endereçando Sebastião Leme da Silveira Cintra. É consolidada pela historiografia a importância dele no cenário político e religioso brasileiro na primeira metade do século XX. A atuação de dom Leme frente à Igreja Católica brasileira foi fundamental para que a mesma conseguisse se reorganizar após as perdas sofridas com o advento da Proclamação da República e a adoção de uma Constituição embebida pelo ideal positivista. Nesse sentido, buscaremos investigar a trajetória e atuação do jovem Sebastião Leme até ao cardinalato como sucessor do cardeal Arcoverde. Entendemos que essa investigação deve levar em consideração a rede de relações e cooperação que o mesmo foi capaz de construir ao longo da sua trajetória, é importante perceber que a construção de uma rede de alianças feitas por Dom Sebastião Leme tinha como objetivo criar um grupo coeso capaz de colocar em prática o seu projeto da Neocristandade e, ao longo da sua vida ele foi montando essa extensa rede de colaboradores que tiveram uma importante atuação na busca pela concretização dos objetivos da Igreja.

Nesse primeiro momento, realizaremos uma análise cronológica linear da trajetória⁵¹ do personagem que consideramos central para os projetos da Igreja na primeira metade da década de 1930. Faremos isso por uma escolha metodológica, pois, entendemos que para uma melhor compreensão do trabalho faz-se necessário partir do conhecimento de quem foi

⁵¹ Para um aprofundamento sobre o conceito de trajetória ver: Bourdieu, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas SP: Papirus, 1996. P. 74 – 82.

Sebastião da Cintra Leme, para só posteriormente fazer uma análise não linear da sua trajetória e construção de redes.

Nascido no município de Espírito Santo do Pinhal, São Paulo, em 1882, Sebastião da Cintra Leme vai ao longo da sua trajetória tornar-se o principal nome da Igreja Católica do Brasil no século XX. Desde o seu ingresso no Seminário Menor Diocesano de São Paulo no ano de 1894, o jovem Leme se destaca dos seus pares e é enviado para Roma a fim de concluir seus estudos na Universidade Gregoriana, após quase uma década na Europa, Sebastião Leme volta ao Brasil, possuidor de um grande capital cultural e religioso e passa a exercer o sacerdócio em São Paulo, onde já realiza uma atuação destacada que o fará receber o convite do cardeal Arcoverde para tornar-se bispo auxiliar no Rio de Janeiro.

Antes de analisarmos a relação de Sebastião Leme com o cardeal Arcoverde, cabe aqui mostrar que já no seu primeiro trabalho, em São Paulo, Sebastião Leme vai ter uma atuação destacada. É na capital do Estado de São Paulo que ele se depara com seus primeiros desafios, havia em São Paulo um forte anticlericalismo nos meios intelectuais e políticos. Esse anticlericalismo era tamanho que existia na capital um periódico chamado *A Lanterna: folha anti-clerical e de combate*, o jornal possuía publicação semanal e tinha como destaque notícias e artigos que atacavam a Igreja Católica, bem como os seus principais líderes⁵². Ao perceber esse forte sentimento anticlerical Sebastião Leme vai atuar na frente de evangelização e também vai organizar um jornal católico voltado para a defesa da religião e do clero, a *Gazeta do Povo*. A escolha de Sebastião Leme por organizar um jornal católico, capaz de se opor ao jornal anticlerical, obedece à lógica do projeto da boa imprensa, que entendia ser necessário que a Igreja combatesse a má imprensa. Algo que fica explícito no Estatuto da Liga da Boa Imprensa, que em seu capítulo I, artigo segundo, inciso único define: “Além do auxílio pecuniario os socios da <Liga> esforçar-se-ão pela diffusão dos bons jornaes, a estes amparando por todos os meios e comprometendo-se a não ler os livros e jornaes máos e impedir a sua diffusão”⁵³. O documento é comprobatório de que a Liga da boa imprensa tinha como propósito bem definido atuar não apenas na produção de literatura confessional, mas sim, criar uma ampla frente de atuação que militasse contra a imprensa laica, compreendida como sendo má. Em 1905, o padre Leme encerra essa primeira pausa em

⁵² Encontramos nesse periódico várias menções ao D. Sebastião Leme, os ataques feitos ao mesmo demonstram a importância que possuía.

⁵³ O estatuto da Liga da Boa Imprensa foi replicado na tese de doutorado de Edgar da Silva Gomes (p.259-261), intitulada: O catolicismo nas tramas do poder: a estadualização diocesana na Primeira República (1889 – 1930).

sua trajetória como líder católico deixando a paróquia de Santa Cecília para tornar-se professor de filosofia do Seminário Episcopal de São Paulo.

Já em 1908, o novo bispo da Diocese de São Paulo, dom Duarte Leopoldo, nomeou o padre Leme como diretor do *Boletim Eclesiástico*. Nesse jornal, Leme vai escrever vários artigos sob o pseudônimo de *Senex*, não é por acaso a escolha por esse pseudônimo, na psicologia de Carl Jung, *Senex* é um arquétipo que denota um velho sábio, ao usar esse pseudônimo, o jovem padre buscava a autoridade de um sábio ancião capaz de aconselhar com sabedoria, fazendo assim, contraposição ao arquétipo *Puer* que é compreendida como a eterna criança que vive em um mundo de sonhos. A respeito do arquétipo do velho sábio Jung coloca:

O Velho Sábio aparece nos sonhos como mago, médico, sacerdote, professor, catedrático, avô ou como qualquer pessoa que possuía autoridade. O arquétipo do espírito sob a forma de pessoa humana, gnomo ou animal manifesta-se sempre em situações nas quais seriam necessárias intuição, compreensão, bom conselho, tomada de decisão, plano, etc, que no entanto não podem ser produzidos pela própria pessoa.⁵⁴

A citação denota bem o que o padre Leme necessitava no início do seu ministério. Nesse sentido, ao adotá-lo o jovem Leme buscou se apresentar como alguém comprometido com suas vivências, sempre carregado com muitas responsabilidades e cuidados para com tudo o que o cerca, ou seja, desde muito cedo ele se apresentou como alguém de liderança, capaz de conduzir a Igreja do Brasil, coisa que de fato fará em um futuro próximo. Ainda em São Paulo, vai tornar-se pró vigário-geral da diocese, em 1910, tornando-se rapidamente a principal figura da Confederação Católica⁵⁵, organismo destinado a coordenar todas as associações de ação católica no âmbito da diocese. É nessa condição, que o cônego Leme vai promover uma grande manifestação pública contra a visita do político anticlerical francês Georges Clemenceau⁵⁶, que ocorrera em 1910 na capital paulista.

⁵⁴ JUNG, C. G. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. 11. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014. p. 213.

⁵⁵ Aqui nos cabe colocar que o jornal A Cruz do Rio de Janeiro, uma de nossas principais fonte de pesquisa, vai se tornar na década de 1930 o órgão oficial da Confederação Católica. Fato que corrobora com nossa tese de que Dom Sebastião Leme concentrou no Rio de Janeiro forças que o configurou como lugar central do catolicismo e consequentemente da Neocristandade. Na própria epigrafe do jornal se ler “Sob os auspícios da Confederação Católica”.

⁵⁶ Clemenceau foi um estadista francês, ocupou vários cargos políticos e tinha uma destacada atuação anticlerical, foi o responsável por tornar capaz a separação entre a Igreja e o Estado no início do século XX na França.

1.4. A RELAÇÃO COM O CARDEAL ARCOVERDE E A NOMEAÇÃO COMO BISPO DE OLINDA

O início da trajetória e atuação de destaque do cônego Leme em São Paulo, chamou a atenção de Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, cardeal e arcebispo do Rio de Janeiro. Arcoverde o convidou para tornar-se bispo auxiliar do Rio de Janeiro, convite que foi inicialmente recusado por Leme, que possuía, no momento, apenas seis anos de sacerdócio e o desejo de continuar com o trabalho de evangelismo e combate ao anticlericalismo em São Paulo. Esse ponto da trajetória de Dom Sebastião Leme nos parece um exemplo prático da teoria de Bourdieu, para o qual,

Os acontecimentos biográficos definem-se antes como alocações e como deslocamentos no espaço social, isto é, mais precisamente, nos diferentes estados sucessivos da estrutura de distribuição dos diferentes tipos de capital que estão em jogo no campo considerado. É evidente que o sentido dos movimentos que levam de uma posição a outra (de um editor a outro, de uma revista a outra, de um bispo a outro etc.) define-se na relação objetiva entre o sentido dessas posições no momento considerado, no interior de um espaço orientado.⁵⁷

Ao pesquisarmos a trajetória de Sebastião Leme, percebemos que a mesma se constitui de uma série de alocações e deslocamentos, é só na sua segunda ida ao Rio de Janeiro que ele teve uma pausa significativa, antes disso sua trajetória é constituída de idas e vindas, que eram fruto da necessidade de utilização dos capitais cultural e religioso possuídos pelo mesmo em favor da Igreja em certos espaços.

A posição de Leme de permanecer em Olinda não resiste à insistência do cardeal Arcoverde, que percebia no jovem cônego um perfil que se fazia necessário na arquidiocese do Rio de Janeiro naquele momento. Sendo assim, o jovem Leme aceita o convite do cardeal em dezembro de 1910 e desloca-se para a capital do país. Logo nos primeiros meses de 1911, ambos seguiram para Roma, onde Sebastião Leme foi sagrado bispo de Ortósia no dia 4 de junho em cerimônia realizada na capela do Colégio Pio Latino-Americano. É nesse momento que a figura do agora dom Sebastião Leme ganha destaque e o mesmo vai se configurando como um dos principais personagens da Igreja Católica do Brasil.

Logo nos primeiros contatos ficou claro que a atuação conjunta do cardeal Arcoverde e de dom Sebastião Leme não seria harmônica, ambos eram homens de liderança e, a presença dos dois no mesmo lugar de atuação tornou-se conflituosa. A partir de então o cardeal

⁵⁷ BOURDIEU, Pierre. Razões práticas: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 1996. p. 81.

Arcoverde buscava uma oportunidade de transferir dom Leme para outro lugar de atuação, o que vem a ocorrer em 1916 com a vacância da arquidiocese de Olinda. O ano de 1916 é emblemático na trajetória de dom Sebastião Leme, pois, é nesse ano que ele publica a sua famosa carta *Pastoral Saudando a sua Archidiocese* que tornou-se o alicerce do projeto da *neocristandade*⁵⁸, projeto extremamente ambicioso que tinha dentre os seus principais objetivos fazer com que a Igreja Católica reconquistasse o prestígio perdido com o advento da Proclamação da República.

Nesse ponto precisamos evidenciar que existe um debate historiográfico sobre em que momento o projeto da Neocristandade teve início. No Artigo *A pastoral de Dom Sebastião Leme em 1916 e o projeto de politização do Clero*, Moura se posiciona reconhecendo a importância da Carta Pastoral para o movimento católico, mas afirma que as fontes consultadas na elaboração do seu trabalho demonstram que a temática já era debatida desde o final do século XIX. (Moura, 2015, p. 26). De fato, as fontes atestam esse debate anterior, porém, entendemos que é somente com a Pastoral de dom Sebastião Leme que o projeto da Neocristandade ganha corpo, sendo assim, nessa dissertação corroboramos com a vertente historiográfica que percebe a carta de D. Leme como marco inaugural do projeto de transformação cultural e religiosa esboçado por ele. E nesse sentido, concordamos com o brasileiro Scott Mainwaring, que em seu trabalho de síntese sobre a Igreja Católica do Brasil e sua relação com a política, dedica um capítulo ao estudo do modelo da Neocristandade, nesse capítulo ele afirma que,

Embora a visão de D. Sebastião Leme tivesse precedentes, não seria antes da década de 20 que esse novo modelo de Igreja, o modelo da neocristandade, viria a florescer. Ela atingiu seu apogeu de 1930 a 1945, quando Vargas era presidente. A Igreja permaneceu politicamente conservadora, se opondo a secularização e às outras religiões, e pregava a hierarquia e a ordem. Insistindo em um catolicismo mais vigoroso e que se imiscuisse nas principais instituições e nos governos, as atitudes práticas das pastorais da neocristandade se diferenciavam das anteriores. Assim conseguia o que percebia como sendo os interesses indispensáveis da Igreja: a influência católica sobre o sistema educacional, a moralidade católica, o anticomunismo e o antiprotestantismo. Através do modelo da neocristandade a Igreja revitalizou sua presença dentro da sociedade.⁵⁹

A escrita de Mainwaring não nega os precedentes do modelo da Neocristandade, no entanto, ele percebe que é somente com D. Leme que esse modelo vai florescer na década de

⁵⁸ Tomamos como modelo da neocristandade o que é apresentado por Mainwaring em seu livro *Igreja Católica e Política no Brasil*, para o qual o modelo da neocristandade buscava através da Igreja cristianizar as principais instituições sociais, desenvolver um quadro de intelectuais católicos e alinhar as práticas religiosas populares aos procedimentos ortodoxos.

⁵⁹ MAINWARING, Scott, 1989. **Op. Cit.** p. 43.

1920, quando o bispo assume de forma mais contundente esse discurso de que é preciso recatolizar o Brasil. Desta feita, não podemos negar a existência de modelos introdutórios a Neocristandade, mas foi apenas sob a direção de D. Sebastião Leme que esse projeto conseguiu ganhar forma e chegar ao seu ponto máximo em 1930 no governo de Vargas.

A atuação de D. Leme frente à Arquidiocese de Olinda e Recife dura pouco menos que um quinquênio. Em 24 de fevereiro de 1921, dom Sebastião Leme recebeu um cabograma do nuncio apostólico, monsenhor Henrique Gasparri, comunicando-lhe que o papa Bento XV decidira nomeá-lo arcebispo coadjutor do Rio de Janeiro em virtude do agravamento do estado de saúde do cardeal Arcoverde, impedido de prosseguir no exercício de suas funções⁶⁰. O convite é precedido de uma recusa inicial, que não surte efeito, o Papa Bento XV confirma a sua nomeação em fins de março e em 05 de agosto de 1921, D. Sebastião Leme tornar-se bispo coadjutor da arquidiocese do Rio de Janeiro com direito a sucessão.

1.5. A CHEGADA AO RIO DE JANEIRO E AO CARDINALATO

A chegada de Dom Leme ao Rio de Janeiro é um dos pontos de maior destaque em sua trajetória, pois, na década de 1930 o Rio de Janeiro vai se transformar no principal centro do catolicismo brasileiro. Descrito por Della Cava como “um deslocamento histórico das forças políticas, econômicas e institucionais do Brasil no nordeste [então a região Norte – nossa observação] para o centro-sul.” (CAVA, 1974, p. 13). É interessante notarmos que o deslocamento de dom Sebastião Leme de Olinda para o Rio de Janeiro, está inserido nessa lógica de deslocamentos de forças apontada por Cava, afinal com a debilidade do cardeal Arcoverde, ele vem a se tornar o principal líder da Igreja do Brasil.

Nesse sentido, pretendemos mostrar como a atuação do futuro cardeal Leme foi fundamental para a inscrição da capital do Brasil como principal centro do catolicismo no espaço nacional. Ao passar por São Paulo, Recife e chegando, finalmente, no Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme foi montando ao longo da sua trajetória uma rede de colaboradores, que se tornaram essenciais para o seu projeto de Neocristandade. Ele foi um hábil articulador que conseguiu angariar apoiadores junto ao clero, laicato e meio político, essa habilidade de se relacionar com as pessoas e conseguir trazê-las para junto de si é digna de destaque. Nesse sentido, Mainwaring escreve: “As atividades do cardeal Leme e sua capacidade de estabelecer

⁶⁰ Texto retirado do sítio: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/sebastiao-leme-de-silveira-cintra>

relações de intimidade com os altos círculos lograram vários êxitos políticos.” (MAINWARING, 1989, p. 48). Não é por acaso que D. Leme tornou-se um grande colaborador do governo Vargas, possuindo livre circulação no Palácio do Catete.

Essa atuação política do Cardeal Leme vai ficar clara logo quando no seu desembarque no Rio de Janeiro, em outubro de 1930, é abordado por um emissário dos três chefes militares que o coloca a par da situação política do Brasil e solicita a sua intermediação junto ao presidente Washington Luís para que se chegasse a um acordo. O mais novo cardeal da América do Sul não nega o seu auxílio, no entanto, se nega a apoiar qualquer tipo de movimento revolucionário. Mesmo diante da negativa do presidente Washington Luís em atender aos conselhos de dom Leme e renunciar ao cargo, a participação do cardeal foi fundamental para que o movimento revolucionário não tomasse proporções maiores e consequentemente mais sangrentas.

Dando continuidade a sua atuação estratégica, que tinha como principal objetivo fortalecer a Igreja e torná-la novamente importante dentro da sociedade brasileira, o cardeal Leme vai evitar vincular seu nome a partidos políticos durante o período do governo provisório, sob presidência de Getúlio Vargas. Diferente disso, a atuação do mesmo busca angariar apoio de um laicato que por meio de jornais, revistas, militância e forte atuação, buscava recolocar a Igreja como uma instituição de prestígio frente ao novo regime político vigente. É fruto dessa atuação estratégia de Dom Sebastião Leme que vai ser fundada em 1932 a Liga Eleitoral Católica (LEC). Indo na contramão do que ocorreu na maioria dos países da América Latina, onde houve a fundação de partidos confessionais, no Brasil a Igreja adotou como forma de atuação política uma liga eleitoral, o objetivo era claro, o cardeal Leme não queria dividir, mas sim, aglutinar os católicos para votarem nos candidatos que estavam dispostos a defender os interesses da Igreja na Assembleia Constituinte de 1933.

Acreditamos que a atuação da LEC na Assembleia Constituinte de 1933, necessita de uma abordagem mais detalhada, afinal tratou-se de um dos projetos mais bem sucedidos da Igreja do Brasil na primeira metade da década de 1930. Sendo assim, faremos essa discussão no próximo capítulo, no qual, nos dedicaremos à análise das relações políticas engendradas pela Igreja no governo Vargas. Nesse momento cabe apenas uma pequena explanação sobre as estratégias lançadas pelo cardeal Leme, que após estabelecido no Rio de Janeiro passou a executar de forma mais contundente o projeto da Neocrisandade esboçado desde antes de 1916, ano marcado pelo lançamento de sua emblemática Carta Pastoral saudando seus

diocesanos. Nesse momento o futuro cardeal brasileiro tinha acabado de ser nomeado arcebispo de Olinda.

Desde esse período dom Sebastião Leme projetava planos que considerava as particularidades espaciais do Brasil, pois ao enxergar um país de proporções continentais, onde as diferenças regionais eram mais latentes e, sobretudo, a existência de forças políticas locais muito poderosas, logo percebeu que a formação de um partido católico estaria fadada ao malogro. Para, além disso, na visão dele a criação de um partido católico dividiria os fiéis, o próprio pondera: com a criação de um partido católico “perderíamos o apoio certo de muitos, perderíamos o apoio provável de outros, e... o que ganharíamos?” (CAVA, 1975, p. 17).

Diante dessa conjuntura política nacional, que impossibilitava a criação de um partido confessional, a estratégia adotada pela Igreja foi atuar por meio da LEC, buscando angariar o apoio necessário para consolidar sua pauta mínima, que visava recuperar as perdas que a Igreja havia sofrido depois do rompimento com o Estado. É importante colocarmos que a Constituição de 1891, foi fortemente embebida por ideais positivistas, sendo responsável por oficializar a separação entre a Igreja e o Estado, destituindo o catolicismo da posição de crença oficial.

Para uma melhor compreensão da atuação da Igreja católica brasileira no cenário político nacional na primeira metade da década 1930, será fundamental percebermos que trataremos de uma Igreja específica, a ‘Igreja da Neocristandade’ que fora planejada e idealizada por dom Sebastião Leme. Um dos principais equívocos cometido por parte dos pesquisadores que se propõe a estudar a Igreja católica é tentar compreendê-la como uma instituição homogênea, imutável. A percepção que temos da Igreja e, que conseqüentemente buscamos imprimir neste trabalho, é de uma instituição multifacetada, capaz de se adequar aos ambientes mais diversos. A Igreja católica não se consolidou como uma das mais influentes e antigas instituições mais do mundo sem lançar mão de uma estratégia, para conseguir sobreviver e manter-se influente por mais de um milênio ela aprendeu a ser adequar e assumir posturas distintas de acordo com o espaço e tempo, no qual, esteve inserida.

Nesse sentido, a atuação da Igreja da Neocristandade na Assembleia Constituinte de 1933, visava à realização de acordos. A Igreja possuía uma mercadoria muito forte, os votos católicos, e foi negociando esses votos que ela buscou todo apoio possível para atingir seus objetivos na Constituição de 1934. Consolidado no Rio de Janeiro e detentor de amplo conhecimento das tramas políticas brasileiras, o cardeal Leme soube negociar de forma

prática: a Igreja tinha projetos que pretendia inserir no texto da Constituição de 1934, dom Sebastião Leme tratou de construir uma base de apoio que os consolidassem.

Compreendemos que essa estratégia utilizada pelo cardeal Leme seguia a lógica do *metajogo*. Que deve ser pensado sob a ótica de um jogo que acontece dentro de um jogo maior e cujas regras não são fixas e sucedem-se na alternância do movimento dos demais atores, as movimentações da Igreja Católica na década de 1930 pretendiam preencher brechas que surgiam no panorama político e religioso brasileiro. Nesse sentido, a Igreja flutuava e conferia apoio a grupos políticos com posicionamentos distintos. Essa postura adotada pela instituição católica deixa claro seu objetivo de atuar em diversas frentes, sempre articulando suas jogadas de acordo com a previsão de movimentações futuras e, nenhuma dessas movimentações era feita de forma desinteressada e pontual, havia sempre uma perspectiva de tomada de poder e de reocupação dos espaços anteriormente perdidos.

Diante do exposto entendemos que a atuação da Liga Eleitoral Católica frente a Constituinte de 1933, foi fundamental para a reinserção da Igreja no plano político nacional, afinal a pauta defendida pela LEC foi aceita integralmente, sendo inserida no texto da Constituição de 1934, o que fortaleceu grandemente a Igreja que passou a influir de forma direta na política, cultura e sociedade brasileira. Podemos ainda inferir que a aproximação da Igreja com o núcleo da AIB foi fruto de uma estratégia que buscava mantê-la no jogo político brasileiro, mesmo que para isso fosse necessário ceder a um grupo que possuía ideologias Fascistas. Afinal, não era cogitada uma associação com o liberalismo e o comunismo.

1.6. TECENDO REDES E CONSTRUINDO SUSTENTAÇÃO

Ao longo de sua trajetória Dom Sebastião Leme atuou como um tecelão, sendo capaz de tecer redes de cooperação por quase todos os lugares que passava, ele possuía uma extrema habilidade em angariar mão-de-obra especializada, foi assim que no decorrer de sua trajetória ele conseguiu construir uma base de sustentação forte que serviu com sustentáculo para os seus projetos que visavam o fortalecimento e crescimento da Igreja Católica do Brasil. É justamente essa construção de redes que nos propomos a analisar nesta parte do trabalho, buscando compreender como as teias construídas por ele nos diversos lugares que passou se encontraram no Rio de Janeiro formando um grupo que atuou de forma consistente para a consolidação dos projetos da Igreja da Neocristandade.

A rede de cooperadores construída por dom Sebastião Leme foi ampla e aglutinou intelectuais de grande relevância no cenário nacional, como foi o caso de Alceu Amoroso Lima, que como crítico literário escrevia sob o pseudônimo de Tristão de Athayde. A atuação de Alceu Amoroso frente ao Centro *Dom Vital*, a revista *A Ordem* e na Liga Eleitoral católica foi primorosa e digna de destaque. No entanto, o nosso esforço neste trabalho será o de deslindar a atuação de dois personagens, que talvez sejam classificados como secundários, mas que ao longo da nossa pesquisa se apresentaram como agentes de notável relevância na execução dos projetos da Igreja da Neocristandade nos referimos ao bispo de Niterói dom José Pereira Alves e ao redator chefe do jornal *A Cruz* do Rio de Janeiro, o padre José Maria dos Passos Cabral. Compreendemos que foi o cardeal Leme o responsável por ‘pescar’⁶¹ esses dois personagens para atuarem junto a ele no Rio de Janeiro.

Entendemos que uma das melhores formas de analisar a construção de redes tecida por Dom Sebastião Leme é fazendo uso da lógica da formação de quadros. A trajetória de Dom Leme é permeada de uma peregrinação a vários espaços, nascido em São Paulo, formado em Roma e tendo atuação destacada em Pernambuco e no Rio de Janeiro, a experiência vivenciada em alguns desses espaços os transforma em lugar (TUAN, 1983), lugar de pausa, de atuação e, sobretudo, de construção de relações. Para Tuan “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar” (TUAN, 1983, p. 83), acreditamos que o lugar mais vivenciado e familiar para o cardeal Leme foi o Rio de Janeiro, foi nele onde ele teve maior atuação, tornando-se um agente de fundamental importância para os projetos da Igreja Neocristandade. E buscando configurar o Rio de Janeiro como um espaço familiar, de experiências produtivas e agradáveis, o cardeal Leme levou para junto de si, uma série de personagens que contribuíram com seus projetos e obra.

No entanto, não podemos deixar de considerar que a Igreja possuía um projeto nacional, tendo o Rio de Janeiro como principal lugar de atuação, a Igreja possuía interesses na produção de uma ideia de espaço nacional. Nesse sentido, entendemos que o que Renato Amado Peixoto coloca em sua tese de doutoramento também se torna pertinente para a análise que propomos sobre a atuação da Igreja da Neocristandade. De acordo com Peixoto a construção do espaço nacional pode ser estudada “enquanto um arranjo contínuo das representações do Poder, motivado pela reelaboração da inscrição das 'relações de força e soberania' que o constituíram e caracterizado pela elisão das suas tensões e dos seus

⁶¹ Usamos a termo pescador como alusão a promessa de Jesus feita Simão Pedro e André no livro de Mateus cap. 4 vs. 18, aos quais, ele prometeu que os faria pescadores de almas. Compreendemos que a atuação do Cardeal Leme como um formador de redes de cooperação, se insere nessa busca por pescar almas.

enfrentamentos”. (PEIXOTO, 2005, p. 19). Entendemos que como detentora do capital religioso a Igreja se colocava como umas forças possuidoras de um projeto nacional, projeto esse, inserido em um espaço social católico que era mutável, pois, se produzia de acordo com as tensões enfrentadas no campo políticos e nos projetos e estratégias desenvolvidos pela mesma.

Ao analisarmos a trajetória de dom Sebastião Leme, dom José Pereira Alves e do Pe. José Cabral, modeladores desse espaço social católico, observamos que alguns espaços ligam esses personagens e se configuram como lugares vivenciados por ambos, tornando-se assim, lugares de encontro e de pausa. O Rio de Janeiro, Recife, Natal, Niterói e Petrópolis são lugares que foram vivenciados por pelo menos dois dos personagens. A própria trajetória desses indivíduos por esses lugares necessitam de uma investigação, pois, tanto os seus deslocamentos, quantos suas pausas foram fruto de ação estratégica que visava à formação de um grupo que pudesse atuar em prol dos projetos da Igreja.

Passaremos a análise da trajetória de dom José e do Pe. J. Cabral. Ao evidenciar os lugares experienciado pelos mesmos queremos conferir ênfase aos seus lugares de encontro. José Pereira Alves nasceu em Palmares, Pernambuco, no dia 05 de março de 1885, sendo ordenado sacerdote no dia 17 de novembro de 1907. Dom José ocupou os seguintes cargos em Pernambuco: reitor e professor do Seminário de Olinda, cônego da Sé, deão do Cabido, Monsenhor Protonotário Apostólico (1920), Governador do Bispado (1921) e Vigário Capitular da Arquidiocese de Olinda e Recife (1921). Diretor da Tribuna Religiosa, do Mês do Clero, e da revista Maria. Com a nomeação do Arcebispo de Olinda, D. Sebastião Leme, para arcebispo-coadjutor do Rio de Janeiro, em 1921, foi eleito Vigário Capitular, “sede vacante”, até a posse do sucessor, D. Miguel de Lima Valverde, no ano seguinte. A descrição dos cargos ocupados por Dom José no Recife, mostra que o mesmo possuiu atuação de relevância na capital de Pernambuco. Seguindo na nossa intenção de apresentar os lugares de encontro destacamos que no período de 1916 a 1921, dom Sebastião Leme foi o Bispo de Recife e Olinda, o que o torna, dentro da estrutura hierárquica da Igreja, superior de dom José Pereira. Sendo assim, podemos afirmar que nesse período houve um contato direto entre os dois, o que permitiu a dom Sebastião Leme perceber o potencial de dom José que mais tarde tornar-se-á um colaborador para os projetos da Neocristandade no Rio de Janeiro. Tendo uma atuação importante estando à frente da *Editores Vozes de Petrópolis* que veio a ser a editora responsável pela publicação de obras importantes para o catolicismo estando entre elas os livros *Conceitos e factos* e a *Miragem Soviética*, ambos de autoria do Pe. José Cabral.

As trajetórias de Dom José Pereira e do Pe. José Cabral também tiveram lugares de encontro e atuação conjunta. Dom José antes de ocupar a sede episcopal em Niterói exerceu o episcopado em Natal, lugar onde permaneceu de 1923 a 1928. É certo que nesse período dom José Pereira manteve contato com o Pe. J. Cabral que de 1920 a 1925 foi vigário de diversos municípios do Rio Grande do Norte. Em 1925 ele vai licenciar-se e seguir para o Rio de Janeiro, onde ocupou lugar na redação do jornal *A Cruz*. Já em 1928, dom José é transferido para o Rio de Janeiro e tornar-se bispo de Niterói e mais tarde assume a direção da *Editora Vozes de Petrópolis*. Os contatos mantidos pelo agora bispo de Niterói e o agora redator chefe do Jornal *A Cruz* se consolida e a editora vem se constituir como um lugar de fala para o Pe. J. Cabral, que pode publicar seus livros por essa editora.

O que buscamos mostrar por meio desses encontros é que a atuação de dom Sebastião como tecelão, conseguiu tecer uma rede de colaboradores que se aglutinaram no Rio de Janeiro, especializando-o como principal *lócus* do catolicismo brasileiro. É importante destacarmos que em 1930, os três agentes católicos atuavam de forma conjunta no Rio de Janeiro, o cardeal Leme como principal líder da Igreja Católica do Brasil, dom José Pereira como bispo de Niterói e diretor da editora *Vozes de Petrópolis* e o padre José Cabral como redator chefe do jornal *A Cruz*. A aglutinação destes três relevantes personagens católicos no Rio de Janeiro no início da década de 1930 foi fruto de uma imbricada rede de relações que culminou conferindo um status de destaque a capital da República. A presença destes três indivíduos no Rio de Janeiro deu a esse lugar uma quantidade de capital religioso e cultural que nenhum outro espaço possuía no momento, pois, eram possuidores de uma quantidade significativa desses capitais e estavam à frente de mecanismos capazes de conferir amplitude as suas atuações. Tendo nas mãos o controle de uma editora e de um periódico fortíssimo, atuaram de forma a distribuir no mercado linguístico um discurso destinado a grupos específicos e que buscava consolidar determinado campo católico, no qual, o discurso reacionário possuía grande relevância.

A análise da trajetória destes personagens não se encerra neste capítulo, ela será retomada na medida em que o projeto da Neocristandade vai sendo colocados em prática, bem como novos personagens irão surgir e se imbricarem nessa extensa teia que foi sendo habilmente tecida pelo cardeal Leme. No decorrer deste trabalho será perceptível que essa teia se expande juntamente com a expansão e aumento do poder da Igreja católica do Brasil. O objetivo do Cardeal Leme, desde que assume a liderança da Igreja foi o de recoloca-la no

lugar que havia perdido com o advento da Proclamação da República e rompimento oficial com o Estado.

1.7. O ESPAÇO SOCIAL CATÓLICO E O CAMPO POLÍTICO BRASILEIRO

Ao analisarmos a construção do espaço social católico no âmbito da sociedade brasileira, podemos concluir que alguns agentes atuaram de forma destacada, merecendo assim um exame detalhado de suas trajetórias, atentamos ainda para o fato de que uma série de instrumentos foram utilizados para que a produção de bens religiosos pudessem ser distribuídos no campo linguístico e alcançasse aqueles agentes que atribuíam valor a esses bens simbólicos. Destacamos ainda, que a atuação da Igreja católica do Brasil na primeira metade da década de 1930, foi uma atuação notadamente política, sendo assim, necessário um estudo que faça uso do arcabouço teórico do político e do religioso, pois, nesse contexto eles se imbricam.

Definimos o espaço social católico como sendo um espaço onde a Igreja atuou por meio dos seus projetos. Foi nesse espaço que ela fez valer seu projeto da Neocristandade encabeçado por dom Sebastião Leme, mas que teve seus primórdios com as iniciativas tomadas pelo Cardeal Arcoverde, que foi o responsável por alçar seu sucessor no cardinalato à condição de protagonista nos projetos católicos no decorrer do século XX. Dom Leme atuou no espaço social católico sendo coadjuvado por poderosos órgãos de imprensa, auxiliado pelo Pe. J. Cabral e o bispo de Niterói dom José, agentes que foram recrutados ao longo da trajetória dele. Cabe-nos pontuar que em sua trajetória, dom Sebastião Leme frequentou lugares tidos como periféricos, de acordo com a escola de Chicago:

[...] na estrutura de toda sociedade, está presente uma zona central, um núcleo a partir do qual emana todo um conjunto simbólico composto por valores, crenças, ideias e julgamentos éticos e morais que determinam a forma de viver e de pensar não apenas das pessoas que vivem nessas regiões centrais, mas também determinam a existência dos indivíduos das sociedades que compõem a periferia do sistema social.⁶²

Ao transitar por essas “periferias do sistema social”, dom Sebastião Leme recrutou agentes que se tornaram relevantes para os projetos católicos desenvolvidos no centro (Rio de Janeiro). O Pe. J. Cabral exemplifica bem essa relação entre centro e periferia, residente no

⁶² SHILS, Edward. *Centro e Periferia*. Lisboa. Editora: DIFEL. 1992. p. 60

Rio Grande do Norte, lugar reconhecidamente periférico, ele foi recrutado e ocupou lugar de destaque no Rio de Janeiro, tornando-se redator chefe do relevante periódico católico *A Cruz*. Nesse trabalho buscamos acompanhar essas trajetórias e acreditamos que essa formação de quadros que chegou a romper com a lógica da hegemonia do centro, foi resultado de um série de valores compartilhados pelos membros de uma complexa rede de sociabilidades formada sob liderança de dom Sebastião Leme. Aqueles que foram arregimentados para o centro do espaço social católico possuíam bens culturais significativos para a consolidação do projeto da Neocristandade.

As leituras e análise de fontes feita ao longo da produção deste capítulo nos direcionaram para um lugar de pesquisa que percebe ser praticamente impossível estudar a Igreja da Neocristandade sem conferir protagonismo a dom Sebastião Leme, a trajetória dele esteve em todo momento ligada aos objetivos da Igreja. Os lugares pelos quais passou, as alianças que fez e as redes que teceu, visavam sempre o crescimento e consolidação da Igreja como uma instituição forte, capaz de influenciar nos campos da sociedade, cultura e política brasileira. E foi visando esse protagonismo da Igreja que ele atuou em frentes diversas aliando-se a políticos, chegando a tornar-se próximo do presidente da República; recrutando intelectuais que pudessem ser a voz da Igreja nos mais distintos campos e, por fim, sendo capaz de construir uma ampla rede de colaboradores que se constituíram como mão-de-obra produtiva da Igreja da Neocristandade. Destaca-se ainda que a atuação de dom Sebastião Leme foi capaz de aglutinar no Rio de Janeiro uma série de indivíduos e instituições que acabou por especializar aquele *locus* como principal espaço de produção de bens simbólicos que eram distribuídos dentro do espaço social católico brasileiro.

Por fim, é difícil dissociar a atuação da Igreja da Neocristandade do contexto político brasileiro. Nos primeiros anos da década de 1930, a Igreja atuou de forma política, se aproveitando da instabilidade vivida pelo país, fruto de um movimento que rompeu com um modelo de política que havia se estabelecido desde a Proclamação da República, instaurando uma nova ordem política e ainda passando por uma Revolução Constitucionalista que fez o país viver uma guerra civil, a Igreja soube se aproveitar desses momentos, constituindo alianças que foram deveras frutíferas para a mesma, bem como agindo de forma estratégica ao criar uma Liga Eleitoral que foi responsável por mediar os interesses políticos e religiosos, fazendo com o que a partir da Constituição de 1934 a Igreja voltasse a gozar de um prestígio até mesmo superior ao que possuía quando era ligada ao Estado. Sendo assim, podemos concluir, afirmando que a Igreja da Neocristandade foi capaz de jogar de forma bem sucedida

o jogo político brasileiro da primeira metade da década de 1930. Essa forma de jogar da Igreja se traduziu em diversas conquistas que ficaram escritas na Carta de 1934. Por conseguinte, essa atuação estratégica da Igreja dentro do *metajogo* político brasileiro serviu para consolidar o Rio de Janeiro como lugar de centralidade do espaço social católico, no qual, se articulava o projeto da Neocristandade que estava ligado à produção de um espaço da Nação que se dava paralela e concomitantemente aos projetos do Estado e da Igreja.

CAPÍTULO II – IGREJA E ESTADO: A NEOCRISTANDADE E A LIGA ELEITORAL CATÓLICA COMO AGENTES PROMOTORES DE UMA REAPROXIMAÇÃO

2.1. A DÉCADA DE 1930: CONTEXTUALIZAÇÃO E ATUAÇÃO

A historiografia sobre a década de 1930 no Brasil é profícua em discutir as disputas pelo poder que antecederam a Revolução de 1930, bem como em descrever, discutir e analisar tal momento histórico. Sendo assim, nosso objetivo não é produzir mais um texto que discuta esse cenário de disputas políticas e consolidação de Getúlio Vargas no poder. Compreendemos que o alcance desse trabalho tornar-se-á maior, na medida em que discutimos um fenômeno específico dessa época, que é a participação da Igreja Católica no cenário sociopolítico brasileiro da primeira metade da década de 1930. Não temos a pretensão de inventar a roda, seria por demasiado pretencioso, mas acreditamos que a análise que fazemos das nossas fontes juntamente com a abordagem que estamos a desenvolver, abrirá novas perspectivas de discussões. Esperamos que ao longo desse capítulo possamos apresentar de forma clara e coerente nossa compreensão sobre o protagonismo da Igreja Católica no referido período em análise.

A década de 1930 foi de grande efervescência política, cultural e social no Brasil, o rompimento com a política do Café com Leite produziu uma série de transformações que já se desenhavam desde a década anterior. A sociedade brasileira ao longo do século XX tornou-se mais complexa, surgiam novos interesses e novos grupos se inseriam nas disputas pelo poder, antes concentrado nas mãos das elites paulistas e mineiras. O processo de industrialização conferiu capital econômico a um grupo que até então não possuía destaque nos processos políticos nacionais. A burguesia ascendente engrossou a camada das chamadas oligarquias dissidentes - capitaneadas pelo seu capital econômico que foi facilmente convertido em capital político. Esse grupo conseguiu se inserir de forma contundente nas disputas pelo poder. Em relação a essa possibilidade de transferência de capitais, nos alicerçamos no que propõe Pierre Bourdieu, para o qual: “O capital simbólico é uma propriedade qualquer (de qualquer tipo de capital, físico, econômico, cultural, social), percebida pelos agentes sociais cujas categorias de percepção são tais que eles podem entendê-las (percebê-las) e reconhecê-las, atribuindo-lhes valor” (BOURDIEU, 1996, p. 107).

Produzir um texto sobre a década de 1930 no Brasil requer invariavelmente a tarefa de apresentar uma compreensão sobre a emaranhada disputa política característica deste período e, aqui, não pretendemos nos negar a essa discussão, no entanto, nossa abordagem tomará um rumo um pouco diferente, pois pretendemos mostrar como a relação entre o político e o religioso foi intensa nesse período histórico.

Em texto recente, PEIXOTO E RODRIGUES⁶³ entendem que a atuação da Igreja Católica nas quatro primeiras décadas do período republicano e sua busca por uma aproximação e reaproximação com o poder político tornar-se mais inteligível a partir de uma análise de sua aproximação e diálogo com o laicato que teve papel deveras importante na produção de uma linguagem que permitisse uma aproximação entre a igreja e a sociedade civil. (RODRIGUES; PEIXOTO, 2019). Tomamos como aspecto fundamental usar essa perspectiva de aproximação e reaproximação da Igreja como mote da análise aqui realizada. Nesse sentido, este capítulo apresenta como as relações entre o político e o religioso foram responsáveis por produzir um *espaço social católico*⁶⁴ com centralidade no Rio de Janeiro, responsável por distribuir os bens simbólicos produzidos pela intelectualidade católica desejante de se colocar enquanto agente influenciador da sociedade. Se referindo à construção da sua ideia de espaço social, Pierre Bourdieu escreve:

Todo o meu empreendimento científico se inspira na convicção de que não podemos capturar a lógica mais profunda do mundo social a não ser submergindo na particularidade de uma realidade empírica, historicamente situada e datada, para construí-la, porém, “como caso particular do possível” [...].⁶⁵

Metodologicamente nos utilizamos dessa lógica de Bourdieu, pois, percebemos que na década de 1930 a Igreja Católica se colocou como agente produtor de um espaço social católico. Esse espaço foi sendo forjado na medida em que a Igreja exercia uma forte influência no conjunto da sociedade brasileira, que ultrapassava os limites do campo religioso, chegando a influenciar na política, cultura e sociedade. Essa é a realidade empírica historicamente situada e datada que analisamos. A atuação da Igreja Católica brasileira na década de 1930 é fato consolidado pela historiografia, facilmente observado na obra clássica

⁶³ Sobre essa reaproximação ver: RODRIGUES, Cândido Moreira; PEIXOTO, Renato Amado. O Catolicismo no Brasil do período Vargas: imbricações entre religião, política e espacialidade (1930-1945). In: Igrejas e Ditaduras no mundo lusófono. GONÇALVES, Leandro (Org.)

⁶⁴ Sobre esse conceito ver: BOURDIEU, Pierre. Razões práticas: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 2007.

⁶⁵ BOURDIEU, Pierre, 1996. **Op. Cit.** p. 15.

do brasilianista Scott Mainwaring⁶⁶, para citarmos apenas um nome. E é justamente a atuação dessa Igreja e sua capacidade de se adequar a situações complexas que nos interessa nesse capítulo.

Merece destaque nesse momento pontuar a atuação de uma série de intelectuais católicos e laicos que operaram como difusores de um discurso amplo e coeso que ao encontrar receptores, para os quais o discurso era inteligível, contribuíram significativamente para consolidação do espaço social católico brasileiro. Na busca pela consolidação do espaço social católico, se fez necessária o engajamento de uma série de intelectuais que contribuíram com sua ampla bagagem de capital cultura e religioso. A distribuição desses capitais buscava transformar o espaço social brasileiro e recatolizá-lo. A respeito dessa busca pela conservação ou transformação dos espaços por meio da distribuição de capitais, Bourdieu coloca,

Dito isso, se o mundo social, com suas divisões, é algo que os agentes sociais têm a fazer, a construir, individual e, sobretudo coletivamente, na cooperação e no conflito, resta que essas construções não se dão no vazio social, como parecem acreditar alguns etnometodólogos: a posição ocupada no espaço social, isto é, na estrutura de distribuição de diferentes tipos de capital, que também são armas, comanda as representações desse espaço e as tomadas de posição nas lutas para conserva-lo ou transforma-lo.⁶⁷

Sobre a participação desses intelectuais nos projetos católicos da década de 1930 e como a distribuição dos seus capitais simbólicos foi importante, permanecemos fazendo uso do aporte teórico produzido pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu e, nesse sentido, a interpretação dos escritos do mesmo analisadas por Cândido Rodrigues vai ao encontro da forma como buscamos operacionalizar as teorias de Bourdieu. Ao se referir a uma interpretação equivocada dos escritos de Bourdieu, Rodrigues escreve:

Cabe registrar que, contrariados as interpretações equivocadas dos seus escritos, na realidade Bourdieu chama atenção para a limitação das explicações utilitaristas e economicistas na avaliação da conduta dos agentes (intelectuais), demonstrando que nem tudo está ligado às estratégias individuais ou coletivas. Para ele, pensar o agir do intelectual ou de um conjunto de intelectuais a partir da lógica pragmática das estratégias minuciosamente calculadas é algo absolutamente equivocado, senão mero exercício retórico, embora considere tais elementos, via de regra, válidos para análise.⁶⁸

⁶⁶ Fazemos referência à obra: MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

⁶⁷ BOURDIEU, Pierre, 1996. **Op. cit.** p. 27.

⁶⁸ RODRIGUES, Cândido; DE PAULA, Christiane. (Org.) *Intelectuais e militância católica no Brasil*. Cuiabá/MT: Edufmt, 2012. p. 216.

Ao longo desse texto será recorrente a narrativa de que a Igreja Católica agiu de forma estratégica no campo político brasileiro da década de 1930 e compreendemos que a análise das nossas fontes e um amplo referencial bibliográfico nos permite seguir essa lógica. O que no nosso entendimento não é conflitante com o exposto supracitado, a instituição católica atuou de forma calculada e estratégica, isso é fato. Os intelectuais que se engajaram na defesa da Igreja também o fizeram de forma meticulosa, a análise que fazemos do agir da Igreja e seus intelectuais fundamenta-se no campo da ação e não no utilitarismo pragmático, sendo a atuação por meio da boa imprensa reflexo dessa atuação que buscava consolidar um espaço social católico, fundamentado no compartilhamento de bens simbólicos no mercado linguístico.

Para mensurarmos a atuação da Igreja Católica frente aos novos desafios lançados pela Revolução de 1930, faremos uso de algumas fontes que consideramos relevantes. No primeiro momento consideramos que o jornal “A Cruz” do Rio de Janeiro é uma importante ferramenta de análise. Entendemos que este periódico produzido na capital da República e centro do catolicismo brasileiro nos fornece uma gama de subsídios necessários para um estudo aprofundado da relação entre o político e o religioso na década de 1930, pois sendo um dos principais periódicos católicos do período, foi muito utilizado pela liderança católica, tornando-se meio legítimo de informação, sendo fortemente recomendado pela própria Confederação Católica do Rio de Janeiro, o que lhe conferia credibilidade no mercado linguístico católico. Nosso interesse por esse periódico justifica-se ainda, pelo fato do seu editor chefe ser o norte-rio-grandense, Pe. J. Cabral, entendemos que esse fato precisa ser explorado na medida em que nos permite desenvolver uma compreensão mais ampla das relações entre centro e periferia empregada pela Igreja Católica.

Em um segundo momento, ao analisarmos a força que a Igreja Católica exerceu na elaboração da Constituição de 1934, por meio dos candidatos eleitos sob a chancela da Liga Eleitoral Católica, nos são muito úteis os Anais da Assembleia Constituinte de 1933. Nestes anais temos acesso a uma série de discussões feitas pelos parlamentares que analisavam o anteprojeto da Constituição de 1934, sendo possível identificar o jogo de interesses entre aqueles que defendiam a pauta católica e os que a atacavam.

2.2. “A CRUZ”: UM JORNAL QUE DEVE SER LIDO PELO BOM CRISTÃO

Falando um pouco sobre a gênese do jornal “A Cruz”, ele teve sua primeira edição publicada no dia 21 de setembro de 1919 e contava com 04 páginas, sendo publicado quinzenalmente como órgão da paróquia de São João Batista. O periódico nasceu tímido e concentrava suas páginas nas questões eclesiais. Ao longo dos anos o periódico passara por uma série de transformações e adequações. O editorial de abertura da primeira edição nos deixa clara as intenções do periódico e quais sua função inicial, vejamos:

[...] Alguém me disse que as obras paroquiais não melhoram de sorte porque eu não as propago. Pode ser. Porém não seja d’agora por diante, serei um propagandista de força. E é por isso que publico “A Cruz”. Ela embora muito modesta, terá a missão sublime de pregar a caridade por todos os recantos desta paróquia, lembrando a cada um suas obrigações para com os pobres, e pedindo aos nossos capitalistas que, pelo amor de Deus, da pátria e de seus entes mais queridos, abram generosamente suas bolsas em favor dos que sofrem as cruzes da ignorância, da fome e das moléstias.⁶⁹

Em monografia⁷⁰ recentemente defendida e muito bem avaliada pela banca examinadora, o docente Flávio Augusto Galvão de Medeiros obteve grau de bacharel em História pela UFRN. Sua monografia traz importante contribuição para a análise do jornal “A Cruz”, tendo como recorte temporal o período de 1919 a 1925, o trabalho de Medeiros trata sobre os primórdios do periódico católico, lançando luz sobre o contexto, no qual, o periódico surge e quais a intenção dos seus idealizadores. Já sobre esse aspecto, Medeiros aponta: “Observamos que o jornal A Cruz, é dotado de uma espécie de vocação: propagar as obras assistenciais da paróquia, assim tendo como espacialidade de atuação a área paroquial.” (MEDEIROS, 2019, p. 65). O campo de atuação e o limite de alcance do periódico apontam para a sua modéstia inicial como apontada no próprio editorial supracitado.

Em sua monografia, Medeiros mostra que o periódico católico teve duas fases distintas no período de 1919 a 1925. A primeira fase compreendida entre 1919 a 1921 é apontada pelo mesmo como sendo,

[...] período inicial de atuação de A Cruz, verificamos uma dinâmica conteudista assentada prioritariamente no espaço paroquial, tão logo os enfoques temáticos voltados a outros estados ou seguindo a divisão espacial da Igreja, outras dioceses eram minguados, igual quadro verificamos no concernente a países estrangeiros.⁷¹

⁶⁹ Jornal A Cruz, ano I, nº I, Rio de Janeiro, 1919, p. 01.

⁷⁰ MEDEIROS, Flávio Augusto Galvão de. *OS OPERÁRIOS DA BÔA IMPRENSA: A trajetória do jornal A Cruz do Rio de Janeiro como estudo de caso da imprensa católica no Brasil (1919-1925)*. 96 f. Trabalho de conclusão de curso (Monografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

⁷¹ MEDEIROS, Flávio Augusto Galvão de. **Op. cit.** p. 68.

Confirma-se, assim, o caráter local e enfoque nas questões eclesiais. Ao realizar um mapeamento dos principais temas vinculados no periódico no recorte temporal estudado, o autor nos apresenta uma informação interessante,

Com propósito organizador dividimos as publicações em cinco temáticas numericamente mais significativas no período, são elas: Moral, Apologética, Enfrentamento ao Protestantismo, Enfrentamento ao Espiritismo e Doutrina. Observamos, então, que temas entendidos como característicos da imprensa católica em décadas posteriores como o alardeado anticomunismo e antianarquismo, por exemplo, não são significativamente cogitados.⁷²

O que chamou nossa atenção foi o fato de que dentre os assuntos mapeados, o comunismo não aparece como um tema recorrente, apontando para o fato de que a temática não se configurava nesse momento como uma das grandes preocupações da Igreja, pelo menos nesse âmbito local. Essa perspectiva vai mudar consideravelmente no período de 1930 a 1935, recorte temporal estudado na nessa dissertação, período, no qual, o termo comunismo foi extremamente recorrente, sendo encontradas surpreendentes 177 referências ao termo. Dados que comprovam que a forma de atuação e estratégia da Igreja muda de acordo com o tempo, variável que é fruto da interpretação que a Igreja faz da sociedade e dos inimigos que ela julga importante ser combatidos.

A partir de 1922, o jornal “A Cruz” vai passar a contar com publicações semanais e não mais quinzenais e vai passar de periódico paroquial a arquidiocesano no mesmo ano. A evolução do periódico veio a cabo da criação da Confederação Católica em 1922, criada como “entidade de natureza eminentemente organizacional, que objetivava normatizar as iniciativas do laicato na vida religiosa do Rio de Janeiro.” (MEDEIROS, 2019, p. 83). A entidade veio a contribuir para o melhoramento do periódico que ao ser inserido dentro da comissão de escola e imprensa foi profissionalizado. A mudança foi tão importante que já em 1925 o jornal passou a ser publicado sob os auspícios da Confederação Católica.

Feita essa breve digressão em direção aos primórdios do jornal “A Cruz” cumpre voltarmos nossas atenções agora para o recorte que nos propomos a analisar. Nos debruçamos sobre o período de 1930 a 1935, nesse período o periódico não é mais um tímido jornal paroquial que apresentava em essência aspectos religiosos. Na década de 1930 o mesmo já contava com uma publicação semanal, sendo produzido “sob os auspícios da confederação católica do Rio de Janeiro”⁷³ e trazendo em suas páginas não somente as questões eclesiais mas também discussões políticas, sociais e culturais de interesse da

⁷² MEDEIROS, Flávio Augusto Galvão de. **Op. cit.** p. 70.

⁷³ Retirado do jornal A Cruz de Janeiro de 1930.

Igreja Católica. Esse conjunto de mudanças presentes no jornal “A Cruz” ao longo dos anos nos mostram que esses periódicos se amoldavam aos discursos e interesses católicos vigentes. Sendo assim, nos parece lógica a posição tomada por esse periódico na década de 1930, na qual, assumiu uma posição de combate aos ideais da modernidade e se colocou como um difusor das demandas políticas do projeto da Neocristandade.

O jornal “A Cruz” do Rio de Janeiro foi um dos mais proeminentes representantes da ‘boa imprensa’ católica, contribuindo de forma fundamental para a difusão de um discurso católico que buscava combater inimigos como o comunismo e os próprios ideais da modernidade, configurando-se como reprodutor de um discurso antimodernismo com destaque para o anticomunismo que possuía grande espaço nas folhas do jornal. Acreditamos que essa estratégia utilizada pela liderança católica brasileira, sobretudo, o cardeal dom Sebastião Leme – idealizador e líder do projeto da Neocristandade visava consolidar o espaço social católico no âmbito da sociedade brasileira e, para tal, ele liderou a construção de uma rede bastante complexa, na qual, intelectuais leigos e católicos difundiam por meio de revistas, jornais e livros um discurso que possuíam um alvo bem definido. Ao lançar esse discurso a Igreja Católica buscava consolidar seu espaço no mercado linguístico, objetivo que acreditamos ter sido alcançado por meio das várias conquistas obtidas alcançando uma reaproximação com a política que reverberou nas várias conquistas impressas na Constituição de 1934.

Em relação a essa rede construída por meio da atuação de intelectuais católicos e leigos, temos nos periódicos o principal meio de divulgação desses ideais. Enquanto as revistas católicas e principais publicações de livros se concentravam, sobretudo, no Rio de Janeiro, os periódicos possuíam os seus representantes locais, como foi o caso do jornal “A Ordem”⁷⁴, dirigido por Otto Guerra no Rio Grande do Norte. Esse periódico local exemplifica bem como a atuação da boa imprensa esteve presente nas zonas periféricas. Colocando em análise comparativa os jornais “A Cruz” e “A Ordem”, encontraremos similaridades e diferenças. Em ambos, os temas caros a Igrejas vão está presentes a exemplo disso têm o combate ao mundo moderno como algo presente em ambos periódicos. No seu número inaugural, que não por acaso data de 14 de julho de 1935, ao escolher a data de aniversário da Revolução Francesa para lançamento do jornal não se tinha o objetivo de comemorar o evento, mas sim provoca-lo, é lançado um editorial que traz as seguintes palavras:

⁷⁴ Para uma melhor compreensão sobre a atuação do jornal “A Ordem” no Rio Grande do Norte ver: MORAIS, PATRÍCIA WANESSA DE. *As colunas da ordem: imprensa, identidade e atuação política da Igreja Católica norte-rio-grandense (1930 – 1936)*. Dissertação de mestrado UFRN, 2017.

Se o mundo está doente, a causa maior, sem duvida, reside no sentido anti-finalista da vida moderna, causador da desordem reinante. Ordem é hierarquia e é disciplina. É respeito e é autoridade. É amor sadio e é fraternidade. É, numa palavra, cumprimento exato de deveres, virtudes essas que faltam à civilização atual, cujo senso do divino, meta insubstituível da vida, se foi amortecendo a partir do Renascimento.⁷⁵

Nota-se o ataque feito pelo editorial ao Renascimento, historicamente sucessor da Idade Média, período esse celebrado pela Igreja. O ataque ao Renascimento se constitui como um ataque à razão acusada de tomar o lugar da fé, inaugurando um período de afastamento da Igreja e os indivíduos. É nesse momento de afastamento que a Igreja percebe que ideologias modernas passam a ganhar espaço, devendo ser combatidas sob o risco da própria sobrevivência do catolicismo. O discurso de combate às ideologias lançadas pelo mundo moderno aproxima os periódicos católicos.

No campo das diferenças entre os periódicos em estudo, apontamos o fato de o jornal “A Cruz” poder ser compreendido como um periódico de alcance nacional e até mesmo internacional, enquanto o jornal “A Ordem” possuía uma abrangência mais local. Muitas vezes periódicos e revistas produzidas nas zonas centrais influenciavam as produções locais, como aponta, Leirias:

Por observar essa função de divulgação, a pesquisa nos proporcionou compreender a relação intrínseca entre a produção do pensamento católico nacional com a produção de um pensamento local, na medida em que averiguamos a mesma produção ideológica nos artigos da revista “A Ordem” e do jornal “A Ordem”.⁷⁶

Cumprir aventar que dentro da lógica espacializante⁷⁷ da Igreja, a construção de uma narrativa identitária deveria ser capitaneada pela liderança central do catolicismo, logo essa produção teria como *locus* de produção o Rio de Janeiro. Sendo produzido nesse espaço de centralidade do catolicismo e com o status de periódico oficial da arquidiocese do RJ, o jornal “A Cruz” deve ser compreendido como um periódico de alcance nacional, reproduzidor das temáticas mais atuais da Igreja. Enquanto o jornal “A Ordem”, cabendo antes ressaltar que não se furtava a refletir sobre temas nacionais e internacionais, a exemplo dessa atuação

⁷⁵ NOSSOS PROPÓSITOS. A Ordem, Natal, 14.jul.1935, p.1.

⁷⁶ LEIRIAS, Daniela Araújo. "Louvado seja o Santíssimo Sacramento": o anticomunismo católico e a formação da identidade e da espacialidade norte-rio-grandense (1934-1937). *Dissertação de mestrado, UFRN*, 2016. P. 122.

⁷⁷ Sobre a lógica espacializante da Igreja, ver: PEIXOTO, Renato Amado. *Da Liga Eleitoral Católica à Reação Nacionalista: o percurso do Catolicismo brasileiro rumo à colusão com o Fascismo*. Texto submetido à Revista Brasileira de História das Religiões. 2016.

podemos citar a cobertura que o periódico fez da guerra civil espanhola⁷⁸, possuía um caráter mais local, e estava filiado a uma diocese periférica. Nesse sentido, podemos dizer que os periódicos se aproximavam em conteúdo, sendo o segundo em dados momentos até mesmo influenciado pelas discussões oriundas do primeiro, mas se distanciavam no que se refere a importância e abrangência.

Os periódicos católicos estiveram sempre a serviço da boa imprensa, por consequência servindo aos interesses do projeto da Neocristandade que teve seus alicerces lançados por dom Sebastião Leme. Cabe aqui ressaltar que os projetos da Igreja eram lançados nacionalmente no Rio de Janeiro, de onde saíam e ganhava as dioceses locais. Os projetos católicos buscavam construir um espaço social católico e forjar uma identidade nacional, logo não poderia ficar restrito a capital da república. Nesse cenário de ampliação de nacionalização de seus projetos, a Igreja contou com a atuação engajada de alguns líderes locais, como foi o caso de dom Marcolino no espaço norte-rio-grandense, sobre a atuação desse líder local, Morais coloca,

Embora a Diocese de Natal tenha sido fundada em 1909, seria apenas vinte anos depois, em setembro de 1929, quando Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas tornou-se Bispo Diocesano, que a Igreja norte-rio-grandense se encaminhou para tornar-se um ator político no estado, em obediência aos anseios da Neocristandade.⁷⁹

Nesse sentido, podemos perceber a importância das lideranças locais na consolidação dos projetos nacionais da Igreja. O envolvimento das lideranças, bem como o engajamento dos periódicos locais eram elementos de fundamental importância para o sucesso dos planos de recristianização do Brasil, idealizados por dom Sebastião Leme por meio do projeto da Neocristandade.

2.3. DOM SEBASTIÃO LEME E A “REVOLUÇÃO DE 1930”: UMA ABORDAGEM POR MEIO DAS PÁGINAS DO JORNAL “A CRUZ” DO RIO DE JANEIRO.

A edição do jornal “A Cruz” de 19 de outubro de 1930 apresentou a seus assinantes um número especial que celebrava o retorno de dom Sebastião Leme, agora como cardeal.

⁷⁸ Sobre essa cobertura que o jornal “A ordem” fez da Guerra Civil espanhola ver o terceiro capítulo da dissertação de Morais. MORAIS, Patrícia Wanessa de. **Op. cit.** p. 99 – 154.

⁷⁹ MORAIS, Patrícia Wanessa de. **Op. cit.** p. 53.

Uma imagem do mais novo cardeal ocupava toda a primeira folha do periódico, como mostrada abaixo:

Figura 01 – Capa do jornal “A Cruz” - Cardeal Leme⁸⁰.



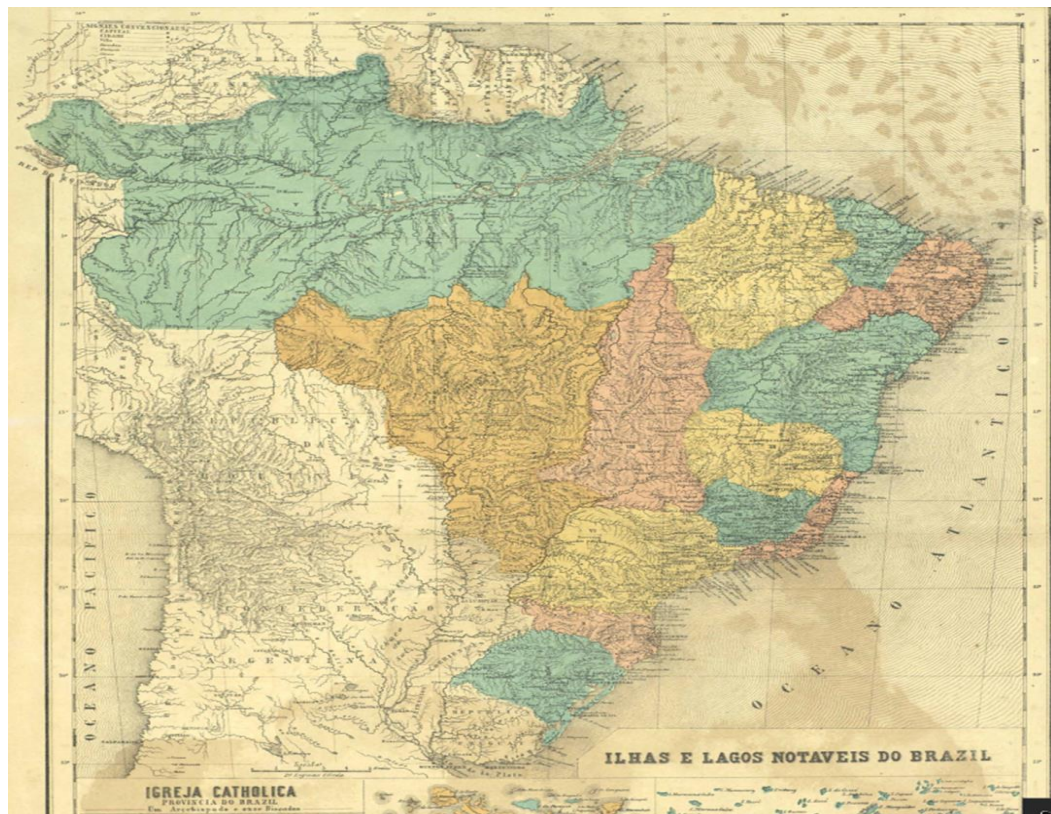
Fonte: Jornal A Cruz, 19 de outubro de 1930, página 1. Repositório da Hemeroteca Digital, Biblioteca Nacional.

A edição em referência foi estendida para uma quantidade de páginas superior às de suas edições normais, sendo nesse caso 12 o número de páginas, nas quais se liam várias homenagens e exaltações a figura do arcebispo do Rio de Janeiro e agora cardeal do Brasil, dom Sebastião Leme. Ele era ansiosamente aguardado no porto do Rio de Janeiro por uma grande quantidade de fiéis e boa parte da liderança católica da província eclesiástica do Rio de Janeiro, prontos a saudarem o retorno do novo cardeal brasileiro, que voltara da Itália

⁸⁰ Imagem disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=829706&PagFis=2359>. Acesso em Jun. 2019.

trazendo na bagagem o chapéu cardinalício e o título que lhe conferia o status de mediador dos conflitos existentes no seio da sociedade brasileira. Faz-se necessário nesse momento apontar que desde que a separação entre a Igreja e o Estado foi oficializada, a primeira lançou mão de estratégias *especializantes* como forma de ampliar e consolidar sua influência no espaço nacional. Essas estratégias eram adaptativas, mas nem sempre corroboravam com as práticas promovidas pelo Estado como aponta Gomes: “A Igreja foi se adaptando ao Estado, e armando estratégias distintas de expansão, nas regiões Norte e Sul do país devido às particularidades políticas e econômicas dos estados que compunham esses dois ‘pólos’” (GOMES, 2012, p. 31). Nesse mesmo sentido, e apontando para a agilidade da Igreja frente ao Estado o Pe. J. Cabral coloca: “religião católica, compreendendo a nossa finalidade geográfica e a diretriz dos nossos destinos, já se antecipou à ação do governo, fundando dioceses, prelazias e prefeituras em todo território nacional” (CABRAL, 1930, p. 14-15). O pensamento espacial da Igreja Católica era diferente da lógica do Estado, o que explica o fato das províncias eclesiásticas por vezes superarem os limites geográficos estaduais, como acontecia com as províncias eclesiásticas do Rio de Janeiro e Pernambuco, como podemos visualizar no mapa abaixo:

Figura 02 – Mapa do Atlas Cândido Mendes com as províncias eclesiásticas do Brasil⁸¹



⁸¹ ALMEIDA, Cândido Mendes de. 'Carta do Império do Brasil com divisões Eclesiásticas'. Atlas do Império do Brasil. Rio de Janeiro: Lithographia do Instituto Philomathico, 1868, p. II B.

O cardeal dom Sebastião Leme desembarcou no porto da capital federal no dia 19 de outubro de 1930, em meio à eclosão da Revolução de 1930, sendo saudado com bastante efusão por aqueles que o aguardavam. Reproduzo abaixo texto em referência ao seu pomposo desembarque:

Debaixo das bênçãos de toda a nossa população retornou o pastor ao seio do rebanho querido.
Ao retornar ao Rio sua eminência terá mais uma vez experimentado quanto o quer e quanto o ama o povo católico desta terra.
Apesar do “duílio” haver chegado muito antes da hora anunciada, grande era a afluência de pessoas ansiosas por prestarem sua homenagem de afeto e respeito ao grande príncipe da igreja.⁸²

Percebemos pelas páginas do jornal “A Cruz” que a chegada de dom Sebastião Leme foi motivo de grande celebração, capaz de reunir quantidade significativa de fieis e autoridades que o aguardava desde muito antes da previsão de sua chegada. Julgamos ser relevante atentar para como dom Sebastião Leme é chamado na última linha da citação, o editor do jornal o coloca como “grande príncipe da igreja”⁸³. Abro aqui um parêntese para colocar que essa forma de tratamento dada ao cardeal Leme não foi pontual.

Nos anais da Assembleia Constituinte de 1933 encontramos igual referência no discurso proferido pelo deputado Luiz Sucupira ao iniciar a leitura de uma nota escrita pelo próprio cardeal, vejamos a fala do deputado:

S. Eminencia, o cardeal D. Leme, acaba de fazer declaração peremptória a respeito, e venho à tribuna apenas para ler essas declarações, afim de que figurem nos Anais, como deles constam as acusações feitas contra o Príncipe da Igreja Brasileira.⁸⁴

É notório o destaque que buscou ser dado ao recém-consagrado cardeal, ora ao ser colocado como príncipe da Igreja, e não julgamos que esse tratamento seja meramente retórico, passa-se a imagem do cardeal como alguém que estaria abaixo apenas do Papa Pio XI, que por uma lógica hierárquica seria o monarca da Igreja na terra. Ao logo do capítulo poderemos desenvolver melhor esse papel de destaque exercido por dom Sebastião Leme. Outro aspecto relevante é o fato de que neste momento não havia apenas o sentimento de comemoração pela chegada de um grande personagem religioso, ele era percebido por muitos

⁸² Jornal A Cruz, ano XII, nº 43, Rio de Janeiro, 1930, p. 01.

Para uma melhor fluidez da leitura o texto foi convertido para o português vigente, medida que será repetida em todas as posteriores citações do periódico.

⁸³ Julgo importante pontuar que o mesmo tratamento é dado ao Cardeal Leme pelo Deputado Luiz Sucupira, que se refere ao mesmo como sendo o “príncipe da Igreja brasileira”

⁸⁴ Anais da Assembleia Nacional Constituinte, volume V [1933 - 1934], 33ª seção.

como alguém capaz de mediar o conflito que tencionava o Brasil. Como exemplo disso apresentamos parte da bibliografia produzida pela Fundação Getúlio Vargas que descreve como logo ao chegar ao Rio de Janeiro o cardeal foi informado sobre a situação política do país e convidado a intervir:

Quando o navio que trazia dom Leme aportou no Rio, o cardeal foi procurado por um emissário dos três chefes militares, que o colocou a par do projeto em curso e pediu que utilizasse sua influência sobre o presidente para ajudar na negociação de um acordo. Dom Leme respondeu que se recusava a participar de qualquer movimento revolucionário, mas poderia colaborar na busca de uma solução negociada entre as partes.⁸⁵

Parece-nos que é algo bem claro que a visão que se tinha do cardeal Leme nesse momento era de alguém capaz de assumir o papel de mediador do conflito que ameaçava tomar conta do Brasil. É fato que a vitória do candidato de Washington Luís nas eleições de 1930 foi prontamente apontada como sendo fraudulenta, não havia nenhuma novidade nisso, o modelo de eleições feitas durante toda a “República Velha” (para usarmos o termo dos vencedores) favorecia aqueles que detinham a máquina administrativa. O que havia de novo nesse momento era o fato de que ao romper com a lógica da política do Café com Leite e nomear um sucessor paulista, o presidente contribuiu para o agravamento de uma crise que já vinha se desenrolando desde a década anterior. Aproveitando-se disso, grupos descontentes com o governo criaram uma via alternativa, a Aliança Liberal, que contava com o apoio das oligarquias dissidentes, boa parte das camadas médias urbanas e tinha a simpatia do movimento tenentista. Sob a liderança de Getúlio Vargas e João Pessoa, que posteriormente foi assassinado, agravando ainda mais a crise, a Aliança Liberal adquiriu força suficiente para promover um golpe de estado. E nesse contexto, dom Leme surgia como alguém capaz de negociar uma saída a menos traumática possível para a crise vivida no Brasil.

A atuação do cardeal Leme ganhou destaque em alguns jornais de grande circulação no Brasil como era o jornal “O Globo”. Em entrevista ao referido jornal o capitão José Faustino Filho dá destaque a atuação de dom Sebastião. É importante colocar que a posição do cardeal não foi de apoio ao movimento tido como revolucionário, o que fica claro em suas palavras ao definir seu posicionamento por meio de três pontos: “a) Não aprovava revoluções; b) não entraria em questões políticas ou partidárias; c) só pleitearia a paz, sem desprestígio

⁸⁵ Texto disponível no sítio: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/sebastiao-leme-de-silveira-cintra>. Acesso em 20.05.2019.

dos princípios, da ordem e da autoridade”⁸⁶. A posição do cardeal é assertiva e estratégica, ele buscou mediar o conflito sem tomar partido, julgamos que essa foi a forma que ele percebeu ser a mais adequada e vantajosa para os interesses futuros da Igreja.

Em meio a um impasse sobre qual deveria ser o destino do presidente Washington Luís, que sofria risco de morte, inicialmente o cardeal Leme foi negociar a transferência do presidente para o Palácio São Joaquim, onde acreditava-se que estivesse seguro, no entanto, em meio a dúvidas da possibilidade de manter a salvo o presidente no referido Palácio, foi sugerido que o lugar mais seguro para o mesmo seria o Forte de Copacabana. O cardeal Leme se propôs a conduzir o presidente em segurança até o Forte, uma vez que havia uma agitação em frente ao Palácio da Guanabara. Vejamos o que foi escrito no jornal “A Cruz” do dia 09 de novembro a respeito disso:

Estou pronto a acompanhá-lo para conter as explosões do povo que lá fora grita. O que urge é não perder tempo. Salvem-se a vida do presidente e dos ministros. Não seja esta a primeira página sangrenta da história das revoluções brasileiras [...]. Daí a momentos sua eminência, o general Tasso Fragoso, D. Benedicto de Souza e o capitão Pery Bevilacqua tomaram o automóvel com o Sr. Washington Luís. Nos estribos tomaram lugar o major Castello Branco, o capitão Carlos Barreto, eu e outros. A saída todos gritavam: “Respeitem o cardeal. Silêncio”⁸⁷

O fragmento do jornal nos permite apontar que em meio a tantas autoridades militares e até mesmo do presidente, a autoridade presente mais respeitada pela população era o cardeal Leme, é bem emblemática a frase proferida “Respeitem o cardeal. Silêncio”, demonstrando todo o prestígio e respeito que o povo devotava ao “Príncipe da Igreja”. Consideramos que esse prestígio alcançado pelo cardeal Leme foi sendo forjado por meio de ampla campanha que se utilizava de livros, revistas e jornais e colocava a Igreja Católica como sendo a instituição mais adequada para inferir na sociedade brasileira a livrando do caos e dos perigos do mundo moderno que assolava a nação.

Faz-se necessário mostrar que a narrativa sobre a importância do cardeal Leme como principal mediador no conturbado cenário que se instaurou na década de 1930 no Brasil não foi uma retórica meramente católica. Essa visão era compartilhada por boa parte das lideranças políticas e militares brasileiras que enxergavam no “Príncipe da Igreja” alguém capaz de evitar um grande derramamento de sangue por meio da guerra civil. Na edição extraordinária do jornal “Correio da Manhã” publicada na sexta-feira, 24 de outubro de 1930, podemos reforçar essa tese com a utilização de um jornal leigo. Nessa edição o jornal

⁸⁶ Jornal A Cruz, ano XII, nº 45, Rio de Janeiro, 1930, p. 01.

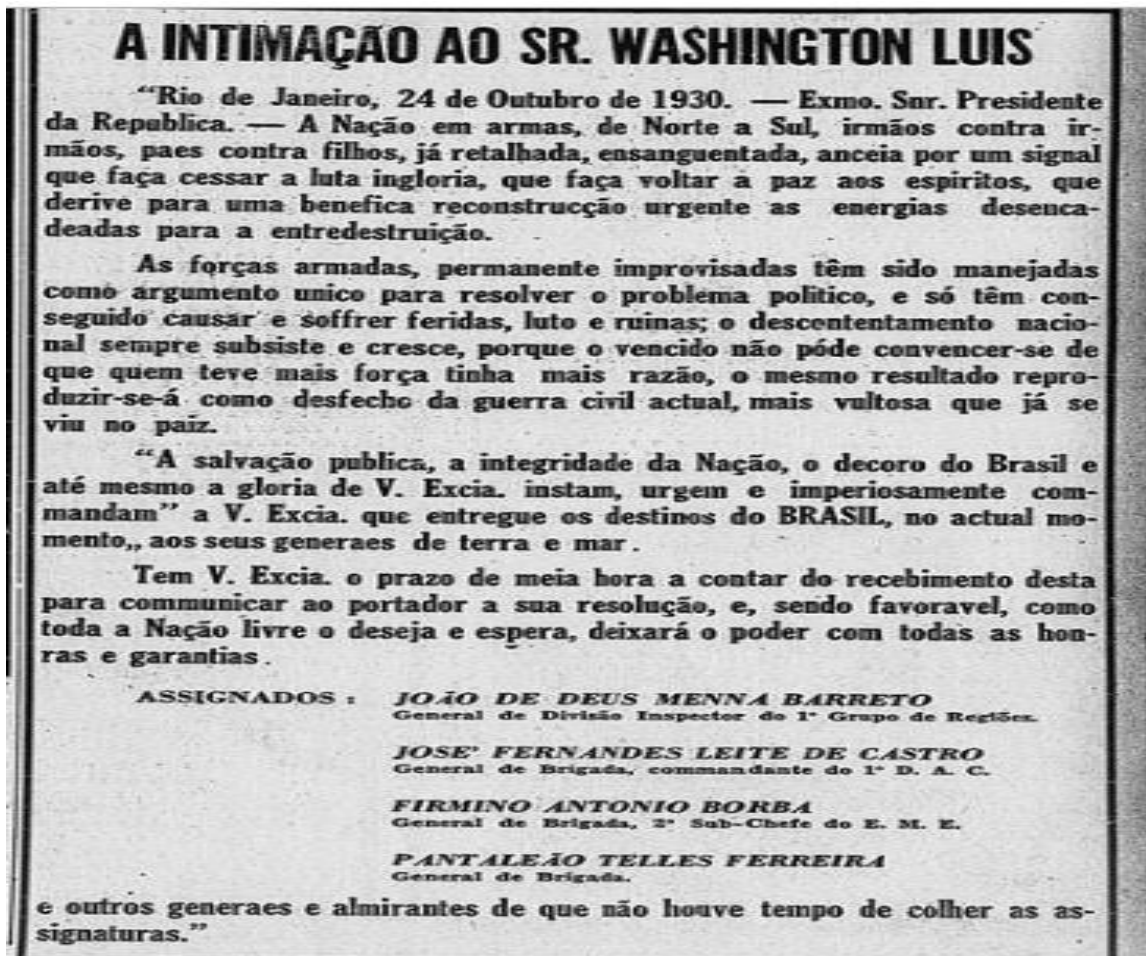
⁸⁷ Jornal A Cruz, ano XII, nº 45, Rio de Janeiro, 1930, p. 01.

apresenta os esforços que foram feitos para que o presidente Washington Luís pudesse renunciar ao cargo de forma pacífica. Nesse sentido a participação do cardeal Leme ganha destaque, vejamos algumas linhas do que foi publicado no referido jornal:

Toda tentativa de conciliação foi intentada e o governo obstinadamente se negou. Por último, houve a intervenção de sua eminência, o cardeal que nada obteve. Ainda neste momento delegaram os generais poderes ao capitão José Faustino para que sua eminência obtivesse do presidente se recolhesse ele ao palácio episcopal, sob a guarda pessoal e exclusiva da maior autoridade eclesiástica do Brasil e príncipe da Igreja, o que ainda não foi aceito. Convém frisar que, desde o início, resolveram os chefes da uma solução cristã, sem derramamento de sangue, impondo-se eles, mais pela força moral do que pelas armas [...] ⁸⁸.

Esse texto é interessante por vários fatores: primeiro por ser de um jornal leigo, o que nos mostra que a figura do cardeal Leme gozava de prestígios em diversos setores da sociedade, segundo porque coloca o cardeal como sendo a última opção a ser usada quando todas as demais falharam, sendo assim, era ele a mais importante e última cartada a ser utilizada. Por fim, podemos apresentar na terceira fonte distinta a utilização do termo “príncipe da Igreja” para se referir a dom Sebastião Leme, o que corrobora com nossa tese de sua importância para a reorganização da Igreja Católica brasileira. Esgotadas todas as tentativas de uma renúncia espontânea do presidente Washington Luís, o jornal “Correio da Manhã” apresenta uma intimação para que o mesmo deixasse o cargo. Documento reproduzido logo abaixo:

⁸⁸ Jornal Correio da Manhã, ano XXX, nº 10.995, Rio de Janeiro, 1930, p. 01.

Figura 03 – Intimação ao presidente Washington Luís⁸⁹.

Fonte: Jornal Correio da Manhã, sexta-feira, 24 de outubro de 1930. Repositório da Hemeroteca Digital, Biblioteca Nacional.

O documento reproduzido mostra que uma vez esgotada todas as tentativas de renúncia do então presidente, Washington Luís, fez-se necessário recorrer à força para que o mesmo deixasse o cargo. Mesmo utilizando-se dessa forma ainda foi importante a presença do cardeal Leme que foi o responsável por conduzir o presidente ao Forte de Copacabana como mencionado acima.

É importante colocarmos que o protagonismo de dom Sebastião Leme foi sendo construído paulatinamente, tendo como momento importante a publicação da sua carta pastoral de 1916, por meio da qual, ele iniciou o projeto da Neocrisandade que possuía o ambicioso projeto de recatolicizar o Brasil. Com a Constituição de 1891 se oficializou a separação entre a Igreja e o Estado, desde então a Igreja Católica buscou se reorganizar tanto

⁸⁹ Imagem disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/cache/1534608236048/10004343-60Alt=001766Lar=001197LargOri=004789AltOri=007062.JPG>. Acesso em Jun. 2019.

estruturalmente como estrategicamente e, veio a ser dom Sebastião Leme o protagonista nesse processo. Com o advento da Revolução de 1930 teve início um novo momento na história política brasileira, esse novo momento vai ser amplamente utilizado pelo cardeal Leme que percebeu que havia brechas nos campos políticos e social que poderiam ser reocupados pela Igreja. O cardeal Leme não apoiou a Revolução de 1930, bem como não se posicionou de forma contrária a mesma. A atitude do cardeal foi ao mesmo tempo conservadora e estratégica, ao negociar a deposição do presidente Washington Luís de forma pacífica, o príncipe da Igreja consolidou ainda mais sua força e, além disso, conquistou o respeito de vários segmentos da sociedade. Ao negociar a saída do presidente eleito, mas que não possuía mais força de sustentação e facilitar a chegada ao poder do líder revolucionário, mesmo havendo discordância se o movimento de 1930 foi realmente revolucionário, o cardeal Leme passou a ter acesso e circulação no Palácio da Guanabara, algo que ele fez bom uso, ao passo que no decorrer dos próximos anos tornou-se uma figura com acesso e influência sobre o presidente Getúlio Vargas.

2.4. “É PRECISO RECRISTIANIZAR O BRASIL”: A ATUAÇÃO DA LIGA ELEITORAL CATÓLICA NA CONSTITUINTE DE 1933

Nosso objetivo neste tópico do capítulo é analisar a atuação da Liga Eleitoral Católica (LEC) na Assembleia Constituinte de 1933. De acordo com Cândido Moreira,

Na reorganização da Igreja Católica, criou-se ao longo do século XX, um aparato de grupos e instituições constituídos pelo laicato católico, com o objetivo de auxiliar na ação político-religiosa da Igreja rumo a sua “restauração” no seio da sociedade brasileira.⁹⁰

Foi nesse contexto de reestruturação da Igreja Católica que a Liga Eleitoral Católica foi fundada em 1932, por ordem de dom Sebastião Leme e com o apoio de Alceu Amoroso Lima, com o objetivo de orientar os católicos a respeito dos assuntos políticos e pressionar os indivíduos que se elegiam com seu apoio a defenderem seus interesses junto ao Governo. Isso fez com que o Brasil seguisse um rumo contrário ao de vários países da América Latina, pois aqui não houve a criação de um partido político católico.

⁹⁰ RODRIGUES, Cândido Moreira; BARBOSA, Jefferson Rodrigues (Org). Intelectuais & comunismo no Brasil: 1920-1950 : Gustavo Barroso, Plínio Salgado, Alceu Amoroso Lima, Jorge Amado, Miguel Costa. Cuiabá: EdUFMT, 2011. P. 80.

De acordo com Ralph Della Cava o raciocínio do cardeal Leme ao escolher essa estratégia, levou em consideração as grandes diferenças regionais existentes no país e a ineficácia das estruturas político-partidárias que se pretendiam nacionais. (CAVA, 1975). Para, além disso, na visão do cardeal Leme, a criação de um partido católico dividiria os fiéis, o próprio pondera: com a criação de um partido católico “perderíamos o apoio certo de muitos, perderíamos o apoio provável de outros, e... o que ganharíamos?” (Ibid. p. 17). Diante dessa conjuntura política nacional, a Igreja vai, por meio da LEC, angariar o apoio necessário para consolidar sua pauta mínima que visava recuperar as perdas que a Igreja havia sofrido depois do rompimento com o Estado. É importante colocarmos que a Constituição de 1891 possuía caráter positivista e foi responsável por oficializar a separação entre a Igreja e o Estado, destituindo o catolicismo da posição de crença oficial. A análise produzida nas páginas seguintes tomou como principal fonte documental os Anais da Assembleia Nacional Constituinte - Volume V [1933 - 1934]⁹¹, será por meio desse documento que faremos o exame.

Antes de adentrarmos na análise mais minuciosa da participação da Igreja Católica no âmbito da Constituinte de 1933, cabe apontarmos que a preocupação da Igreja com a conjuntura política nacional é presente desde antes a formação da Assembleia Constituinte, até porque a Igreja necessitava de uma visão estratégica sobre sua participação nas discussões em torno da elaboração da nova Constituição. O jornal “A Cruz” de 06 de novembro de 1932 trouxe como matéria de capa a seguinte abordagem: “A religião católica em face do momento nacional”, para discutir esse tema o jornal contou com nomes de peso no meio intelectual católico. Foram convocados para defender a atuação da Igreja Católica no cenário brasileiro ninguém menos que Alceu Amoroso Lima e o Pe. Leonel Franca, dois intelectuais de envergadura que possuíam respaldo para além do campo religioso. Vamos nos ater principalmente a defesa feita por Alceu Amoroso que vai construir seu discurso a partir de seis tópicos que apresentaremos a seguir:

Afim de dar a estas minhas rápidas palavras sobre as relações entre religião e política um caráter positivo e prático, preferi escolher entre as objeções habitualmente empregadas contra o rumo que estamos seguindo nesse particular, algumas das mais usuais, indicando a argumentação que lhes pode ser oposta. Essas objeções, entre outras, são as seguintes:

I – A Igreja não deve meter-se em política.

II – A arregimentação eleitoral dos católicos determinará a arregimentação dos anticatólicos.

⁹¹ Disponível no site da Biblioteca digital da Câmara.

- III – A intervenção dos católicos na política vai despertar a luta religiosa.
 IV – Os católicos não estão preparados para a luta política, por falta de cultura, de disciplina e de meios.
 V – O voto é uma ilusão e o esforço eleitoral será infecundo.
 VI – A interferência das mulheres na vida pública virá a agravar os males da vida doméstica⁹².

Na continuidade do seu discurso, Alceu Amoroso Lima vai tentar desconstruir passo a passo cada um dos seis tópicos por ele apresentados como sendo as principais objeções referentes à relação entre o político e o religioso. Não podemos deixar de aventar o fato de ser Amoroso Lima um dos principais literatos da época, sendo assim, alguém que possuía uma grande intimidade com as letras, o que logicamente foi utilizado na construção do seu discurso. Não iremos nos deter a análise de cada um desses tópicos, primeiramente por que compreendemos que alguns deles convergem e secundamente por uma questão de fluidez do texto. Sendo assim, nos deteremos ao exame que Alceu Amoroso faz dos tópicos I, IV e V.

Sobre a afirmação de que “A Igreja não deve meter-se em política”, Lima vai construir sua defesa alicerçado em dois argumentos: “primeiramente mostrando que não é a igreja que se mete com a política e sim a política que se intromete com a igreja”⁹³, querendo fundamentar essa sua assertiva vai mostrando que ao longo dos séculos a política passou a invadir campos que eram por natureza religiosos, o que produziu a necessidade da Igreja reagir para não deixar de exercer sua influência, pois, segundo sua defesa “por direito natural e divino, compete a igreja governar, na sociedade, tudo que diz respeito á ordem moral e espiritual, ficando o Estado o que diz respeito á ordem civil e política”⁹⁴. É interessante notar que Alceu Amoroso atribui esse desequilíbrio entre os poderes à “[...] ruptura que se deu, na sociedade cristã, a quatro séculos, veio confundir terrivelmente essas funções [...]”⁹⁵.

Mesmo não fazendo referência direta ao acontecimento histórico, acreditamos que ele faz aqui uma menção a Reforma Protestante que acabou abalando parte da autoridade da Igreja, fazendo com que a mesma necessitasse se reestruturar para enfrentar os novos desafios lançados por esse movimento. No segundo argumento de sua defesa, Alceu Amoroso vai fazer uma distinção entre a atividade política partidária e a atividade política com fins religiosos, para ele essa primeira não deve interessar aos católicos enquanto católicos, vejamos:

A política partidária, a política regional, a política puramente profana não interessa aos católicos como católicos. Pode interessa-los com patriotas, como filhos deste ou

⁹² Jornal A Cruz, ano XIV, nº 45, Rio de Janeiro, 1932, p. 01.

⁹³ Ibid. p. 01.

⁹⁴ Ibid. p. 01.

⁹⁵ Ibid. p. 01.

daquele Estado, como membros de qualquer partido político. Tudo isso são atividades livres de cada um, que a Igreja escrupulosamente respeita, enquanto mantida dentro dos seus limites naturais.⁹⁶

Ao argumentar que a política partidária não deve interessar nem a Igreja nem aos católicos, Alceu Amoroso já indica que a LEC não foi criada para ser e nem possuía o desejo de ser um partido político, mas sim uma agremiação que teria como objetivo defender os interesses da Igreja dentro dos campos que eram inerentes a mesma, ou seja, os aspectos referentes a ordem moral e espiritual.

No que se refere ao fato dos “católicos não estarem preparados para a luta política, por falta de cultura, de disciplina e de meios”, é interessante notar que Alceu Amoroso Lima não discorda disso, ao contrário ele concorda em partes, pois entende que há de fato uma deficiência no meio católico nos aspectos acima elencados, no entanto, o que ele vai propor é que essas deficiências devem ser superadas no campo da ação:

“Acresce ainda que é agindo que se aprende a agir, que é pondo em prova os nossos recursos que os obteremos mais facilmente. Sob a pressão dos acontecimentos é muito mais fácil convencer os católicos da necessidade de conhecer bem a doutrina da Igreja, de se unirem pela obediência a voz dos seus chefes naturais, de angariarem os recursos necessários a ação – de que na retaguarda e na calma das posições de descanso.”⁹⁷

O discurso de Amoroso Lima é um incentivo e uma convocatória à luta, ele entende que os católicos não podem ficar inertes enquanto a política nacional é dominada por elementos que são contrários aos valores da Igreja e que defendem uma completa laicização da nação. Diante disso, faz-se necessário lutar e os católicos devem assumir sua posição no *front* em defesa dos ideais cristãos.

Por fim, ao argumentar sobre a ideia de que o “voto é uma ilusão e o esforço eleitoral será infecundo.” Alceu Amoroso entende ser essa “uma suposição arbitrária que não pode prevalecer sem provas”⁹⁸ ao contrário disso ele convoca os católicos a votarem, pois só assim é possível moralizar a política e quebrar o ciclo vicioso do individualismo liberal. O final de sua argumentação foi na verdade uma convocatória aos católicos, como veremos a seguir:

Por ora, alistem-se, votem e votem disciplinarmente. Se qualquer um desses três requisitos não for cumprido será inútil todo o nosso esforço. A Liga Eleitoral Católica não existe apenas para alistar eleitores e sim para concentrar a votação

⁹⁶ Ibid. p. 01.

⁹⁷ Ibid. p. 01.

⁹⁸ Ibid. p. 01.

católica nos candidatos que se comprometam a defender, durante o mandato, o seu programa, que não é mais do que o programa social da Igreja. Alistar-se, votar e votar na lista apresentada oportunamente pela Liga é que constitui o dever eleitoral dos católicos.⁹⁹

É importante localizarmos historicamente a fala de Alceu Amoroso Lima: o artigo escrito por ele foi publicado na edição do jornal “A Cruz” de 06 de novembro de 1932, ou seja, basicamente um mês após a Revolução Constitucionalista ter sido derrotada no campo militar, pois politicamente ela obteve êxito, uma vez que Vargas reativou a comissão que seria responsável pela elaboração do anteprojeto de Constituição que fora uma das grandes reivindicações dos revoltosos. Nesse sentido, é importante perceber que a convocatória de Alceu Amoroso Lima ao envolvimento dos católicos nas eleições vem em um momento, no qual, formavam-se novos partidos políticos para disputar as vagas na Assembleia Constituinte que seria formada. Sendo assim, com o objetivo de influir nesse cenário que a LEC foi criada em 1932. A Igreja católica, por meio, dos seus principais líderes se inseriu na disputa política brasileira não de forma direta, mas sim, oferecendo o que de mais valioso possuía o apoio institucional e conseqüentemente os votos da grande legião católica aqueles que se prontificassem a defenderem a pauta católica junto a Assembleia Constituinte.

Ao nos debruçarmos atentamente sobre o Jornal católico “A Cruz” do Rio de Janeiro e realizamos cuidadosa leitura dos Anais da Assembleia Nacional Constituinte de 1933¹⁰⁰, percebemos que essa retórica utilizada por Alceu Amoroso Lima, exposta logo acima, foi amplamente utilizada pela Igreja que buscou todo apoio possível para atingir seus objetivos na Constituição de 1934. Com a criação da Liga Eleitoral Católica, a Igreja angariou apoio de todos os candidatos que, minimamente se propusessem com suas causas, mesmo que esses candidatos não fossem católicos e/ou fizessem parte de agremiações políticas que possuíssem ideologia diferente da Igreja, exceto partidos comunistas. Sobre esse distanciamento dos partidos de esquerda o próprio Alceu Amoroso Lima coloca como sendo uma aliança inaceitável, como nos mostra Rodrigues,

Para Lima, era aceitável que a Igreja cooperasse com qualquer movimento com o fim de introduzir os princípios católicos na sociedade brasileira, exceto com a Aliança Nacional Libertadora, movimento identificado como o principal opositor da Igreja e dos interesses nacionais.¹⁰¹ (RODRIGUES, 2011:87).

⁹⁹ Ibid. p. 01.

¹⁰⁰ É importante destacar que os Anais da Assembleia Constituinte de 1933 é composta de XXII volumes. Nesse texto nos referimos especificamente ao volume nº V.

¹⁰¹ RODRIGUES, Cândido Moreira; BARBOSA, Jefferson Rodrigues (Org). 2011. **Op. Cit.** p. 87.

Era de total interesse da Igreja Católica participar ativamente desse momento de produção da Constituição brasileira e, para tal, ela sabia que necessitava construir uma base forte, que de dentro da Assembleia Constituinte pudesse defender os seus interesses, no entanto, não era aceitável construir essa base com grupos posicionados do outro lado do espectro político. Com essa estratégia bem definida a Igreja buscou consolidar uma base robusta de eleitos capazes de interferir na elaboração da Constituição de 1934. Possuindo uma pauta de interesses bem definida a estratégia utilizada foi realizar esse conluio que se mostrou bem-sucedido, afinal a Igreja conseguiu imprimir na Constituição de 1934 sua pauta.

Compreendemos que essa estratégia utilizada pela Igreja seguia a lógica do *metajogo*. Operacionalizamos esse conceito a partir das proposições colocadas por Peixoto, para o qual deve ser entendido como “uma estratégia que atravessa as posições do religioso e do político, em consequência, uma analítica crítica não regular e diagonal.” (PEIXOTO, 2015, p.101-102).

Nesse sentido, acreditamos que as movimentações feitas pela Igreja Católica na década de 1930 visavam sua inserção em um jogo maior, que imbricava aspectos religiosos e políticos, estratégia essa utilizada objetivando preencher brechas que surgiam no panorama político brasileiro, oriundos das disputas existentes após a consolidação da Revolução de 1930. Continuando tendo como base os escritos de Peixoto, para o qual: “a luta de representações se desenrolaria no metajogo na medida em que as posições e elaborações políticas e religiosas de grupos ou indivíduos se sucedem às respostas dos seus concorrentes, e, por sua vez, ensejarão outras respostas deles”. (PEIXOTO, 2015, p. 101-102). Nesse sentido, a Igreja flutuava e conferia apoio a grupos políticos com posicionamentos distintos, essa postura adotada pela instituição católica deixou claro seu objetivo de atuar em diversas frentes, sempre articulando suas jogadas de acordo com a previsão de movimentações futuras e, nenhuma dessas movimentações era feita de forma desinteressada e pontual, havia sempre uma perspectiva de tomada de poder e de reocupação dos espaços anteriormente perdidos.

A pauta defendida pela Igreja para Constituição de 1934 deixava clara essa estratégia de atuar em diversas frentes. Na 40ª seção de Assembleia Nacional Constituinte, ocorrida no dia 03 de janeiro de 1934, o senhor deputado Arruda Câmara, assumindo a posição de primeiro orador, fez o seguinte pronunciamento:

Senhor Presidente, nós propugnamos a assistência religiosa ás forças armadas, o ensino de religião nas escolas, com caráter facultativo, a monogamia indissolúvel, o

registro civil do casamento religioso. Quatro postulados, como que colunas do templo da liberdade religiosa.¹⁰²

Essa pauta que é apresentada pelo Deputado Arruda Câmara como proposta para a Constituição de 1934, mostra o mínimo que a Igreja buscava conseguir, notemos que ela era bastante abrangente e buscava influenciar nas áreas militar, do ensino e da moralidade. É importante pontuarmos que essa pauta foi plenamente aceita, tornando-se parte do texto da referida constituição. Essa aprovação completa das pautas propostas pela Igreja mostra a sua força política que foi alcançada por meio da inserção da LEC no metajogo político brasileiro.

2.5. A LIGA ELEITORAL CATÓLICA: CONTRADIÇÕES E DIVERGÊNCIAS.

O exame dos Anais da Assembleia Nacional Constituinte de 1933 nos possibilitou perceber que nem todos os candidatos que foram eleitos com o apoio da LEC se posicionaram de forma favorável a pauta apresentada pela mesma. Ao aglutinar um grupo tão diverso de candidatos essa divergência era algo bem possível de ocorrer. Teria sido isso uma fragilidade não identificada pelos idealizadores da LEC ou foi um risco conscientemente assumido? Esperamos apresentar respostas para essa questão ao longo do texto.

Nesse cenário de divergências foi intrigante o caso do deputado Plínio Alves Monteiro Tourinho que fora eleito à Assembleia Nacional Constituinte na legenda do Partido Liberal paranaense, partido este que recebeu apoio da LEC. No âmbito das discussões feitas nas seções da Assembleia Constituinte, o referido deputado se posicionou como um ferrenho defensor do ensino laico, algo que era fortemente combatido pela Igreja e conseqüentemente pelos deputados eleitos com o apoio da Liga Eleitoral. Aqui cabe colocarmos que para a Igreja o ensino laico não era apenas o afastamento do ensino religioso das escolas, sendo percebido como um ensino antirreligioso. Foi essa visão dos principais líderes da Igreja, sobretudo do cardeal Leme que colocou a discussão sobre o ensino religioso como uma das pautas mais importantes da Igreja que deveria ser fortemente defendida por aqueles que foram eleitos por meio da influência da LEC. Desta feita, a eloquente defesa do deputado Tourinho ao ensino laico transformou-se em um problema, pois, o mesmo havia sido eleito contando com o apoio da Liga Eleitoral.

O deputado Plínio Tourinho, em discurso proferido na 41ª seção da Assembleia Constituinte, ocorrida no dia 04 de janeiro de 1934, discorre sobre temas como o ensino

¹⁰² Anais da Assembleia Nacional Constituinte, volume V [1933 - 1934], 40ª seção.

religioso nas escolas, a orientação religiosa nos quartéis e o divórcio, sendo contrário aos dois primeiros temas e favorável ao último. Como podemos ver no seu discurso:

Sou contra o ensino religioso nas escolas e a assistência religiosa aos militares, mesmo sob a forma de facultativo pelos abusos e discórdias que eles irão produzir na sociedade, quando aplicados e ainda por entender que os males do Brasil. Não são consequentes da falta de religião, mas sim de descaso dos governos, que pouco ou quase nada fizeram no sentido da solução dos nossos mais sérios problemas.

Esse posicionamento do referido deputado é totalmente contrário ao requerido pela LEC dos candidatos eleitos com o seu apoio. É importante pontuarmos que o próprio deputado no decorrer do seu discurso alega não ter aceitado o apoio da Liga Eleitoral por questões ideológicas:

Por ocasião da organização das chapas partidárias tive a honra de ser ouvido pela ilustre comissão da Liga Católica, que se propunha a apresentar-me como um de seus recomendados ao futuro pleito, se estivesse eu de acordo em defender, neste plenário, algumas das aspirações requeridas e julgadas necessárias à própria estabilidade da religião católica. Tive o desgosto de não poder corresponder a tão honroso convite, por não me ser possível transigir com a minha consciência. Esses assuntos religiosos devem ficar excluídos de toda ação interventora do Estado, para não abrir um campo a inevitáveis conflitos.¹⁰³

No entanto é curioso que no verbete sobre o deputado, produzido pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), o mesmo é apresentado como tendo sido eleito com o apoio da Liga Eleitoral Católica. No texto sobre o deputado é escrito o seguinte “Em maio de 1933 elegeu-se deputado à Assembleia Nacional Constituinte na legenda do Partido Liberal paranaense e apoiado pela Liga Eleitoral Católica”¹⁰⁴. A fala do deputado e o verbete produzido pelo CPDOC nos coloca uma divergência: teria ou não o deputado Plínio Tourinho contado com o apoio da LEC? Julgamos não ser de grande relevância a confirmação desse apoio, pois no nosso entendimento, mesmo que não tenha oficialmente aceitado o apoio da LEC – como ele mesmo coloca, o nobre deputado foi identificado como sendo apoiado pela mesma, o que no contexto político da época certamente lhe rendeu uma boa quantidade de votos.

O mais interessante sobre essa questão apresentada acima não é fato de o deputado Plínio Tourinho ser ou não um dos candidatos recomendados pela LEC, acreditamos que o foco nesse caso é o debate que foi produzido sobre o ensino laico frente ao ensino religioso.

¹⁰³ Anais da Assembleia Nacional Constituinte, volume V [1933 - 1934], 41ª seção, p. 345.

¹⁰⁴ Verbetes disponíveis em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/plinio-alves-monteiro-tourinho>.

Ao analisarmos os anais da assembleia, as notícias vinculadas no jornal “A Cruz” e nossa bibliografia de referência, temos por certo que o ensino religioso facultativo foi um dos temas mais caros a Igreja, sendo essencial que o mesmo estivesse presente no texto da Constituição de 1934. A Igreja enxergava no ensino religioso a melhor maneira de formar os futuros católicos, levando em consideração que em sua carta pastoral de 1916, dom Sebastião Leme aponta a má formação dos católicos como uma das causas do enfraquecimento do catolicismo no Brasil. Sendo assim era fundamental que as futuras gerações possuíssem um alicerce mais forte e seria o ensino religioso uma das formas de imprimir essa sólida formação.

Diante disso os embates em torno dessa temática foram muitos no âmbito da discussão do anteprojeto da Constituição de 1934. Reproduziremos abaixo um desses embates ocorridos:

O Sr. Anes Dias – Propugnando a proibição do ensino religioso V. Ex. proíbe que alguém aprenda Religião.

O Sr. Plínio Tourinho – Não proíbo.

O Sr. Anes Dias – A religião não constitui unicamente sentimento, mas é sentimento esclarecido pela instrução.

O Sr. Plínio Tourinho – Entendo que a religião pertence ao lar e ao templo. Pelo menos a aprendi no meu lar e a que minha mãe me deu ficou-me para sempre.

O Sr. Anes Dias – Mas no lar não se aprendem senão os rudimentos da religião.

O Sr. Plínio Tourinho – O lar é à base da primeira educação. Quem não recebeu a primeira educação no lar ...

O Sr. Anes Dias – Educação que deve ser continuada na escola.

O Sr. Plínio Tourinho – ... não pode aprender religião. Continua a educação da criança que dela tem necessidade para vencer na vida, o que é muito difícil hoje.

O Sr. Anes Dias – Deve ser continuada ao lado dessa outra. V. Ex. acha que a religião não deve ser objeto de estudo?

O Sr. Plínio Tourinho – Nas escolas do Estado, não.

O Sr. Anes Dias – Todo ensino é ministrado nas escolas.¹⁰⁵

Esse embate reproduzido é uma pequena parte de um todo que se estende por algumas páginas, tornando-se alguns momentos bem efusivos e repletos de paixão por ambos. À medida que o deputado Plínio Tourinho vai desenvolvendo sua fala, vários outros deputados tomam a parte e se inserem no debate tornando-o bastante eloquente. É interessante que em meio as suas falas o deputado Tourinho chega a questionar a maioria católica brasileira, chamando-a de “maioria duvidosa”¹⁰⁶. O deputado bem sabia que de fato a população brasileira era em sua grande maioria católica, mas mesmo assim, faz uso desse argumento como forma de defender que a Constituição de 1934 não deveria ser um documento escrito para atender os interesses da Igreja Católica, mas sim, do povo brasileiro como um todo.

¹⁰⁵ Anais da Assembleia Nacional Constituinte, volume V [1933 - 1934], 41ª seção, p. 341 - 342.

¹⁰⁶ Ibid. p. 344.

Outro aspecto relevante nesse debate foi a solidão enfrentada pelo deputado Plínio Tourinho que não contou com o apoio de outras vozes favoráveis ao ensino laico (ao menos nesse momento), do outro lado foram vários os deputados que se insurgiram como defensores do ensino religioso e do aconselhamento militar. Isso nos mostra que no âmbito das discussões na Assembleia Constituinte a Igreja contou com vozes ressoantes dos seus interesses.

No entanto, a ausência de um partido católico produziu uma vitória frágil, que se transformou em recusa por parte de alguns candidatos de continuarem a defender as pautas católicas após 1934. Sobre essa fragilidade da vitória católica, Alceu Amoroso Lima publicou uma série de artigos, nos quais instigou os católicos a assegurarem essas conquistas. Era preciso proteger os ganhos conquistados com a Constituição de 1934, pois, foi justamente nesse período que, segundo Peixoto (2016, p. 13) “com programas inspirados no marxismo e no fascismo, a Aliança Nacional Libertadora (ANL) e a Ação Integralista Brasileira (AIB)”, surgem como duas frentes poderosíssimas que deveriam ser percebidas pela Igreja. Nesse sentido, acreditamos que esse parágrafo oferece uma resposta possível para questão lançada no início desse tópico. Mesmo que a LEC tenha assumido um risco calculado, a vitória produzida por meio de uma Liga que contou com candidatos oriundos de vários espectros políticos apresentava fragilidade, enxergando essa fragilidade, Alceu Amoroso vai lançar novas estratégias com o fim de consolidar as vitórias obtidas pela Igreja Católica.

O surgimento desses dois fortes grupos políticos e ausência de um partido católico, fez com que a liderança da Igreja Católica permitisse uma aproximação dos fiéis com o Integralismo, que na percepção de Lima seria o grupo que mais se aproximava das doutrinas católicas, como mais uma vez nos mostra, Rodrigues:

Para Alceu, o Integralismo era constituído por grupos revolucionários provenientes também da Revolução de 1930, composto por muitos católicos, que, a seu ver, aceitavam-no como estando próximo da doutrina social católica e da defesa de muitos dos seus princípios.¹⁰⁷

Seguindo a lógica do metajogo a Igreja busca aproximar-se daquele grupo com o qual possui mais pontos em comum, seria impensável, nesse momento, uma aliança da Igreja com a ANL, grupo que possuía uma pauta liberal que ia totalmente de encontro aos interesses defendidos pela liderança católica brasileira e era apontada por Alceu Amoroso como uma ameaça aos interesses católicos,

¹⁰⁷ RODRIGUES, Cândido Moreira; BARBOSA, Jefferson Rodrigues (Org). 2011. **Op. Cit.** p. 86.

Já em relação à Aliança Nacional Libertadora, Lima teve uma posição de maior cautela, pois enxergou nela uma grande ameaça aos interesses católicos. Para ele, o perigo maior desse movimento residia no fato de constituir-se em uma frente única de partidos e grupos de esquerda, de orientação marxista.¹⁰⁸

Diante do exposto compreendemos que a atuação da Liga Eleitoral Católica frente a Constituinte de 1933 foi fundamental para a reinserção da Igreja no plano político nacional, afinal a pauta defendida pela LEC foi aceita integralmente, sendo inserida no texto da Constituição de 1934, o que fortaleceu grandemente a Igreja que passou a influir de forma direta na política e sociedade brasileira. Podemos ainda inferir que a aproximação da Igreja com o núcleo da AIB foi fruto de uma estratégia que buscava mantê-la no jogo político brasileiro, mesmo que para isso fosse necessário ceder a um grupo que possuía ideologias fascistas. Afinal, não era cogitada uma associação com o liberalismo e o comunismo.

Enceramos esse capítulo, no qual, nos empenhamos em analisar a profícua relação entre a Igreja e o Estado na primeira metade da década de 1930. Dedicamo-nos a realizar esse estudo por meio de duas fontes principais: os Anais da Assembleia Constituinte de 1934 e o jornal “A Cruz” do Rio de Janeiro. Os anais nos forneceram o grosso das discussões que ocorriam no âmbito das seções parlamentares que se reuniam para discutir o anteprojeto da Constituição de 1934, o acesso às atas dessas reuniões nos permitiu identificar que os interesses católicos foram vigorosamente defendidos pelos deputados eleitos com o apoio da LEC. Mostrando que o esforço do Cardeal Leme para criar essa Liga foi bem sucedido.

O jornal “A Cruz” do RJ que tinha como editor chefe o norte-rio-grandense, Pe. J. Cabral, intelectual católico de destaque, ao qual nos dedicaremos analisar no próximo capítulo, era o periódico oficial da arquidiocese do Rio de Janeiro que já foi apontada nesse trabalho como sendo lugar de centralidade do catolicismo brasileiro na década em análise. Logo a utilização desse periódico como fonte de estudo, aponta para a importância que o mesmo desempenhou como órgão da boa imprensa e difusor dos ideais do projeto da Neocrisandade. Entendemos que o jornal “A Cruz” foi deveras importante para consolidação da produção de um espaço social católico que se pretendia nacional. O periódico por meio dos seus editoriais, artigos publicados por intelectuais católicos e leigos de envergadura nacional e sua atuação combativa dos inimigos da Igreja, tornou-se elemento importante no processo de construção de uma identidade nacional católica. Nesse sentido, nenhum outro periódico poderia nos servir como fonte de forma tão efetiva quanto o foi o jornal “A Cruz”.

¹⁰⁸ RODRIGUES, Cândido Moreira; BARBOSA, Jefferson Rodrigues (Org). 2011. **Op. Cit.** p. 87.

CAPÍTULO III – *CONCEITOS E FACTOS E A MIRAGEM SOVIÉTICA*: RETRATOS DE UMA ESCRITA REACIONÁRIA

Saiba que escreve um livro útil a todos os que se interessam pelos problemas da nacionalidade, do catolicismo e da humanidade.

Meu desejo é ver o seu trabalho nas mãos da juventude brasileira como um guia esclarecido e seguro de sua mentalidade tantas vezes oscilante e desorientada pela reinante anarquia mental.¹⁰⁹

Observa-se nas planícies áridas dos desertos o fenômeno da miragem, ilusão ótica, que faz ver como próximo os objetos colocados a longa distância.

O comunismo é hoje verdadeira miragem, sonho de uma idade de ouro, atrás da qual corre alucinado o proletário mundial.

É preciso dissipar esta miragem, afastar esse sonho perturbador.

Essa missão cabe a todos aqueles que conhecem a delicadeza dos problemas sociais e a importância dos momentos em que vivemos.

Trabalhando por dissipar a **miragem soviética**, escrevemos as páginas, que ora oferecemos ao povo leitor do nosso país.¹¹⁰

Neste capítulo nos dedicaremos à análise de duas obras do Pe. José Cabral: *Conceitos e factos* e *A Miragem Soviética*. Entendemos que essas duas obras quando analisadas à luz dos acontecimentos e do contexto histórico da primeira metade da década de 1930 nos fornecem uma compreensão elucidativa sobre o combate que a Igreja Católica propôs ao comunismo e a pauta de costumes defendida pela Santa Sé.

Antes de passarmos a análise da obra cabe biografarmos muito rapidamente o padre Cabral, que já sendo um dos personagens do capítulo anterior, nesse assumirá o protagonismo. Filho de Antônio Lustosa Cabral e Ana dos Passos Lustosa Cabral, José Maria dos Passos Cabral nasceu em Natal no dia 07 de outubro de 1897. O mesmo foi aluno nos seminários da Paraíba e Fortaleza, recebendo tonsura no primeiro, em 1916. Veio a Natal onde concluiu seus estudos e acabou lecionando no Seminário São Pedro. Em 1920 o presbiterado lhe foi concedido pelo bispo dom Antônio dos Santos Cabral e, antes de ser ordenado, foi secretário do bispado. Foi vigário de diversos municípios norte-rio-grandenses como Taipú, Macaíba e Santa Cruz. Em 1925 licencia-se e vai para o Rio de Janeiro, mas antes passa pela cidade natalícia do cardeal dom Sebastião Leme, Espírito Santo do Pinhal no estado de São Paulo, onde veio a instalar em 1926 o colégio católico Instituto D. Sebastião Leme. Interessante notar que antes de fixar-se no Rio de Janeiro o Pe. J. Cabral tem sua trajetória ligada a cidade natal daquele que despontava como principal líder da Igreja Católica brasileira, o que consideramos ser mais um indício da construção das *redes de sociabilidades*

¹⁰⁹ CABRAL. José Maria dos Passos. *Conceitos e factos*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1930.

¹¹⁰ CABRAL. José Maria dos Passos. *A Miragem Soviética*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1933.

como fator relevante na sua trajetória. Uma vez fixado no RJ assumiu a edição geral do jornal “A Cruz”, em fevereiro de 1930, e passou também a fazer parte do colegiado de São Pedro¹¹¹. O padre José Cabral fixou-se definitivamente no Rio de Janeiro, mas anualmente passava suas férias em Natal a fim de visitar sua mãe.¹¹²

A trajetória do Pe. José Cabral guarda algumas particularidades que a torna interessante: primeiramente o fato do mesmo ser um norte-rio-grandense e ter conseguido se estabelecer no Rio de Janeiro, centro do catolicismo brasileiro. A inserção do Pe. J. Cabral na capital brasileira não se deu de qualquer forma, ele assume a redação do jornal da Arquidiocese do Rio de Janeiro e que possuía uma função deveras importante no exercício da ‘Boa Imprensa’. Outro fato interessante sobre essa posição assumida pelo padre norte-rio-grandense é o fato de que o mesmo não fazia parte do primeiro escalão de intelectuais da Igreja Católica, mesmo compreendendo que a sua atuação como editor chefe do jornal “A Cruz” e a publicação de suas obras foram importantes no combate aos inimigos da Igreja, não é possível alçá-lo ao mesmo patamar de Alceu Amoroso Lima, para ficarmos apenas com um exemplo. No entanto, é fato que o Pe. J. Cabral alcançou um lugar de destaque no cenário católico da década de 1930. Será alvo deste capítulo, ao analisar alguns de seus artigos no jornal “A Cruz” e duas de suas importantes obras, compreender a função desempenhada pelo mesmo nos projetos católicos.

Entendemos que devemos analisar a trajetória de vida do Pe. J. Cabral e consequentemente sua chegada ao jornal “A Cruz” na perspectiva bourdiana, para o qual as experiências de vida dos indivíduos não ocorrem no vácuo, e sim incrustadas em estruturas sociais (BOURDIEU, 1983; 1989; 1996; 2000), nas quais, os percursos de vida são concebidos como produto de interações produzidas segundo um movimento dialético. Observando os momentos nos quais as trajetórias do Pe. José Cabral e do cardeal Leme se cruzam (como apontado no primeiro capítulo), entendemos que a trajetória percorrida pelo mesmo foi fruto dessa interação que os colocou em um mesmo espaço, possibilitando que fossem compartilhados valores úteis aos projetos pretendidos pelo líder da hierarquia católica no Brasil. Nesse sentido, refletindo sobre a obra de Bourdieu, Marinho pontua:

E assim, a vida dos indivíduos é concebida como resultado da relação que estes estabelecem, a partir das condições materiais e simbólicas de existência, por meio

¹¹¹ A data precisa sobre quando passou a fazer parte do colegiado de São Pedro não consta nas fontes pesquisadas, mas acreditamos ter sido por volta de 1930.

¹¹² Referências retiradas da obra *Levitas do Senhor*.

das quais estruturam seus modos de agir e de estar no mundo, simultaneamente, como agentes de reprodução e de transformação social.¹¹³

Mesmo, inicialmente estando no Rio Grande do Norte o Pe. J. Cabral possuía uma quantidade de capital religioso que levou sua trajetória ao encontro do cardeal Leme. Ainda de acordo com Bourdieu (1996) a trajetória é compreendida como os itinerários percorridos pelos agentes segundo suas experiências de vida e de acordo com sua origem social e determinada posição presente, antecedida por todas as outras posições sociais. Considerando que os percursos de vida dos indivíduos variam em função da estratificação social, pode-se afirmar que suas trajetórias expressam o pertencimento a uma determinada classe social. Segundo essa perspectiva, os indivíduos tendem a manter relações sociais duradouras com outros indivíduos que partilham de condições econômicas e culturais relativamente semelhantes, em uma sociedade – mesmo distantes economicamente o Pe. J. Cabral e o cardeal Leme possuíam condições culturais semelhantes e compartilhavam um capital religioso que os aproximava. É ainda importante pontuarmos que a leitura de classe social proposta por Bourdieu abrange uma diversidade de condições de vida que o autor sintetiza em duas vertentes: (I) a objetiva, que compreende as relações sociais definidas pelas condições materiais de existência; e (II) a simbólico-representativa, na qual as distinções de classe se exprimem nos hábitos e estilos de vida adotados pelos agentes sociais. Nessa perspectiva e ainda em diálogo com Bourdieu, tendo como base o conhecimento do espaço das posições, podemos tomar o conceito de classes no sentido lógico do termo que se remete a conjuntos de agentes que ocupam posições semelhantes e que quando colocados em condições e sujeitos a condicionamentos semelhantes têm com toda a probabilidade, atitudes e interesses semelhantes, logo, práticas e tomadas de posição semelhantes. (BOURDIEU, 1989, p. 136). Assim, ao analisarmos as trajetórias do Pe. J. Cabral e do cardeal Leme, tomamos por certo que ambos possuíam posições e interesses semelhantes, o que acabou por condicioná-los a assumirem posições e tomarem decisões também semelhantes.

Nesse sentido, a trajetória do padre J. Cabral que conseguiu, saindo de uma zona periférica, chegar até o centro da produção do pensamento católico, tornando-se editor chefe do jornal “A Cruz”, é aqui desenvolvida em uma perspectiva espacial, analisando como a intelectualidade católica conseguiu romper com a lógica hegemônica da relação centro / periferia.

¹¹³ MARINHO, Marco Antônio Couto. Trajetória de Vida: um conceito em construção. Revista do Instituto de Ciências Humanas, SP – Vol. 13, Nº 17, 2017. p. 03.

De acordo com Shills (1992) todas as sociedades humanas apresentam estruturas semelhantes e que é possível perceber nessas estruturas uma zona central dominante e as zonas periféricas que são afetadas pelo centro, que também é centro do poder. É possível perceber que o Pe. J. Cabral foi capaz de romper com essa lógica no momento que sai do Rio Grande do Norte, um lugar periférico, e se instala no Rio de Janeiro, centro do poder católico no Brasil e ainda assumir um lugar de importância nesse *locus*.

Ao tomarmos o Rio de Janeiro como centro do catolicismo na década de 1930 o fazemos tendo como base os pressupostos lançados por Shills para quem: “O centro é também um fenômeno que pertence a esfera da ação. É uma estrutura de atividades, de funções e pessoas, dentro da rede de instituições. É nessa função que os valores e crenças centrais se encarnam e são propostos” (SHILLS, 1992, p. 54). O RJ tornou-se centro do catolicismo brasileiro na medida em que foi se aglutinando no seu território uma série de instituições e intelectuais importantes para os projetos católicos.

Tendo essa compreensão da consolidação da Arquidiocese do Rio de Janeiro como centro do catolicismo torna-se ainda mais relevante a chegada do Pe. J. Cabral e a posição que o mesmo assume nesse *locus* do catolicismo. Entendemos que essa chegada deve ser compreendida a partir do que Shills chama de *sistema central de valores*¹¹⁴

As decisões tomadas pelas elites têm como elementos principais certas normas de julgamento e ação, e certos valores concretos, entre os quais o sistema como um todo, a sociedade, é um dos mais preeminentes. Aos valores inerentes a essas normas, valores esses que são abraçados e mais ou menos observados por aqueles que detêm a autoridade, chamaremos sistema central de valores da sociedade. Esse sistema central de valores é a zona central da sociedade. É central devido a sua ligação íntima com aquilo que a sociedade considera sagrado; é central porque é aceite pelas autoridades que governam a sociedade.¹¹⁵

Entendemos que esse sistema central de valores foi o que possibilitou a chegada do Pe. J. Cabral ao RJ. Pois, ainda de acordo com, Shills:

Muito ligada à apreciação das autoridades e das instituições nas quais ela é exercida está a apreciação das qualidades que qualificam as pessoas para o exercício dessa autoridade ou que são características de quem exerce a autoridade. Essas qualidades, às quais passaremos a chamar valores secundários, podem ser étnicas, educacionais, familiares, econômicas, ou profissionais; podem ser atribuídas aos indivíduos devido às suas relações ou poder ser adquiridas através do estudo e da experiência. Mas qualquer que elas sejam gozam da apreciação do sistema central de valores simplesmente pelo fato de estarem em conexão com o exercício da autoridade.¹¹⁶

¹¹⁴ Para uma melhor compreensão do conceito consultar: SHILLS, E. Centro e periferia. Lisboa: Difel, 1992.

¹¹⁵ SHILLS, Edward, 1992. **Op. Cit.** p. 55.

¹¹⁶ SHILLS, Edward, 1992. **Op. Cit.** p. 57.

Ao analisarmos a trajetória do Pe. J. Cabral, desde sua formação nos seminários do Nordeste e sua posterior chegada ao RJ, observamos que o mesmo era possuidor de uma grande quantidade de *valores secundários* muito apreciados, sobretudo, pelo cardeal Leme que tomamos como representante do sistema central. Desta forma, entendemos que a chegada e consolidação do Pe. J. Cabral na capital brasileira se deu devido o mesmo ser possuidor de uma quantidade significativa de valores caros aos projetos católicos no contexto da década de 1930.

3.1.1. A ESCRITA REACIONÁRIA DO PE. J. CABRAL EM ‘CONCEITOS E FACTOS’(1930)

No artigo ‘*System of the heavens*’, publicado na Revista Brasileira de História das Religiões em 2016, Renato Amado Peixoto realizando uma análise do conceito de *colusão*¹¹⁷ dialoga com uma série de autores que vem trabalhado por meio dos pressupostos lançados pela *Religião Política*¹¹⁸. Essa vertente historiográfica nos permite analisar as relações entre o político e o religioso, não como coisas distintas como se estivessem em campos antagônicos, mas sim, analisar suas aproximações, convergências e conluios. Sobre as relações entre a política e a religião, Gentile aponta para uma problemática presente ao logo do nosso texto como podemos ver abaixo:

O quanto é que as experiências de simbiose entre política, religião e modernidade têm influenciado as novas formas de politização das religiões tradicionais, que tendem a combinar igualmente a fé e a tecnologia, a tradição e a modernidade, o político e o sagrado?¹¹⁹

Gentile aponta para uma politização das religiões, que perante novos desafios lançados pela modernidade precisaram em dados momentos se reinventarem e se relacionarem de forma mais íntima com o político. A ‘Boa Imprensa’ em um contexto global, o projeto da Neocristandade e a criação da LEC em um âmbito nacional são exemplos dessa nova forma

¹¹⁷ Para melhor compreensão desse conceito ver: PEIXOTO, Renato Amado. ‘System of the heavens’: um exame do conceito de ‘Colusão’ por meio do caso da criação do Núcleo da AIB em Natal’ In: Revista Brasileira de História das Religiões, v.8, n. 25 (8), 2016.

¹¹⁸ Para um aprofundamento sobre o conceito ver os escritos dos historiadores: Emilio Gentile, Roger Griffin e Renato Moro.

¹¹⁹ GENTILE, E. Catholicism and Fascism. Reality and Misunderstandings. In: NELIS, J. et al. (Orgs.). Catholicism and Fascism in Europe: 1918- 945. Hildesheim: Georg Olms Verlag, 2015, p. 31.

de operar da Igreja, que mesmo combatendo a modernidade sabe que precisa em alguns momentos fazer uso de aparatos modernos. E demonstra também que a Igreja possuía uma lógica espacial adaptável às especificidades, realidades e problemáticas enfrentadas em diferentes espaços.

Nesse esforço de dialogar com historiadores ativos no campo da ‘Religião Política’, Peixoto vai apresentar algumas contribuições do historiador Renato Moro para o desenvolvimento de uma proposta analítica que toma como base a tipologia/topologia da direita católica. Entendemos que essa compreensão é fundamental para o desenvolvimento da análise das obras *Conceitos e Factos* e *A Miragem Soviética* escritas pelo padre J. Cabral, pois, este exame juntamente com o cruzamento de seus escritos como editor do jornal “A Cruz”, nos permite classificá-lo como um representante do reacionarismo católico brasileiro.

“O conservadorismo católico reuniria a maioria dos fiéis ao centro” (PEIXOTO, 2016, p. 126), feita uma primeira leitura dos escritos do Pe. J. Cabral, tendemos a classificá-lo como um conservador católico. No entanto, uma leitura mais atenta nos mostra que as ideias que o mesmo defende, o posicionamento político e os inimigos elegidos, o inserem em um grupo mais específico. Avançando na classificação dos conservadores católicos, Peixoto aponta:

Na medida em que se posicionariam enquanto antilaicos e antiliberais, os conservadores católicos propoariam a recristianização da sociedade, defendendo uma agenda centrada na exaltação da moral, na regulação dos costumes e na oposição às liberalidades na educação, nas mídias e nas diversões.¹²⁰

A escrita do padre J. Cabral possui todos esses valores compartilhados pelo conservadorismo católico. Na sua obra e nos seus artigos no jornal “A Cruz” o mesmo realiza uma defesa sistemática do ensino religioso, bem como apresenta o *Liberalismo* como um dos grandes males modernos, sendo a Revolução Francesa e a vitória dos países protestantes na Primeira Guerra Mundial alvos de constante crítica. Há ainda forte valorização dos princípios católicos como sendo importantes para a construção de uma sociedade mais forte e desenvolvida.

Embora identificando que os escritos do Pe. J. Cabral corrobora com práticas e posicionamentos presentes no conservadorismo católico, uma leitura mais aprofundada dos seus escritos nos mostra que o mesmo passou por um processo de radicalização que o inseriu dentro da vertente reacionária. De acordo com Peixoto:

¹²⁰ PEIXOTO, Renato Amado, 2016. **Op. Cit.** p. 127.

O segundo grupo – o catolicismo reacionário – seria, por sua vez, radicalmente nacionalista e sempre antissemita, posicionando-se, no tocante à sociedade, de maneira fundamentalmente diferente dos conservadores católicos, pois, ao contrário da sua recristianização, advogava a virada direta para o autoritarismo, fosse este militar ou ditatorial.¹²¹

Há nos escritos do Pe. J. Cabral uma crítica constante ao voto universal, mesmo não identificando uma defesa direta do autoritarismo, podemos enxergar nos seus escritos que essa solução era percebida como viável para o mesmo e ultrapassando um pouco o recorte histórico dessa dissertação podemos colocar o apoio conferido a Igreja Católica no Estado Novo como uma representação dessa defesa do autoritarismo ditatorial.

Avançando na classificação tipológica do Pe. Cabral com o reacionarismo católico, citamos mais uma vez, Peixoto que é nesse momento base dessa análise.

No catolicismo reacionário, as visões do passado teriam adquirido proporções verdadeiramente míticas, tanto na exaltação aos valores religiosos e familiares do mundo rural quanto na hostilidade à industrialização, ao urbanismo, ao materialismo e ao mundo moderno, e seus integrantes nutriram um profundo senso de decadência e declínio frente à vitória presumida dos países protestantes na Primeira Guerra Mundial.¹²²

Mais uma vez todos esses elementos apontados como constituintes dos valores compartilhados pelos católicos reacionários estão presentes no livro *Conceitos e Factos*, como demonstraremos mais a frente ao realizarmos a análise da obra. Por fim, em relação a essa classificação é importante apontarmos que a identidade do reacionarismo católico não se construiu em conluio com o fascismo sobre isso Peixoto aponta que:

Entretanto, o foco de atuação dos católicos reacionários se afastava decididamente do fascismo, pois embora também condenassem o socialismo e o comunismo enquanto variantes do liberalismo e da democracia, as suas atividades estiveram sempre mais centradas no combate à maçonaria e ao anticlericalismo. Além disso, os católicos reacionários não nutririam grandes simpatias pelo caráter popular, pragmático e revolucionário do fascismo, o qual, por sua vez, diferiria enormemente do seu próprio elitismo e da proposta de legitimar a soberania espiritual do papado e estendê-la em direção ao campo político.¹²³

Nesse aspecto a aproximação da Igreja com o fascismo deve ser analisada por meio da *colusão*, já explicada anteriormente por Griffin como “a confluência e síntese de posições antitéticas, com a transformação das crenças religiosas cristãs para que estas se adaptassem ao

¹²¹ PEIXOTO, Renato Amado, 2016. **Op. Cit.** p. 127.

¹²² PEIXOTO, Renato Amado, 2016. **Op. Cit.** p. 127.

¹²³ PEIXOTO, Renato Amado, 2016. **Op. Cit.** p. 128.

fascismo” (GRIFFIN, 2008, p. 7-8), ou seja, a aproximação do catolicismo com o fascismo se deu devido uma necessidade mútua.

Diante do exposto acreditamos ser possível passar à análise da obra *Conceitos e Factos* como fruto de uma escrita identificada com o reacionarismo católico. Esse exercício de classificação da escrita do padre J. Cabral feita nessas primeiras páginas possui dupla função estrutural e teórica: estrutural, pois entendemos que uma vez feita essa classificação a análise da obra tornar-se-á mais fluida (dispensando análises teóricas) e, teoricamente os conceitos ‘conservador’ e ‘reacionário’ aqui empregados precisam ser operacionalizados dentro do arcabouço teórico inerente a uma escrita que faz uso dos pressupostos lançados pela religião política.

3.1.2. ‘CONCEITOS E FACTOS’: “UM LIVRO BOM E SINCERO”¹²⁴.

Nesse momento passaremos a análise da obra *Conceitos e Factos* do padre José Cabral. Nossa análise busca consolidar a tese de que lidamos com a obra de um escritor identificado com o reacionarismo católico. Esse exercício tornar-se importante uma vez que entendemos que a consolidação do Pe. J. Cabral como um reacionário católico foi sendo construída ao longo da sua trajetória, sendo ela inclusive fator decisivo para sua chegada ao Rio de Janeiro e ascensão ao posto de redator chefe do jornal “A Cruz”. No espaço social católico brasileiro havia a disposição de vários grupos com visões diferentes e possuidores de capitais simbólicos distintos, foi justamente nesse cenário que a escrita e posição do Pe. J. Cabral foi percebida pelo cardeal dom Sebastião Leme como útil para os projetos de reestruturação da Igreja Católica nos campos político, cultural e social brasileiro.

A obra *Conceitos e Factos* foi publicada em 1930 e possuiu ampla divulgação no jornal “A Cruz”, encontrando-se sobre a mesma 92 referências, versando desde simples notas de propagandas até recomendações que contavam com breves resenhas da obra e elogios profusos ao autor.

Fato digno de menção é que a obra foi prefaciada por dom José Pereira Alves, bispo de Niterói e diretor da Editora Vozes de Petrópolis, responsável pela publicação da obra. O livro possui 254 páginas, divididas em três capítulos, contendo uma ‘temática geral’, vários subitens relacionados e, apêndices escritos ao fim de cada capítulo. A obra é bastante

¹²⁴ Jornal A Cruz, ano XIII, nº 43, Rio de Janeiro, 1931, p. 06.

abrangente e versa sobre temáticas diversas, permeando desde aspectos sobre a etnografia do Brasil até conceitos mais subjetivos como o feminismo, e, é nessa perspectiva que o título da obra se explica. São explorados fatos que o autor busca consolidar por meio de dados e de um arrazoado histórico e de conceitos discutidos sempre a partir de uma perspectiva religiosa e repleta de visões preconcebidas, inerentes a sua formação eclesial.

Como mencionado logo acima, a obra está dividida em três capítulos: *Aspectos nacionais* no qual o autor discorre sobre o “Brasil Atual” como temática geral, discutindo aspectos como ‘a Etnografia brasílica’, ‘A unidade da Pátria’, ‘As fraquezas do regime’, ‘Resenha histórica’, ‘Cruzada redentora’. Nos apêndices são apresentadas as seguintes discussões: ‘Independência política’ e ‘independência econômica’, ‘Reflorestamento’, ‘Migrações’ e ‘Atividade agrícola e expansão nacional’.

No segundo capítulo, intitulado *Questões contemporâneas*, o autor apresenta uma série de conceitos e vai discorrendo sobre os mesmos. Neste capítulo desenvolve-se uma escrita de cunho mais sociológico desenvolvido a partir de duas temáticas centrais: *As reivindicações das mulheres*, sendo abordados os seguintes temas: ‘Feminismo’, ‘A mulher através dos tempos’, ‘O cristianismo e a mulher’, ‘O feminismo aceitável’. No item ‘Do casamento ao divórcio’, o autor analisa as seguintes temáticas: ‘Objecções’, ‘O divórcio e suas consequências’, ‘A crise da família brasileira’, ‘De que modo conjurar o mal’. Na parte dos apêndices o autor mantém a vertente sociológica e discorre sobre um emaranhado de conceitos: ‘As ilusões da soberania popular’, ‘O trabalho’, ‘Campos opostos’, ‘Argentaria’, ‘Clerofobia’, ‘Males de hoje e de outrora’, ‘Liberalismo e liberdades’, ‘Pacifismo’.

Por fim, no último capítulo, *Ensaio apologético*, o autor mantém a estrutura do capítulo anterior apresentando duas temáticas centrais: ‘A Igreja e o progresso social’ e ‘A Igreja e a Democracia’. Como os temas sugerem é neste capítulo que o autor apresenta como em sua compreensão o sucesso da sociedade depende de uma ligação com os princípios religiosos e faz isso por meio dos seguintes subtemas: ‘A Igreja e o progresso material’, ‘A Igreja e o progresso intelectual’, ‘A Igreja e o progresso moral’, ‘Questão social e a Igreja e o futuro’. Os apêndices são escritos mantendo a mesma perspectiva de valorização dos ideais católicos versando sobre os seguintes temas: ‘A liberdade da escola’, ‘Christus Rex’, ‘Educação moral’, ‘Franciscanismo’, ‘Argumentos contra factos’, ‘Fé e sociedade’, ‘O poder das trevas’ e ‘O Catolicismo e o século XX’.

Realizada essa apresentação da estrutura do livro, passaremos a análise do mesmo que será feita obedecendo à ordem dos capítulos, por entendermos que essa é a escolha

metodológica mais apropriada. Neste momento explicitamos que os capítulos dois e três serão alvo de maior apreciação, uma vez que as temáticas abordadas nos mesmos se relacionam melhor com o objeto de estudo desse capítulo.

Como a obra *Conceitos e Factos* do Pe. J. Cabral é um ensaio que versa sobre questões religiosas e sociológicas, a sua escrita busca trazer um equilíbrio entre as duas, que permeia toda a obra e apresenta certo rigor científico, que o autor busca imprimir por meio de citações de obras clássicas, dados estatísticos e resenhas historiográficas.

A atuação e escrita do Pe. J. Cabral o insere no grupo dos *intelectuais católicos* que, como apontado por Patrícia de Moraes, deve ser compreendido que, como resposta à “secularização e o laicismo, é difícil entender o[s] intelectual[is] católico[s] enquanto categoria, pois [estes] se constituíram com o fim de pensar alternativas para aqueles problemas, alternativas estas oriundas do clero.” (MORAIS, 2017, p. 87). Nesse sentido, a obra em análise é profícua em alternativas à secularização, laicismo, liberalismo e comunismo, que são apresentados como os grandes males do mundo moderno.

O livro da Pe. J. Cabral não conta com uma introdução, mas sua escrita é precedida por um elogioso e afetuoso prefácio escrito por dom José Pereira Alves, bispo de Niterói e diretor da Editora Vozes de Petrópolis. O prefácio escrito por dom José pode ser visto como um selo de legitimidade à obra escrita pelo Pe. J. Cabral, o que sem dúvidas conferiu *status* no mercado linguístico católico. O prefácio de dom José Pereira faz as honras de apresentar um breve resumo da obra, para o bispo de Niterói o livro era um “manual de patriotismo e de religião e de sociologia”. Realizando um serviço:

As nossas grandes questões nacionais, religiosas e sociais foram estudadas por V. Reverência não só com talento e carinho, mas lhe deram ensejo para a revelação do seu senso de análise e de sua já adiantada cultura¹²⁵.

O prefácio escrito por dom José Pereira vai ser reproduzido diversas vezes nas páginas do jornal “A Cruz”, o que servia como legitimação e boa propaganda para o livro.

3.1.3. OS PROBLEMAS NACIONAIS ABORDADOS SOB A ÓTICA REACIONÁRIA DO PE. J. CABRAL.

¹²⁵ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p. 03.

No primeiro capítulo *Aspectos Nacionais* o Pe. Cabral desenvolve uma análise que ele intitula de ‘considerações socio-geographicas’.¹²⁶ Na primeira parte deste capítulo o autor aponta o que ele entende como sendo *contrastes e confrontos* em relação à formação do Brasil. Ao desenvolver essa ideia ele mostra como a divisão geográfica do Brasil produziu uma série de problemas administrativos para a nação que se via sempre privilegiando espaços geográficos em detrimento de outros.

As capitais absorvem o melhor das rendas publicas e levam em obras sumptuárias o que, repartido criteriosamente, daria para introduzir importantes melhoramentos nas povoações sertanejas.

A poucos quilômetros de distancia das nossas melhores cidades, nos próprios subúrbios, vivem, ou antes, vegetam, no maior atraso, criaturas humanas, privadas da instrução rudimentar e dos mais elementares recursos da hygiene.¹²⁷

É possível perceber nessas palavras que o autor julga haver uma má distribuição das políticas públicas dos governantes nos vários estados do Brasil. O Pe. J. Cabral ainda aponta que o Estado não concede as povoações sertanejas o acesso à educação o que no entendimento dele favorece o surgimento de fenômenos como o Cangaço e a Revolta de Canudos.

O poder público concentra o aparelhamento do ensino oficial nas capitais e centros urbanos mais importantes, deixando entregues à ignorância crassa os habitantes das zonas rurais. Daqui o aparecimento periódico de jagunços e cangaceiros, como Antônio Silvino e Lampião, que flagelam e saqueiam vastas regiões, implantando sobressaltos e luto entre gente pacata.

O país estremece de horror ao ouvir falar de fanáticos, recordando as páginas negras das campanhas de Canudos, Contestado e Juazeiro.¹²⁸

É interessante notar que na continuação da sua escrita o Pe. J. Cabral vai apresentar como essas questões podem e estão sendo solucionadas, mas essas melhorias não são apresentadas como obras do Estado, mas sim, pela “religião católica, compreendendo a nossa finalidade geográfica e a diretriz dos nossos destinos, já se antecipou à ação do governo, fundando dioceses, prelazias e prefeituras em todo território nacional”¹²⁹. O Pe. J. Cabral demonstra nesse trecho a importância da atuação da Igreja frente aos problemas nacionais, neste caso em específico adiantando-se e solucionando problemas que o Estado demonstrava ser incapaz de perceber e gerenciar. Nesse aspecto, é clara a noção espacial que a Igreja Católica brasileira possuía, compreendendo que em um país de proporções continentais como

¹²⁶ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p. 10.

¹²⁷ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p.14.

¹²⁸ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p.14.

¹²⁹ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p.14-15.

o Brasil, fazia-se necessário adaptar-se a essa realidade agindo de forma a desenvolver planos específicos para os espaços local e nacional. Ao criar uma centralidade no Rio de Janeiro, então capital federal e reunir os principais intelectuais católicos e leigos e todo o aparato de distribuição do discurso católico como jornais, revistas e o Centro Dom Vital, a Igreja consolidou o RJ como principal *lócus* do espaço social católico brasileiro, responsável por produzir e distribuir o discurso católico nas demais zonas do Brasil, que por sua vez também possuíam seus mecanismos de recebimento e distribuições dos capitais produzidos no centro.

Ao abordar a *Etnographia Brasílica* ganha destaque nos escritos do autor a teoria da construção do povo brasileiro por meio de três raças, sobre isso Pe. Cabral escreve: “Três raças se desenvolveram em nosso meio físico: a branca, a vermelha e a negra.” A perspectiva do autor sobre a composição étnica do Brasil sendo desenvolvida por meio desses três grupos precede em décadas o trabalho clássico do antropólogo Darcy Ribeiro, *O povo brasileiro* publicado em 1995. Nas primeiras décadas do século XX no Brasil as teorias eugênicas possuíam espaço e eram discutidas nos meios intelectuais, sendo defendida por intelectuais renomados como Monteiro Lobato, autor do *Sítio do Picapau Amarelo*, e Oliveira Vianna, jurista e sociólogo considerado imortal pela Academia Brasileira de Letras. É possível perceber nos escritos do Pe. J. Cabral que ele corroborava com essas ideias. Há no seu texto uma supervalorização do elemento branco, sobretudo, o português. Como podemos ver na sua citação:

Baptista Pereira¹³⁰ escreveu, em *O Brasil e a Raça*, estas palavras: “O português tem qualidades eugênicas de primeira ordem. Nos cruzamentos com outras raças, a constante é a da sua predominância. Na mestiçagem com o negro, ele domina sempre. No caldeamento afro-lusitano, a sua influência opera como a do sangue de boi na refinação do açúcar preto: é o agente catalítico da brancura”.¹³¹

É presente em boa parte da obra do Pe. Cabral essa escrita que valoriza o elemento branco e é defensora que a condução do país deveria ficar a cargo de um grupo de notáveis, pois o cidadão comum não possui discernimento para influir nas decisões importantes para o futuro da nação. Sendo coerente com essa sua visão ele vai representar o negro como um ser subalterno, mesmo quando defende que o negro foi importante para a formação do Brasil aponta que “Na formação da sociedade brasileira representou papel decisivo, embora como fator material”¹³². O autor não enxerga a importância na formação cultural do Brasil os

¹³⁰ O autor faz referência a obra: *O Brasil e a Raça* de Baptista Pereira, publicada em 1928.

¹³¹ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p. 23.

¹³² CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p. 25.

elementos culturais trazidos pelo negro da África e que se amalgamaram na cultura brasileira contribuindo de forma significativa para identidade cultural nacional. Outro ponto presente nesse primeiro capítulo do livro é a busca por suavizar a escravidão, como podemos ler abaixo:

Ainda agora, volvidos tantos anos da abolição do cativo, as famílias mais antigas e respeitáveis já colhem em seu recesso os antigos escravos e seus descendentes, que são recebidos e tratados com especial estima e agrado.
Houve senhores, malvados e cruéis, mas foram exceções; na grande maioria dos proprietários o sentimento humanitário e os princípios cristãos temperaram as agruras de urna condição tão humilhante.¹³³

A historiografia brasileira é profícua em trabalhos que demonstram que a escravidão no Brasil foi das mais cruéis, não havia suavidade no trato dos senhores com seus escravos, ao contrário disso as fontes mostram que o trabalho extenuante e o castigo físico fazia parte do cotidiano dos escravos que viviam em condições miseráveis. E o que o autor coloca como um acolhimento afetuoso dos antigos escravos e seus descendentes foi na verdade uma tentativa, de mesmo após a abolição da escravidão em 1888, manter as suas estruturas servis, sendo a ausência de políticas públicas de acolhimento aos recém-libertos o que favoreceu a manutenção da estrutura de exploração das populações negras no Brasil.

Escrevendo sobre a *Unidade da Pátria* o Pe. J. Cabral exalta o fato do Brasil, mesmo sendo um país de proporções continentais, ter conseguido vencer os inimigos que tentaram se apropriar da nação e manter a sua unidade geográfica. O autor católico comemora também a unidade religiosa da nação: “Possuímos a unidade religiosa, pois as diversas seitas, por aí espalhadas, não podem roubar o Brasil a glória de ser um país genuinamente católico.”¹³⁴ A ideia do Brasil como um país majoritariamente católico vai fazer parte da retórica católica que buscou usá-la como moeda de troca e, fez isso muito bem com a criação da LEC, indicando os candidatos que eram dignos de receber os votos dos fiéis católicos. Esta estratégia foi de veras importante para as suas conquistas no âmbito da Constituição de 1934.

Na parte do capítulo dedicada ao que o autor chama de *Resenha Histórica* é exposta a visão do mesmo sobre o processo político pelo qual o país passou ao longo da sua história. Digno de nota são as características reacionárias presentes na escrita desse tópico que em um primeiro momento faz uma defesa da casa real portuguesa e do regime monárquico, como podemos ver na citação abaixo:

¹³³ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p. 26.

¹³⁴ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p. 36.

Só a forma monárquica, sob um descendente da casa de Bragança, realizaria o milagre de conservar uno e indiviso um país de tal vastidão territorial. Não fora este facto e teríamos a América portuguesa fragmentada em repúblicas, como as diversas nacionalidades hispano-americanas.¹³⁵

É perceptível a visão idealizada e mítica do passado atribuindo a casa Bragança o milagre da conservação da unidade nacional. Esses são valores compartilhados pelo reacionarismo católico que exalta o passado monárquico e enxerga no progresso e na modernidade males que devem ser combatidos. Ao se referir ao regime republicano é essa visão negativa que prevalece,

A República veio cedo demais para um país com a grande maioria de sua população composta de analfabetos e ex-escravos. Os ideais democráticos não haviam penetrado as elites nacionais nem os partidos dispunham de programas definidos. Daqui a situação atual. Quarenta anos de desgoverno republicano já se escoaram sem benefício algum digno de nota.¹³⁶

Ironicamente o autor aponta o período de 40 anos de governo republicano como sendo um desgoverno. É ainda pertinente atentar para o fato do Pe. J. Cabral entender que o Brasil não possuía maturidade suficiente para tornar-se uma República, pois, na sua visão sem o amadurecimento dos ideais democráticos a implantação do regime republicano era ineficaz. Mais uma vez é possível perceber na escrita do Pe. J. Cabral a defesa de que certos grupos privilegiados deveriam assumir o controle político da nação, pois a República havia chegado cedo demais a um país de maioria de analfabetos e ex-escravos, tornando inócuas as atividades políticas. Além disso, as elites nacionais que deveriam exercer o controle político careciam de amadurecimento e de projetos políticos definidos.

Findamos a análise desse capítulo, onde ainda se exploram outros temas, certos de que a visão dos problemas nacionais e a soluções apontadas pelo autor corroboram com a tipologia do mesmo como um escritor inserido na vertente do catolicismo reacionário. Há na escrita do Pe. J. Cabral uma exaltação do passado monárquico e uma recusa de aceitar a República. Para, além disso, temos claro que para o intelectual católico, a solução para os problemas nacionais passa necessariamente por uma recatolização da sociedade brasileira.

3.1.4. SEJAM ANTES DE TUDO “VERDADEIRAMENTE CRISTÃOS”.

¹³⁵ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p. 46.

¹³⁶ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p. 46.

Não sei o que melhor corresponda ao espírito da sociedade contemporânea, como sua imagem e representação; se o andar embaraçado e tímido da criança, que ensaia os primeiros passos; se o caminhar trôpego do ancião, que vacila á borda do sepulcro.

Parece, porém, que este ultimo simboliza melhor e mais perfeitamente o mundo moderno, exausto de competições e minado nos fundamentos de sua existência.¹³⁷

O capítulo destinado a explorar o que o autor chama de *Questões Contemporâneas* é aberto com uma visão pouco otimista da contemporaneidade percebida pelo autor como cambaleante. Estes passos trôpegos é fruto de uma sociedade minada pelos vários conflitos existente em seu seio, dentre os quais *As Reivindicações da Mulher* tema ao qual o autor dedica profunda análise como veremos.

Esboçando a questão das reivindicações das mulheres por direitos iguais no âmbito mundial, o autor aponta que esse “problema” ganhou contornos mais acentuados após o advento da Primeira Guerra Mundial. A Guerra demandou um grande contingente de soldados, o que acabou levando a mão-de-obra para os campos de batalha, criando a necessidade que esses postos fossem ocupados pelas mulheres. Nas palavras do autor esse fenômeno “levou á atividade industrial ou burocrática grande número de mulheres, antes reclusas no santuário do lar domestico.”¹³⁸ Nessas poucas palavras o Pe. J. Cabral já apresenta sua visão sobre o papel da mulher na sociedade. Ao longo do texto essa posição ficará mais clara, mas a concepção do lar doméstico enquanto santuário já é bastante eloquente ao referir-se a situação da mulher brasileira nesse contexto o autor consolida sua posição:

E nosso Brasil não ficou isento desta transformação social e grande mudança que se observa na conduta do sexo fraco, sobretudo nas capitais; e centros populosos. A desenvoltura com que senhoras e moças frequentam o mundo e se apresentam em publico está muito longe do recato de suas avós. Infelizmente, neste particular, progredimos muito e muito, mais depressa do que era para desejar.¹³⁹

A análise da visão do Pe. J. Cabral sobre o papel da mulher na sociedade e sobre o movimento feminista deve ser feita com bastante cuidado, e, buscaremos fugir da sedução do anacronismo. Estamos analisando uma obra escrita por um padre católico, o que por si só já trás uma série de especificidades que devem ser consideradas, acrescente-se a isso o fato de ser um padre identificado como um reacionário, além disso, a obra é da década de 1930. Todos esses fatores em conjunto tornam a análise dos escritos delicados. No entanto, o nosso objetivo não é fazer uma análise de cunho sociológico da obra discutindo questões como

¹³⁷ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p. 89.

¹³⁸ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p.89.

¹³⁹ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p.90.

igualdade de gênero, feminismo, movimento operário ou qualquer fenômeno do tipo, nossa análise busca mostrar como a escrita do Pe. J. Cabral esteve a serviço dos projetos da Igreja Católica brasileira na década de 1930. Mais ainda, buscamos demonstrar como foram essas posições assumidas por ele que o alçaram a sua posição de destaque como intelectual católico recomendado por personagens de envergadura dentro do catolicismo brasileiro como o cardeal Leme e o bispo dom José Pereira.

Ao realizar sua análise do feminismo, o Pe. J. Cabral vai apresentar uma série de conquistas obtidas pelas mulheres no cenário mundial como o direito ao voto, o acesso ao ensino superior, à ocupação de postos no mercado de trabalho entre várias outras conquistas. Mesmo apresentando-as como sendo importante para as mulheres o que chama atenção no texto é a forma que ele conclui a análise referente a estas, vejamos: “Não obstante, porém, tantos benefícios incontestáveis têm produzido muitos males, máxima é a masculinização da mulher, que de companheira e colaboradora do homem, se vai transformando numa rival e concorrente.”¹⁴⁰ A conclusão demonstra que os benefícios vêm à guisa de malefícios maiores, transformando colaboradoras em rivais.

Ao abordar a temática ‘A mulher através dos tempos’ o autor busca desenvolver um arrazoado histórico da posição da mulher ao longo dos períodos históricos e das mais diversas culturas. O trabalho do Pe. J. Cabral de realizar essa compilação histórica sobre a posição das mulheres ao longo dos tempos possui uma função bem objetiva: ao comparar esse papel ao longo da história e em sociedades distintas o autor busca construir uma retórica que leve o leitor a concordar com ele que a mulher gozou de melhores condições de vida nos períodos históricos nos quais havia um predomínio da religião cristã. Primeiro, fazendo referência ao povo de Deus, para o qual segundo a lei mosaica a “esposa pela força moral dominava a força material do marido e, embora reputada inferior no tocante á religião, era considerada superior sob o ponto de vista familiar.”¹⁴¹ Num segundo momento, vai abordar a valorização da mulher na perspectiva do cristianismo. É clara a intenção do autor de mostrar que sob os domínios da religião cristã a mulher foi favorecida, sendo respeitada e valorizada.

Ao longo desse capítulo o autor vai demonstrar um bom conhecimento histórico e uma habilidade de escrita. Ele desenvolve o capítulo contrapondo períodos históricos e buscando demonstrar como sob o domínio da Igreja a mulher vivia em melhores condições. O período clássico é colocado pelo autor como um dos piores períodos para a mulher que segundo o mesmo na sociedade helênica vivia como propriedade, antes do seu pai e, depois do marido.

¹⁴⁰ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p.93.

¹⁴¹ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p. 94.

Este exercício de apresentar o período clássico de forma negativa é feito em contraponto a uma exaltação da Idade Média, período conhecido como sendo de grande domínio da Igreja. Ainda no seu exercício de escrita, o Pe. J. Cabral busca valorizar a Idade Média e mostrar que a escolha dos renascentistas pelo reavivamento do período clássico não foi uma boa escolha, ao menos para as mulheres.

Para o autor foi em Cristo que a mulher encontrou auxílio: “Foi Jesus Cristo que, com seus ensinamentos sobre a criação e a redenção da humanidade, levantou a mulher, do profundo abatimento em que jazia e a repôs em seu lugar natural, abrindo nova era nas relações entre os sexos.”¹⁴² No item ‘O Cristianismo e a Mulher’ o autor vai realizar uma análise valorativa da mulher no cristianismo. Afinal, foi por meio de uma mulher que o salvador veio a terra, não teria maior valorização do ser feminino do que o privilégio de dar luz ao salvador. O autor ainda apresenta o casamento indissolúvel como produtor de dignidade social. Vejamos as palavras do autor: “O cristianismo enalteceu-a, na ordem da graça sobrenatural, com a honra excelsa de Virgem Mãe de Deus e, na ordem da dignidade social, com um sacramento indissolúvel, que une para sempre os esposos.”¹⁴³

Para o autor “O cristianismo elevou e dignificou a mulher, exaltando-a até ao heroísmo.”¹⁴⁴ Para exemplificar essa sua afirmação, Pe. J. Cabral vai citar uma série de mulheres das mais distintas posições: mártires, esposas devotadas, soberanas, mulheres abastadas e humildes. O que unia todas essas mulheres era o fato de terem sido exaltadas e postas em lugar de destaque pelo cristianismo. Parte significativa das mulheres citadas no texto viveram na Idade Média, não admira ser esse período histórico exaltado pelo autor e apontado como o período no qual as mulheres recebiam mais honras, vejamos: “O ciclo histórico no qual o sexo fraco gozou de maiores considerações e recebeu honras mais solenes foi a Idade Média, o período do pundonor cavalheiresco: é também esta a época em que a influência religiosa se fez sentir em toda a sua plenitude.”¹⁴⁵ Na construção do texto do Pe. J. Cabral colocar a Idade Média como sendo o período, no qual as mulheres gozaram de melhores honras e condições de vida é se contrapor a toda uma construção histórica que enxerga nessa época um momento de extrema dificuldades para o ser mulher. Essa construção narrativa do Pe. J. Cabral buscava mostrar que a Idade Média foi um período áureo e não de trevas como muitas vezes foi apontado. Essa sua visão é reflexo de sua escrita reacionária que

¹⁴² CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p. 96.

¹⁴³ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p. 96.

¹⁴⁴ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p. 99.

¹⁴⁵ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p.100.

buscava construir a ideia de um passado mítico, no qual, sob o domínio da Igreja a sociedade viveu seus melhores dias. No mesmo sentido, há uma busca por mostrar que o Renascimento se inspirou no período errado ao escolher a Idade Clássica como espelho.

O autor vai dedicar parte do seu texto a apresentar o que ele julga como sendo ‘O Feminismo Aceitável’. Na sua construção textual antes de apresentar esse modelo de feminismo aceitável, ele apresenta o feminismo inaceitável que corrompe e causa danos a sociedade:

Ha um feminismo anticristão, filho do liberalismo bastardo, diametralmente oposto aos ensinamentos do catolicismo.
 Este merece toda repulsa e toda resistência, por parte não somente dos católicos, mas também de todos os espíritos sérios e refletidos.
 É o feminismo revolucionário, que espalhou o terror nas ruas de Londres e sobressaltou a polícia inglesa. É o feminismo que procura afastar do lar a mulher e colocá-la na praça pública, disputando aos homens cargos e funções que a natureza e a religião reservaram ao sexo forte.¹⁴⁶

Nesta parte o autor é bastante contundente em suas colocações, diferenciando-se um pouco de sua escrita habitual, pois, são poucas as partes do seu texto com acusações tão fortes. Compreendendo a posição do Pe. J. Cabral como um reacionário católico torna-se compreensível essa sua postura. Ao assumir essa vertente mais agressiva ele se direciona a um público específico dentro do mercado linguístico católico, grupo que compreenderá sua escrita e atribuirá valor a mesma. Nesse trecho o Pe. J. Cabral não ataca apenas o feminismo, ele faz um ataque bem mais amplo ao colocá-lo como filho bastardo do liberalismo. Ele junta ainda a esse liberalismo o sentimento anticristão e ideias revolucionárias que são acusadas de afastar as mulheres do espaço sagrado do lar e passar a disputar espaço com os homens. Enxergamos nesse trecho um combate ferrenho aos ideais modernos enquanto algo sempre presente na escrita dos intelectuais ligados ao reacionarismo católico. Aliado a essa visão negativa da modernidade o autor retrata a “mulher progressista”, vista por ele de forma negativa como podemos ver,

A mulher progressista frequenta universidades, assenta-se nos bancos das academias; relega para um lado a cesta de costuras e o leque, mas leva debaixo do braço uma pasta de advogado ou jornalista. Entra nos bares e cafés, vai aos congressos literários ou científicos, sempre cercada de um grupo de homens corrompidos, que espreitam a presa incauta.¹⁴⁷

São essas as características do feminismo inaceitável que o autor vai contrapor a um feminismo que ele julga ser aceitável. De acordo com o autor esse feminismo foi assinalado

¹⁴⁶ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p.101.

¹⁴⁷ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p.102.

pelo próprio Deus e é o único que a Igreja aponta como sendo dignificante (CABRAL, 1930, p. 103). Então quais seriam as características desse feminismo aceitável? Como ele deveria se portar? O Pe. J. Cabral responde:

As reformas políticas podem levá-la ao exercício do direito do voto. As dificuldades econômicas, a premência da vida e as necessidades da família podem obrigar a moça, a senhora casada ou a viúva a procurar na oficina ou na repartição pública os recursos que lhe faltam; acima de tudo, porém, importa que antes de eleitora, operária ou empregada seja ela uma mulher verdadeiramente cristã.¹⁴⁸

É interessante notarmos que o Pe. J. Cabral constrói toda uma retórica para apresentar o que seria o feminismo inaceitável apresentando quais seriam os seus malefícios e influências nefastas. Ao apresentar o feminismo aceitável, não nega os direitos das mulheres, mesmo os mitigando, porém nesse feminismo aceitável algo é imprescindível: a mulher deve ser antes de qualquer coisa verdadeiramente uma cristã, ou seja, o que diferencia o feminismo inaceitável do aceitável é o componente religioso, sendo a mulher cristã, as suas atitudes seriam toleradas.

Inserida na pauta sobre costumes, a questão do divórcio foi amplamente debatido pelo autor que se posiciona de forma contundente pela indissolubilidade do casamento. Nesse sentido, é interessante apontar que o livro *Conceitos e Factos* do Pe. J. Cabral antecipou a discussão de vários temas caros à Igreja Católica e que compuseram a pauta defendida pela mesma no âmbito da Assembleia Constituinte de 1933. Podemos afirmar que o livro em análise inseria-se como um dos pioneiros nessas discussões que envolviam aspectos sociais, sobretudo, no campo dos costumes.

No tópico ‘Do Casamento ao Divórcio’ o autor dedica extensa análise ao que ele considera como sendo a “Instituição basilar da sociedade humana”, e “constituente da grandeza das nações e a fortaleza dos povos.” (CABRAL, 1930, p. 104). Na perspectiva do autor o casamento é uma instituição sagrada que carece ser efusivamente defendida, sob a pena de a sociedade moderna caminhar a largos passos para a imoralidade e promiscuidade. A sua defesa do matrimônio vai ser enfática e, para isso o autor recorre aos primórdios da criação quando Adão e Eva se constituíram como o primeiro casal com as bênçãos de Deus. Desde então tornar-se necessário o homem deixar seu pai e mãe e unir-se a sua mulher, tornando-se assim uma só carne¹⁴⁹. Fazendo uso de uma retórica alicerçada na Bíblia cristã o autor defende o matrimônio como sendo um contrato, mas um contrato diferente e superior a

¹⁴⁸ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p.103.

¹⁴⁹ Gênesis, capítulo 2, versículo 24.

todos os outros (CABRAL, 1930, p. 105). Nas palavras do autor o combate feito pela Igreja à indissolubilidade do casamento tem sido incansável,

Para manter a unidade e a indissolubilidade do vínculo conjugal, o catolicismo não tem vacilado em enfrentar as paixões das sociedades gastas pelos vícios, os instintos inferiores dos potentados, as blasfêmias dos ateus e as calúnias dos escritores sem consciência.¹⁵⁰

Ao argumentar sobre a defesa da indissolubilidade do casamento, o Pe. J. Cabral vai apresentar uma série de conjunturas que são utilizados por aqueles que defendem o divórcio. No entanto, na perspectiva do sacerdote católico nada justifica o divórcio, seja infidelidade ou a leviandade de parte dos cônjuges. Chegando o mesmo a dizer que: “A virtude e a honra exigem mártires, pedem o sacrifício de vidas inteiras. Deus assim o determinou, porque é senhor absoluto das criaturas; a sociedade assim o exige, para salvaguardar a moralidade publica.” (CABRAL, 1930, p. 111). Na visão reacionária do autor mesmo traído e vilipendiado o cônjuge deve aceitar o opróbrio e tal como um mártir seguir sua vida de forma resignada.

O autor dedica parte do tópico a discorrer sobre as consequências do divórcio na sociedade. Para sua análise ele logo dispensa a Europa como parâmetro, pois segundo o mesmo a velha Europa conviveu com vários processos revolucionários que abalaram a estabilidade social do velho continente (CABRAL, 1930, p. 111). Para sua amostragem, o Pe. J. Cabral elege os Estados Unidos da América escolha justificada pelo fato de “costumarmos tomar a grande republica anglo-saxónica como exemplar e paradigma a que fomos pedir constituição, leis e usos gerais.” (Ibid., p. 111). Neste sentido, o autor passa a apresentar dados referentes às mudanças e consequências decorrentes da aprovação da lei do divórcio naquele país. O seu texto se desenvolve apresentando estatísticas sobre o aumento do divórcio ao longo dos anos, no entendimento do autor a lei fez com que as pessoas passassem a divorciar-se de forma frequente, levando a crer que a lei serviu como um incentivo a tal prática.

Por fim, o Pe. J. Cabral usa de dados para tentar estabelecer uma relação entre o divórcio, a orfandade e por consequência a adesão dos órfãos a criminalidade. Leiamos suas palavras abaixo,

Durante os últimos vinte anos, os Estados Unidos contaram 1.318.000 crianças deixadas á orfandade. Em consequência desta lei maldita. Os estabelecimentos de correção e os institutos públicos estão cheios de filhos abandonados pelos pais

¹⁵⁰ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p.107.

divorciados. Estes desgraçados, que logo cedo aprendem a detestar os autores de seus dias, ficam entregues á vagabundagem e á criminalidade precoce.¹⁵¹

A busca enfática do Pe. J. Cabral de classificar o divórcio como uma coisa horrenda e, por consequência, causadora de uma série de males à sociedade é clara demonstração da sua posição enquanto reacionário católico, defensor efusivo das tradições e bons costumes cristãos, que segundo ele devem ter “A consciência alimentada pela verdade católica manterá pais, esposos, filhos e criados — cada um no lugar que lhe compete (CABRAL, 1930, p. 118). A leitura dos escritos do Pe. J. Cabral em várias partes do seu livro devem ser compreendidas como adiantamento de pautas que serão amplamente defendidas por todos aqueles políticos eleitos com o apoio da Liga Eleitoral Católica para constituinte de 1933.

O autor encerra o tema fazendo um apelo à ‘Boa Imprensa’ que deve se empenhar no combate ao que ele chama de “corrente divorcista”. O fragmento que reproduzimos a seguir mostra de forma elucidativa o papel que as lideranças católicas atribuíam a ‘Boa Imprensa’, além disso, deve ser interpretado como uma convocação para uma atuação mais contundente da mesma.

Igualmente seria de grande utilidade o combate intenso á audaciosa corrente divorcista, que propaga e dissemina suas perniciosas ideias no seio da sociedade brasileira. Este combate deverá ser feito por congressos populares, conferencias e por muitos artigos de jornal e impressos, que inculquem os sãois princípios da moral cristã e a santidade do estado matrimonial. Esta propaganda se impõe com o recurso salvador da família brasileira.¹⁵²

3.1.5. A IGREJA É O REMÉDIO PARA O MUNDO MODERNO

O capítulo nomeado de Ensaio Apologético foi escrito em homenagem ao jubileu sacerdotal¹⁵³ do Papa Pio XI que em 1929 comemorava 50 anos da sua ordenação como padre. Ao homenagear o papa vigente, o Pe. J. Cabral não estava realizando um ato de afago, mas sim, uma merecida homenagem a alguém que por meio das suas encíclicas influenciou consideravelmente sua escrita. Ao observamos as temáticas abordadas por ele nessa obra, percebemos claramente a influência das encíclicas de Sua Eminência Pio XI. Na primeira encíclica do Papa Pio XI *Ubi arcano Dei consilio*, de 23 de dezembro do ano de 1922, ele busca romper com a concepção de uma vida cristã privada, afirmando que Cristo deve reinar

¹⁵¹ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p.114.

¹⁵² CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p.122.

¹⁵³ A edição do jornal A Cruz de 22 de dezembro de 1929 traz como definição de jubileu o ato de “comemoração festiva de algum acontecimento grato à Igreja”. Nesse caso trata-se de uma comemoração ainda mais especial, a ordenação de Achille Ambrogio Damiano Ratti que ocorreu em 20 de dezembro de 1879. Sendo assim, a comemoração fazia alusão ao cinquentenário da ordenação do padre que viria a tornar-se o Papa Pio XI.

em todas as esferas da vida dos cristãos. Na *Divini Illius Magistri*, de 31 de dezembro de 1929, o Papa aborda a questão do ensino e defende que os pais possam educar seus filhos no espaço sagrado do lar. Lendo *Conceitos e Factos* enxergamos a influência dessas encíclicas permeando quase todas as páginas da obra que versa sobre a necessidade que a sociedade tem de viver sob a influência dos ensinamentos cristãos católicos.

O dicionário *Houaiss* apresenta duas definições para o verbete ‘apologética’: I. defesa argumentativa de que a fé pode ser comprovada pela razão; II. parte da teologia que se dedica à defesa do catolicismo contra seus opositores¹⁵⁴. Seja na teologia ou em sua vertente católica o termo apologética está relacionada à defesa da fé, obviamente para o exame da obra em questão a segunda definição é a que melhor se encaixa não apenas neste capítulo, mas ao longo de toda sua obra, porque Pe. J. Cabral realiza uma efusiva defesa do catolicismo frente aos ataques que ele identifica está sofrendo, sendo a própria sociedade moderna com suas filosofias liberais, individualistas e anticristãs a principal acusadora da Igreja.

Sobre este aspecto o autor escreve: “A acusação de que a nossa religião não pertence mais a este século, porque é inimiga do progresso, encontra-se, a cada passo, nos lábios de tribunos e oradores, e apresenta-se, quotidianamente, nas laudas, que os jornalistas e escritores destinam á impressão.” (CABRAL, 1930, p. 167). É preciso defender-se destes ataques e cumpre a ‘Boa Imprensa’, por meio dos escritores católicos assumirem essa frente de luta e defender a perenidade da fé católica.

Na primeira parte do capítulo em análise Pe. J. Cabral discorre sobre a temática do progresso, sua construção narrativa vai apresentar as contribuições da Igreja para o progresso nas suas mais distintas concepções: social, material, intelectual e moral. Em todos os casos o escritor católico percebe que o homem moderno gestado sob a influência das teorias iluministas vai tentar apresentar a Igreja como um entrave ao progresso, sendo necessário vencer as amarras obscurantistas da religião e seguir sempre na direção da luz lançada pela ciência.

O século dos enciclopedistas tornou as palavras liberdade, igualdade e fraternidade como lema de combate ao espírito cristão, e, deste modo, procurou iluminar os destinos dos povos e preparar a renovação da ordem política.

As ideias modernas, nos dias contemporâneos, professam verdadeiro fetichismo pela civilização, cultura e progresso, que constituem as supremas aspirações do materialismo teórico e pratico.¹⁵⁵

¹⁵⁴ Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#3>. Acesso: 13.07.2019.

¹⁵⁵ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p.167.

O lema da Revolução Francesa é apontado como um combate ao espírito cristão. No discurso anticomunista¹⁵⁶ católico está incorporada a ideia do combate à modernidade. Sobre isso, Peixoto escreve:

O discurso anticomunista usualmente tem sido pensado como uma reação ou uma posição contra o marxismo ou contra a ex-União Soviética, contudo, se considerado por meio da aproximação do catolicismo, seria mais prudente pensá-lo como uma reelaboração específica de um discurso mais geral contra a modernidade, que focou sucessivamente no combate ao protestantismo, à maçonaria e à Revolução Francesa [...].¹⁵⁷

É recorrente na escrita do Pe. J. Cabral essa visão depreciativa da modernidade, posição que deve ser compreendida como reflexo de sua escrita reacionária. Como já explicitado anteriormente há no reacionarismo católico uma valorização do passado que ganha muitas vezes ares míticos, sempre se contrapondo aos resultados nefastos produzidos pelo discurso moderno que em regra geral é identificado como sendo anticristão.

No texto o autor tenta negar a visão de que a Igreja seria inimiga do progresso intelectual e, por consequência, da ciência. O padre Cabral não só contraria essa visão como aponta que são “Espíritos mesquinhos ou ignorantes que negam ou diminuem a contribuição do catolicismo para a cultura intelectual dos povos” (CABRAL, 1930, p. 172). Sobre essa contribuição o autor aponta que sem o trabalho de conservação e reprodução dos escritos antigos feitos pela Igreja “A idade moderna teria perdido todo ou quase todo contato com os escritores da antiguidade, se os conventos não houvessem conservado os manuscritos de Roma e da Hélade.” (Ibid. p. 172-173). De fato é sabido que o trabalho feito por monges foi importante para a conservação dos escritos posteriormente utilizados por filósofos renascentistas como forma de exaltar e reviver o período clássico.

Sobre as contribuições da Igreja para o progresso moral da sociedade o autor logo esclarece que essa abordagem requer um estudo aprofundado e extenso, pois foram muitas as contribuições da Igreja neste sentido. No entanto, justifica não haver espaço para isso no seu trabalho, mas apenas para “lançar um golpe de vista sobre a contribuição religiosa para o desenvolvimento cultural da humanidade.” (Ibid. p. 178). Dentre essas contribuições o autor destaca o papel desempenhado pela ‘Boa Imprensa’ que segundo ele: “Não menor contingente de energias são oferecidas a difusão da boa imprensa, em todos os países, espalhando livros, revistas e jornais, dando combate à imprensa livre e pornográfica.” (Ibid. p. 180). A ‘Boa

¹⁵⁶ Na parte do capítulo dedicada a análise do livro *A Miragem Soviética* esse tema será melhor explorado.

¹⁵⁷ PEIXOTO. Renato Amado. ‘**Duas Palavras**’: ‘Os Holandeses no Rio Grande’ e a invenção da identidade católica norte-rio-grandense na década de 1930. *Revista de História Regional*, v. 19, 2014. P. 43.

Imprensa' católica deveria combater a má imprensa secular que desvirtuava os bons cristãos. Sendo assim ela foi advogada já na primeira encíclica do Papa Pio XI, como demonstra Morais,

A carta *Ubi arcano Dei* advoga por uma sociedade em que os princípios cristãos norteiem todos os aspectos da vida em contraposição à tendência de reduzir a fé a uma questão privada e individual. Para esta empreitada, o papel conferido à imprensa e aos intelectuais na disseminação do ideário católico é apontado como seminal, por exemplo, a referida encíclica coloca a atividade da imprensa no mesmo nível de importância das preces diárias e obras de caridade [...].¹⁵⁸

A 'Boa Imprensa' exercia o papel de um dos principais instrumentos de moralização dos costumes, sendo, portanto, necessário que os fiéis católicos possuíssem uma imprensa confiável. A leitura de livros, revistas e jornais seculares pelos fiéis católicos não era visto com bons olhos pela Igreja que para combater esse perigo criou uma imprensa sã no século XIX com fins de veicular as informações sadias.

O Pe. J. Cabral encerra esse tópico apresentando a importância da Igreja para missão civilizadora promovida pela institucionalmente: "O rápido estudo que acabamos de fazer, demonstra, à evidencia, a obra civilizadora da Igreja. Quem não houver, à força de preconceitos, esquecido o valor documentário dos fatos invocados, o confessará o quanto deve o homem á religião cristã." (CABRAL, 1930, p. 183). No entendimento do autor somente o preconceito seria capaz de negar o quanto a religião contribuiu para o progresso moral da civilização. Mais uma vez o texto argumenta de forma sólida e por meio de um julgamento de valor o importante papel desempenhado pela Igreja para a civilização ao longo dos séculos.

Na parte que se dedica a analisar a relação entre a 'Igreja e a Democracia', Pe. J. Cabral acusa a Reforma Protestante e a Revolução Francesa como grandes responsáveis por desestabilizar a democracia. No seu entendimento,

A raiz deste estado de animo provém da Reforma protestante, que partiu a continuidade religiosa da Europa, quebrou os elos, que formavam o sustentáculo do espírito de fé e de fraternidade, que unia os povos aos pés do trono pontifício. Implantou a desigualdade das almas, separando-as até nas esperanças eternas e nos atos do culto.¹⁵⁹

¹⁵⁸ MORAIS, Patrícia Wanessa de. As colunas da ordem: imprensa, identidade e atuação política da Igreja Católica norte-rio-grandense (1930 – 1936). *Dissertação de mestrado* UFRN, 2017. P. 61.

¹⁵⁹ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p.186.

No entendimento do Pe. J. Cabral a Reforma Protestante foi responsável por quebrar a hegemonia católica na Europa. No entanto, ele não vai apresentar desta forma, não há menção ao domínio católico e a atuação controladora da Igreja na sociedade Medieval. Nas palavras do sacerdote a Reforma Protestante foi a responsável por quebrar uma harmonia e um sentimento de fraternidade entre os povos, eles fortalecidos pela Santa Sé. É curioso que para o escritor católico a “Revolução Francesa veio como corolário lógico da obra de Lutero e de Voltaire.” (Ibid. p. 188), ou seja, a Reforma Protestante é acusada de ser originária dos males modernos combatidos pela Igreja, sendo que o Iluminismo aqui representado por Voltaire e a Revolução Francesa vieram a guisa da Reforma Protestante.

Ao discorrer sobre ‘A Igreja e o Futuro’, o autor é taxativo ao afirmar que: “Só a Igreja poderá salvar o mundo moderno e acalmar a tempestade que ruga e ameaça a humanidade.” (Ibid. p. 193). Neste sentido, para o Pe. J. Cabral, o mundo moderno carece de salvação que se tornou necessária no momento em que a modernidade foi contaminada por uma série de filosofias oriundas de movimentos revolucionários como a Reforma Protestante, o Iluminismo e a Revolução Francesa. As filosofias difundidas por esses movimentos precisam ser combatidas e só a Igreja é capaz de oferecer a profilaxia para esse mundo doente.

É com esse entendimento do Pe. J. Cabral de que só a Igreja poderá salvar o mundo moderno que concluímos a análise de sua obra. A leitura do livro *Conceitos e Factos* tornar-se-á mais efetiva se feita levando em consideração os seguintes pressupostos: trata-se de uma obra escrita por um padre católico identificado com o catolicismo reacionário, e, a compreensão desta posição assumida pelo Pe. J. Cabral no espectro da direita católica torna a leitura da sua obra mais completa, haja vista, que muitas das suas posições se devem a essa inserção.

O espaço de produção e a editora pela qual a obra foi lançada também dizem muito sobre a mesma. O Rio de Janeiro era na década de 1930 o centro do catolicismo brasileiro, *locus* ocupado pelos principais intelectuais e instituições católicas, configurando-se assim como um dos principais mercados linguísticos do catolicismo, onde as obras de mais importância do catolicismo eram publicadas e encontravam receptores que atribuíam valor a essas obras.

Ao ser publicado pela Editora Vozes de Petrópolis a obra do Pe. J. Cabral foi colocada no mercado com um importante selo de recomendação, publicado por uma editora engajada com a ‘Boa Imprensa’. Para, além disso, a obra do Pe. J. Cabral ainda foi prefaciada pelo próprio diretor da editora que era também o bispo de Niterói. Por fim, a obra foi publicada em

1930, ano importante para Igreja Católica que viu seu principal líder no âmbito nacional retornar da Itália com o chapéu cardinalício na bagagem, como Cardeal, Dom Sebastião Leme será o grande articulador da reaproximação entre a Igreja e o Estado que será profícua nessa década. Nosso entendimento é que, levando em consideração esses percursos, a leitura da obra *Conceitos e Factos* tem um salto qualitativo.

3.2.1 ACAUTELAI-VOS DO PERIGO VERMELHO

Ao observador da vida nacional e das correntes da opinião pública brasileira manifesta-se evidente a propaganda intensa das ideias comunistas, em meio de todas as camadas sociais.

Existe também o grupo dos incautos, dos simples, dos de boa fé, que acham que o **diabo não é tão feio quanto se pinta...** e julgam o comunismo um regime suportável. Aos idealistas e aos incautos é que nos dirigimos, procurando restabelecer a verdade dos fatos.¹⁶⁰

O andarilho que vaga errante pelo deserto deseja avidamente avistar um oásis, lugar de descanso e refrigério onde encontrará sombra e água fresca. Sob o calor escaldante do deserto é comum que os vagantes, em um momento de epifania, sejam seduzidos pelo fenômeno das miragens que os seduzem para um paraíso inexistente. O livro *A Miragem Soviética* do Pe. J. Cabral usa dessa analogia para mostrar o perigo do comunismo soviético para os incautos que seduzidos pelo regime não atentam para os perigos que ele representa. É neste sentido que o livro vai ser construído, apresentando todos os males que o comunismo apresenta para a sociedade e buscando alertar sobre os riscos iminentes que o regime representa.

Publicado em 1933 pela Editora Vozes de Petrópolis, o livro *A Miragem Soviética*, assim como seu antecessor, entra em circulação legitimado por ter sua publicação realizada por aquela editora. A obra também vai ganhar ampla divulgação no jornal “A Cruz” que traz ao menos 51 menções ao livro entre os anos de 1930 e 1935. Contendo 334 páginas o livro do Pe. J. Cabral está composto por uma introdução e quatro partes divididas em vários capítulos, que giram em torno da temática central. As quatro partes: I. A realidade russa; II. A ideologia comunista; III. A experiência bolchevista; IV. O sindicalismo cristão.

A edição do jornal “A Cruz” de cinco de Novembro de 1933 dedica parte da capa para anunciar a chegada do livro do “Revmo. P. J. Cabral, redator-responsável do “A Cruz”¹⁶¹. O periódico não faz apenas menção da publicação, mas dedica-se a apresentar o sumário da obra e ainda um breve resumo das partes que compõe o livro, como reproduzimos abaixo:

¹⁶⁰ CABRAL. José Maria dos Passos. *A Miragem Soviética*. Rio de Janeiro: Vozes de Petrópolis, 1933. P. 04.

¹⁶¹ Jornal A Cruz, ano XV, nº 45, Rio de Janeiro, 1933, p. 01.

A primeira parte constitui a resenha histórico-geográfica da Moscovia. O autor mostra os antecedentes históricos, que explicam o advento do bolchevismo na terra dos czares autocratas.

A segunda parte ocupa-se das origens, do processo e da evolução do comunismo. O autor estabelece verdadeiro paralelo entre a sociologia cristã e a ideologia soviética.

A terceira parte, que é a mais desenvolvida da obra, demonstra a falência prática do bolchevismo, em todos os ramos da atividade humana.

Os problemas da liberdade, da família, do operariado, da coletivização agrária, da educação e instrução da moralidade pública e da religião são todos estudados á luz de copiosa documentação.

Na ultima parte do seu trabalho o autor apresenta ao mundo contemporâneo a solução, única equitativa, que a Igreja propõe para os magnos problemas, que atormentam a sociedade moderna.

O autor passa em revista numerosos documentos pontifícios e deles extrai os luminosos e sapientíssimos princípios do sindicalismo cristão.¹⁶²

Ao dedicar espaço na sua capa, onde são comumente publicadas as notícias mais importantes e que necessitam ser mais bem divulgadas, o jornal “A Cruz” demonstra a importância que a obra do Pe. J. Cabral gozava no meio católico. O resumo apresentado da obra também é digno de nota, tratou-se de uma estratégia para que os leitores do jornal tivessem acesso a um resumo do livro e assim tivessem o interesse despertado para o ler na integra. Essa estratégia se torna compreensível quando observada sob a ótica dos interesses da boa imprensa que deveria ser combativa. O livro *A Miragem Soviética* é um ótimo exemplo dessa literatura combativa, o comunismo soviético é atacado em todas as perspectivas possíveis ao longo da obra do Pe. J. Cabral, como veremos a seguir.

3.2.2. A GÊNESE DO BOLCHEVISMO SOVIÉTICO: EXPLORAÇÃO DA MISÉRIA E PROMOÇÃO DO ATEÍSMO.

Ao analisarmos a obra *A Miragem Soviética* cabe inicialmente dizermos o que não faremos: essa não será uma análise das teorias socialistas e comunistas, não nos propomos a realizar uma discussão teórica sobre a viabilidade e/ou efeitos práticos dessas teorias na sociedade, muito menos queremos discutir as várias correntes teóricas propostas a partir do marxismo. O que faremos é uma análise do discurso anticomunista católico presente nos escritos do Pe. J. Cabral, sobretudo, no livro em questão. Como já explicitado anteriormente nesse trabalho, o discurso anticomunista católico não se detém a uma crítica direcionada exclusivamente ao regime soviético ou aos partidos gerados a partir da sua influência e apoio,

¹⁶² Ibid. p. 01.

como explicita Peixoto: “[...] à postura da Santa Sé, a qual ainda tinha um olhar na condenação do que definia como os erros da modernidade, entre os quais o racionalismo, a liberdade de imprensa, liberdade de religião, a maçonaria, o comunismo e a separação entre a Igreja e o Estado.”¹⁶³ São a estas correntes filosóficas e ideais da modernidade que o discurso anticomunista católico se opõe, sendo necessário compreendê-lo em um sentido mais amplo. Em um dos estudos mais clássicos sobre o discurso anticomunista no Brasil, Motta já apontava para essa heterogeneidade do discurso,

Embora a expressão seja quase sempre utilizada no singular, talvez fosse mais adequado falar em anticomunismos. O anticomunismo é, antes que um corpo homogêneo, uma frente reunindo grupos políticos e projetos diversos. O único ponto de união é a recusa ao comunismo, em tudo o mais impera a heterogeneidade.¹⁶⁴

Corroborando com essa visão heterogênea do discurso anticomunista discorremos sobre sua vertente católica que no nosso entendimento possui especificidades que não foram exploradas pelo trabalho clássico de Motta, não por falha ou limitação do autor, mas sim, por uma escolha metodológica. Nessa perspectiva de abordagem as partes III e IV da obra do Pe. J. Cabral contém o grosso dessa discussão, pois são nelas que ele busca apontar o comunismo como uma ideologia inviável e reconstruí-lo como um perigo que deve ser amplamente combatido.

Encontramos nas duas primeiras partes da obra do Pe. J. Cabral duas temáticas gerais: a exploração da miséria e a promoção do ateísmo, a primeira sendo explorada para implantação do bolchevismo soviético que de acordo com o autor só foi possível devido à severa espoliação que o povo russo sofreu ao longo da sua história. A segunda é apontada como sendo uma das principais práticas do regime já instaurado que de acordo com o autor é em essência antirreligioso e por consequência anticristão, defensor do ateísmo, assumindo no contexto soviético forma de religião.

Ao construir a gênese do povo russo o Pe. J. Cabral vai apontar para sua origem Eslava, mas não é esse aspecto que merece destaque, mas sim, a constante classificação do povo russo como pertencendo a uma segunda ordem no continente europeu, sofrendo muito mais influência da Ásia do que da Europa. Esta influência asiática se deve à exploração que o povo russo sofreu quando sob o domínio do Império Mongol, como descreve o autor: “O

¹⁶³ RODRIGUES, Cândido Moreira; PEIXOTO, Renato Amado. O Catolicismo no Brasil do período Vargas: imbricações entre religião, política e espacialidade (1930-1945). In: Igrejas e Ditaduras no mundo lusófono. GONÇALVES, Leandro (Org.). P. 09.

¹⁶⁴ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Em guarda contra o “perigo vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002. P. 32.

domínio tártaro pesou duramente sobre as populações nativas, que experimentaram todos os vexames próprios da crueldade asiática.” (CABRAL, 1933, p. 17). De acordo com Pe. Cabral, esse desenvolvimento da Rússia distante dos outros Estados europeus deve ser considerado na explicação sobre a implantação do regime bolchevista. A exploração vivenciada pelo povo russo e seu isolamento em relação ao continente e à cultura europeia tornou-se solo fértil para implantação do comunismo. O autor coloca sua tese de forma mais taxativa na citação que reproduzimos abaixo:

Tantas violências e tantas brutalidades acabam revoltando a alma humana, por mais fundo que ela haja mergulhado no obscurantismo e na ignorância.
Foi o que sucedeu na Rússia.
A exploração ignominiosa do homem pelo próprio homem acabou por despertar a consciência do povo e até mesmo a de alguns espíritos cultos das camadas superiores da sociedade russa.¹⁶⁵

O autor alega ser compreensível o sentimento revolucionário presente no seio da sociedade russa. No entanto, para o mesmo é injustificável: “Compreende-se e explica-se, embora não se justifique, que um povo mergulhado nas trevas da ignorância, e sujeito a mais negra miséria, se torne um perpétuo revoltado e se mostre propenso aos atentados extremistas.” (CABRAL, 1933, p. 28). A construção narrativa do Pe. J. Cabral busca apontar a ideia do comunismo soviético como um sistema impossível ou inadequado a qualquer realidade. Nesse sentido, ele busca justificar a aplicação e desenvolvimento do mesmo na Rússia como fruto do desespero de uma sociedade que sofreu todo tipo de exploração na sua história. É uma estratégia discursiva que visa trabalhar a ideia de que a violência e a subserviência experimentada pela sociedade russa tornou o comunismo soviético possível.

Desta feita, não nos causa surpresa alguma o autor logo demonstrar que o comunismo soviético não foi capaz de cumprir nenhuma de suas promessas,

Desgraçadamente, porém, o comunismo não somente deixou de cumprir suas belas promessas, mas agravou ainda os tormentos da raça escravizada.
Quando analisarmos as condições de vida do proletariado vermelho, verificaremos o que os poderes soviéticos fizeram em prol do bem material e do progresso intelectual desse povo infeliz e oprimido.¹⁶⁶

Antes de apontar o bolchevismo russo como grande inimigo da religião e promotor do ateísmo, o autor vai discorrer sobre a influência do cristianismo na civilização russa. Muito rapidamente ele vai apontar que a civilização eslava não esteve sob a influência do

¹⁶⁵ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p.26.

¹⁶⁶ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p.28.

catolicismo romano, logo não teve o privilégio de nascer no regaço da Igreja como a maioria das nacionalidades europeias e ter suas bases alicerçadas nos primores de sua cultura (CABRAL, 1933). Sobre a influência exercida sob a civilização russa ele escreve,

[...] faz-se indispensável para que fique explicada a fraca influência do cristianismo no seio do povo eslavo, cujos dominadores, tirando á religião a verdadeira liberdade de agir e organizar-se, procuravam converter a crença do povo em instrumento de despotismo e em um meio de consolidar a prepotência absolutista. Infelizmente a conversão do povo moscovita ao cristianismo ofereceu aos seus príncipes ensejo para estabelecer a terrível e a mais dura das opressões, a opressão das consciências.¹⁶⁷

No instante que o catolicismo teve a sua atuação cerceada pelo autoritarismo de governos despóticos, a sua influência no processo civilizador do povo russo foi quase nula. O autor destaca que “Infelizmente, porém, recebendo missionários de Constantinopla, os novos cristãos aderiram ao cisma grego, divorciando-se assim da comunhão católica.” (CABRAL, 1933, p. 31). São esses os argumentos utilizados pelo Pe. J. Cabral para justificar a falha da missão civilizadora da Igreja Católica Romana no seio da sociedade russa. Por fim, o autor aponta que “A igreja nacional foi responsabilizada no tribunal da opinião pública pelos erros e abusos cometidos por aqueles que ocupavam os mais altos postos no império.” (Ibid. p. 32). Neste sentido, o autor aponta que a Igreja sofreu o ônus de ter sido cooptada pelo poder político passando a ser alvo de aversão de parte da população que a enxergava como instrumento do sistema político vigente.

Não foi apenas nos eventos tardios da história russa que o Pe. J. Cabral se fundamentou ao apontar que miséria e espoliação são motivos que devem ser considerados ao se analisar o sucesso que a Revolução Russa obteve em 1917. O autor também focou nos eventos do século XX para mostrar como em seu entendimento a “senha bolchevista ‘Paz e Terra’ fascinou as massas populares” (Ibid. p. 56). Historicamente o século XX foi marcado por uma série de conflitos e revoluções¹⁶⁸ que afetaram a geopolítica mundial, sendo a Primeira Guerra Mundial um desses grandes eventos que marcaram o século e fustigou a população europeia.

A senha bolchevista "Paz e Terra" fascinou as massas populares e deu aos comunistas, em pouco tempo, a posse integral do poder. Os soldados apenas queriam uma coisa: paz, que lhes permitisse o regresso aos lares. Os camponeses apenas desejavam a divisão e a partilha dos latifúndios.

¹⁶⁷ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p.30.

¹⁶⁸ Sobre o cenário de Revoluções do século XX ver: HOBBSAWM, Eric. Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Os bolchevistas souberam tirar partido desse estado psicológico das multidões e, graças às desordens da Europa, nos fins da Grande Guerra e nos começos da paz subsequente, conseguiram os soviets dominar o ex-império russo.¹⁶⁹

Mais uma vez o escritor católico se arvora no caos para justificar o sucesso da Revolução comunista na Rússia. Para o autor foi a crise vivida na Rússia aliada a capacidade dos líderes da Revolução de explorar os anseios das massas que permitiu o sucesso da Revolução. Sobre essa capacidade o autor coloca: “Um mérito, porém, reconhecemos em Lênin: o conhecimento da psicologia das multidões. Ele parece ler, no fundo da alma torturada do povo russo [...]” (Ibid. p. 86). Dessa forma ele busca anular qualquer aspecto positivo do comunismo e o resume a fruto de uma conjuntura social, política e econômica específica.

Na segunda parte do livro, Pe. Cabral vai abordar a *Ideologia Comunista*, parte na qual ele se propõe a “[...] estudar a ideologia comunista, isto é, os princípios básicos e as linhas mestras de um sistema político e econômico, que pretende derruir as instituições vigentes no mundo”. (Ibid. p. 68). Em um primeiro momento ele vai se dedicar a apresentar o surgimento das teorias comunista antes de fazer menção aos socialistas utópicos e científicos retrocederá até a antiguidade em busca das origens do pensamento. No entanto, para os objetivos dessa dissertação dignamos apenas a citar essa parte, pois nossa pretensão é analisar outros aspectos.

A próxima temática geral presente na segunda parte da obra do Pe. J. Cabral que nos interessa é a construção de uma narrativa que busca apresentar o comunismo como um sistema antirreligioso e ateu por excelência. O autor dedica um capítulo inteiro de sua obra que ele nomeia de *Comunismo e Cristianismo* para desenvolver essa narrativa de que a Rússia se transformou na pátria dos “[...] fanáticos da religião sem-Deus” (Ibid. p. 92). O autor aponta essa parte do seu texto como sendo: “[...] ponto capital de nosso trabalho: a barreira que separa o comunismo russo da civilização cristã.” (Ibid. p. 95). O Pe. J. Cabral aponta que entre o comunismo e o cristianismo existe um abismo intransponível, que se explica a partir das visões distintas que possuem da civilização,

A sociedade cristã, que saiu da pregação do Evangelho, estabelece por base de toda moralidade e de toda vida na coletividade humana a crença no fim último de nossa raça: Deus. O comunismo renega a crença em qualquer substância espiritual, independente ou separada da matéria. Recusa-se a permitir a espiritualidade e a imortalidade da alma e a liberdade de nossa vontade. Estabelece, pois, uma espécie

¹⁶⁹ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p.56.

de nova religião, religião da terra e da vida temporal. Institui monstruosa caricatura da religião, sendo Deus criatura do homem e o homem o criador de Deus.¹⁷⁰

No instante que o comunismo ousa apontar Deus como sendo criatura e não criador tornar-se impossível qualquer tipo de aproximação entre o cristianismo e o comunismo. Ao apontar que o comunismo caminha firmado apenas em “fatores econômicos” e o cristianismo em “valores morais”, Pe. Cabral aponta que as ideologias “caminham paralelamente e jamais se encontrarão” (CABRAL, 1933). A visão distinta de valores e sociedade tornam o comunismo e o cristianismo diametralmente opostos e nas palavras do Pe. J. Cabral: “[...] o comunismo é verdadeiro inimigo de Deus e da espécie humana.” (CABRAL, 1933, p. 107).

Mais grave do que está em posição oposta ao cristianismo é profissão do ateísmo feita pelo comunismo. De acordo com o Pe. J. Cabral entre o cristianismo e o comunismo não há apenas uma divergência de valores, mas sim, por parte do comunismo, um ataque sistemático a fé, a religião e ao próprio Deus. Vejamos o que ele escreve a esse respeito,

Ao lado de um sistema essencialmente antidemocrático, teremos a impiedade arvorada em instituição do Estado e o ateísmo professado e propagado pelos poderes constituídos. É isso o que nos apresenta o bolchevismo, que, não se contentando com as formas benignas, representadas pelo laicismo ou agnosticismo, faz profissão clara e aberta do ateísmo e da impiedade.¹⁷¹

Diferente de outros sistemas o comunismo não apenas nega o cristianismo, como também faz profissão ao ateísmo e prega o ódio aos cristãos. O autor mostra esse ódio por meio de uma citação que ele atribui a Anatóli Lunatcharski que foi um político e crítico literário ligado ao Partido Comunista, chegando a ser responsável pelas políticas públicas revolucionárias para a educação no regime soviético. Abaixo reproduzimos a citação¹⁷² e uma imagem para abordagem conjunta, vejamos a citação:

"Odiamos a crmandade e os cristãos; até os melhores deles devem ser considerados como nossos piores inimigos. Pregam o amor ao próximo e a misericórdia, que é contraria a nossos princípios. O amor cristão é uma peia ao desenvolvimento da revolução. Abaixo o amor ao próximo; o que queremos é o ódio. Devemos saber odiar e só por este preço conquistaremos o universo. Acabamos com os reis da terra, **agora tratemos dos reis dos céus** (grifo nosso). A campanha antirreligiosa não deve limitar-se á Rússia, deve ser feita no mundo inteiro. A luta deve estender-se também aos países muçulmanos e aos países católicos, com os mesmos fins e empregando os mesmos meios".¹⁷³

¹⁷⁰ CABRAL, José Maria Passos. Op. cit. p.96.

¹⁷¹ CABRAL, José Maria Passos. Op. cit. p.109.

¹⁷² Não conseguimos atestar a veracidade da citação. O autor não referencia de onde foi retirada e nossa pesquisa não conseguiu encontrar a citação original.

¹⁷³ CABRAL, José Maria Passos. Op. cit. p.111.

Figura 04 – Capa da Revista Bezbozhnik u Stanka¹⁷⁴

A citação acima (se confirmada) é uma manifestação clara e contundente de ódio aos cristãos e as religiões em geral. Ao dizer que derrubaria os reis dos céus e logo em seguida conchamar a luta contra todas as religiões, o líder soviético demonstra da forma mais radical possível a antirreligiosidade que o Pe. J. Cabral aponta ser um dos principais alicerces do bolchevismo soviético. Não foi possível atestar a veracidade da citação, porém podemos atestar que havia uma propaganda antirreligiosa em circulação na União Soviética. O Jornal

¹⁷⁴ Disponível em: <http://mcbcollection.com/bezbozhnik--bezbozhnik-u-stanka>. Acesso em Jun. 2019.

Bezbozhnik era um periódico antirreligioso e ateu que foi publicado entre 1922 e 1941 pela Liga dos Ateus Militares. Havia também uma revista chamada *Bezbozhnik u Stanka* que fora publicada de 1928 a 1932¹⁷⁵. Reproduzimos logo abaixo da citação a capa de uma das edições dessa revista que no nosso entendimento exemplifica bem a frase que grifamos na citação. Na imagem vemos um operário seguindo em direção aos céus com um martelo na mão, a expressão das divindades representadas na imagem é de medo, mostrando que o operário oferecia algum risco.

Nessa primeira parte da análise do livro *A Miragem Soviética*, na qual, abordamos em conjunto as partes I e II da obra, identificamos na escrita do Pe. J. Cabral a busca por construir uma narrativa que desvalorize o comunismo como uma opção de sistema político, econômico e social viável e ainda a classificação do bolchevismo soviético como um dos principais inimigos da Igreja que precisa ser combatido com todas as ferramentas disponíveis. E o seu livro que é dedicado ao operariado brasileiro tem como objetivo alertar os incautos sobre os perigos da miragem vermelha.

3.2.3. CONTRA A MIRAGEM A REALIDADE DOS FATOS

A terceira parte do livro do Pe. J. Cabral é a mais extensa, mais densa e conta com citações bibliográficas e de documentos. Ao tentar escrever sobre ‘A Experiência Bolchevista’ o autor busca legitimar o seu texto por meio de uma série de citações de autores contemporâneos, documentos oficiais produzidos pelo próprio regime soviético e jornais oficiais e não oficiais. Ponto que deve ser problematizado na escrita do Pe. J. Cabral é sua constante busca por legitimar suas fontes, sempre tratando os autores citados como sendo insuspeitos, há ainda o fato do mesmo relatar a existência de severa censura na U.R.S.S. e a mesmo assim ter acesso a jornais, revistas e documentos que em alguns casos apresentam críticas ao regime. Por fim, apontamos a dificuldade de investigar algumas das citações e documentos apresentados pelo autor, essa dificuldade se deve ao fato de que algumas citações não são referenciadas, outras foram retiradas do original de obra escritas em idioma estrangeiro e alguns documentos citados não foram encontrados em nossa pesquisa. Citamos esses percalços para explicitar que não tomamos as assertivas apresentadas na obra em análise como verdade, o que buscamos é realizar um estudo, no qual, a construção narrativa do autor

¹⁷⁵ Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Bezbozhnik_\(newspaper\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Bezbozhnik_(newspaper)). Acesso em Jul de 2019.

é alvo de nossa análise, construção essa que está engendrada no objetivo de analisar como o autor se propõe a construir um discurso anticomunista católico.

Como parte mais extensa da obra do Pe. J. Cabral a terceira parte do seu livro vai abordar a experiência bolchevista sob as mais variadas perspectivas. Essa foi efetivamente um exercício de fôlego, pois o escritor católico buscou ser abrangente e não se furtou a nenhuma discussão. Por consequência disso, realizar uma apreciação detalhada dessa parte demandaria um espaço demasiadamente grande nesse trabalho, o que julgamos não ser adequado. Nesse sentido, iremos nos ater aos tópicos, nos quais, o discurso anticomunista do Pe. J. Cabral é mais virulento.

A *Miragem Soviética*, sobretudo, nessa sua terceira parte retoma temas que foram discutidos na obra *Conceitos e Factos*, analisada anteriormente. No capítulo ‘O comunismo e a família’, o autor vai resgatar a discussão sobre a indissolubilidade do casamento e a concepção da família como instituição sagrada. Ao reaver essas temáticas, ele aponta para o fato de que o bolchevismo russo se opõe e busca destruir ambas as instituições, como podemos notar,

Contra esse conceito cristão da família, contra a finalidade que a religião impõe aos que abraçam o sacramento do matrimônio, o bolchevismo atirou-se em luta sem tréguas, visando, não somente contrariar as leis divinas e os códigos das gentes, mas também arrancar do coração humano afetos e sentimentos, que existem até nos irracionais sob a forma de instintos.¹⁷⁶

O trabalho do comunismo não é de combate, nas palavras do Pe. J. Cabral a ideologia comunista busca extirpar da U.R.S.S. a ideia de família e quer transformar o casamento em um contrato que pode ser facilmente anulado. Esse propósito nasce da concepção de que nem família, nem cônjuge, nem mesmo Deus deve ser colocado à frente dos ideais bolchevistas, a ideologia comunista deve suplantar toda e qualquer ideologia e/ou instituição, é como “[...] disse Gorkberg: ‘O partido comunista deve substituir a família’” (CABRAL, 1933, p. 136). Perante tão forte ameaça, Pe. J. Cabral coloca,

Talvez pareça demasiado realista o que vamos escrever. Fazemo-lo constrangidos pela imposição do dever. Do mesmo modo que o médico aplica o cautério, para sanar a chaga peçonhenta, assim também aqueles que empunham a pena a favor da religião e da humanidade são obrigados a pôr a descoberto as misérias e os crimes da sociedade.¹⁷⁷

¹⁷⁶ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p.129.

¹⁷⁷ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p.130.

O autor apresenta aqui qual deve ser a função da imprensa e da intelectualidade católica que deve resistir e combater os avanços do comunismo. E é exatamente isso que o Pe. J. Cabral faz no livro *A Miragem Soviética*, obra construída com o intuito de oferecer ao operariado brasileiro (a quem ele dedica à obra) uma visão crua do comunismo soviético que para ele deve ser ferozmente combatido sob à pena de continuar disseminando ideologias degradantes como o divórcio e a socialização das mulheres.

No quinto capítulo da terceira parte, Pe. J. Cabral vai abordar a temática da ‘Instrução e educação’. O que nos chamou atenção nessa parte é a coerência e a unissonância do discurso católico em alguns temas. No âmbito da educação a defesa da participação da família e da religião foi amplamente defendida pelos intelectuais católicos ligados a campanha da boa imprensa. Nesse trabalho, no capítulo II discorreremos sobre a participação da LEC no âmbito da elaboração da Constituição de 1934 e apontamos o ensino religioso como sendo uma das principais pautas defendidas pelos constituintes eleitos com o apoio dessa liga eleitoral. Lendo a obra do Pe. J. Cabral percebemos que essa defesa perpassou as folhas dos periódicos e a discussão nas seções da Assembléia Constituinte e esteve presente também nas obras produzidas pelos intelectuais católicos. Nesse sentido, ele aponta para a intromissão do Estado moderno no âmbito da educação:

Infelizmente, porém, nesse particular, começa a introduzir-se um erro pernicioso, qual seja a excessiva intromissão do Estado moderno nas questões atinentes á instrução e educação nacional. Em nossos tempos, o poder civil procura, ou, antes mesmo, arroga-se o privilegio e o direito exclusivo de educar e instruir a população do país, preterindo e postergando os direitos sagrados da família e da religião.

Certamente esse monopólio do Estado sobre a educação não é visto com bons olhos, pois traz a reboque a ideia de um ensino laico. O autor enxerga nessa atitude do Estado uma nova espécie de absolutismo, contra o qual clama a religião, que vê desrespeitados os direitos de ensinar a verdade, e clama também à família, que se sente diminuída em seus privilégios (CABRAL, 1933). No entendimento do escritor católico a educação não deve estar sob o monopólio do Estado, pois, cabe à religião ensinar sobre os aspectos espirituais e a família exercer o seu no âmbito da boa educação.

Para além, dessa discussão sobre o monopólio da educação o autor desenvolve um extenso panorama da situação da educação na sociedade bolchevista. Os dados compilados têm o objetivo de demonstrar que o controle exercido pelo partido comunista não busca uma melhoria nas condições de ensino, mas sim doutrinar a juventude soviética por meio de uma forte propaganda bolchevista. Nesse sentido, o autor aponta: “O estudante que não souber

perfeitamente o credo bolchevista, por melhor preparado que esteja nas diversas matérias do programa, não conseguirá ser aprovado.” (CABRAL, 1933, p. 186). O sistema de ensino soviético não visa formar indivíduos com habilidades que os auxiliem no campo do trabalho, mas sim formar camaradas.

No último capítulo da terceira parte de sua obra, Pe. Cabral vai discorrer sobre a ‘Ofensiva contra Deus’ promovida pelo bolchevismo soviético. Mais uma vez o escritor católico vai apresentar o comunismo como um grande inimigo do catolicismo e promotor do ateísmo. Já na primeira frase do capítulo apresenta-se a construção narrativa que o mesmo vai seguir: “A União Soviética apresenta um acontecimento único na história: a guerra contra Deus.” (CABRAL, 1933, p. 235). É a partir dessa retórica de guerra contra Deus que o capítulo será construído.

O Pe. J. Cabral ao falar sobre antirreligiosidade presente ao longo dos séculos nas civilizações, atenta para o fato de que esse sentimento se desenvolve em face da crença em outras divindades e cultos. No entanto, no bolchevismo russo não é esse o fator motivante, como apontado na citação abaixo:

A perseguição religiosa, que ora infelicita o povo russo e confrange o coração dos povos civilizados, apresenta um sintoma típico, uma característica singular: o ódio a Deus, o combate sistemático a toda ideia de crença, a todo sentimento de fidelidade aos princípios religiosos!

O bolchevismo russo é ateu e quer converter ao ateísmo o mundo inteiro.

A religião católica, as seitas protestantes, a igreja nacional russa, a sinagoga judaica e os templos dos muçulmanos são todos, por igual, combatidos, atacados e destruídos.¹⁷⁸

É o ódio a Deus que nutre a antirreligiosidade bolchevista, não há nenhum culto e nenhuma divindade, há apenas o ódio a todo tipo de religião que deve ser combatida e destruída. O que o bolchevismo russo prega e quer implantar no lugar das religiões é o ateísmo e a ideologia comunista.

No intuito de combater a religião na U.R.S.S. o autor relata as várias perseguições que os líderes religiosos sofriam e que muitas vezes lhes custava a própria vida. Há ainda a referência a um amplo processo de desapropriação de templos religiosos e ao aumento sistemático dos impostos cobrados sobre as atividades religiosas, todas essas medidas possuíam uma única função minar a fé e extinguir a religião do seio da sociedade soviética.

¹⁷⁸ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p.236.

Por fim, o autor vai apresentar a mudança de estratégia dos “senhores de Moscou”: “Os senhores de Moscou sabem quanto é difícil arrancar aos adultos as noções da crença e os princípios da moralidade. Em vista disso, resolveram intoxicar os cérebros infantis e infundir neles a impiedade.” (CABRAL, 1933, p. 244). Essa estratégia não é nova, sendo adotada pelos católicos na catequese das populações nativas da América Portuguesa. A exemplo dessa estratégia de conquista das crianças, Pe. J. Cabral vai citar texto de Joseph Douillet, diplomata belga para U.R.S.S. que ficou conhecido pela obra: *Moscou sans Voiles: Neuf ans de travail au pays des Soviets*¹⁷⁹, de onde o escritor católico extrai o fragmento abaixo,

Joseph Douillet, que já tantas vezes citámos, nos descreve como se faz o ensino prático do ateísmo:

"Deante de uma mesa, fazendo às vezes de púlpito:

— Um garoto de oito anos, ladeado por dois indivíduos, um o secretario da célula comunista e o outro o mestre escola.

O mestre avançou:

— Diz-me, Jeannet, rezas tu a Deus?

Ao que responde a criança: '

— Sim, camarada, eu rezo a Deus.

— Teu Deus te dá o que pedes?

Diante do silencio do pequeno', o algoz aduz:

— Queres experimentar pedir já ao bom Deus um pedaço de pão? Deves ter fome!

O desgraçadinho retruca:

— Oh! Sim! Camarada, tenho muita fome.

— Perfeitamente. Então, pede a Deus. Quem sabe, talvez teu Cristo te dê pão!

Pondo-se de joelhos, o pequeno, com certa hesitação, faz o sinal da cruz e principia a curvar-se até o chão, como havia visto fazer na casa paterna. Comovente era o espetáculo — de um lado a inocência, dos outros racionais bestializados!

Quebraram o silencio os abutres comunistas, interrompendo a prece infantil:

— Vejamos, Jeannet, teu Deus te deu pão?

A criança, com as faces humedecidas pelas lagrimas, na ignorância daquela extrema perversidade, temendo, porém, um castigo qualquer, responde:

Não, camarada, o bom Deus não me deu nada!

E logo insinua o educador:

— Vês o que é o teu bom Deus. Em vez de pedires pão a teu Deus, pede a um camarada comunista.

Diz-lhe: "Dá-me pão, camarada, faze favor". Verás como ele te dará.

— Camarada, dá-me pão, eu te peço.

E o comunista:

— Era por aí que devias começar. Se tivesses pedido diretamente a mim, ter-te-ia dado pão. Tu te dirigiste ao bom Deus, já o viste algum dia? Não, porque Ele não existe.

E, cumulando a perfídia, tira do bolso um pão, que passa ás mãos da criança.¹⁸⁰

A citação nos parece bastante caricata, mas retrata o investimento por parte do bolchevismo soviético de extirpar da sociedade a ideia de Deus. Nesse sentido, não existe

¹⁷⁹ Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Joseph_Douillet. Acessado em Jul. 2019.

¹⁸⁰ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p.245-246.

melhor campo de atuação do que as crianças que estão em processo de formação, sendo mais vulneráveis a uma doutrinação ideológica.

Essa citação encerra de forma coerente a análise dessa terceira parte da obra do Pe. J. Cabral, dedicada a apresentar a ideologia soviética como profundamente anticristã e combativa de valores caros ao catolicismo como a família, o casamento e a fé. Ao longo de um extenso capítulo que foi construído embasado em documentos e referencial bibliográfico, até então não muito usual na obra, o Pe. J. Cabral construiu uma narrativa que apresentou o comunismo como uma ideologia que oferece real perigo ao cristianismo, sendo necessário que a mesma seja alvo de ferrenho e intenso combate, função a que a obra se propõe. O livro *A Miragem Soviética*, deve ser compreendido dentro da lógica do discurso anticomunista católico, sobretudo, em sua vertente reacionária¹⁸¹, no qual, as revoluções e ideologias sob as quais o mundo moderno foi alicerçado devem ser atacadas, do contrário, a própria sobrevivência do catolicismo estará em risco.

3.2.4. A QUESTÃO SOCIAL ANALISADA SOB PERSPECTIVAS ANTAGÔNICAS

A evolução social moderna segue, hoje em dia, duas direções paralelas: Roma e Moscou. E sabemos muito bem que as linhas paralelas só no infinito se encontram. Não há meio termo: ou o materialismo científico russo, ou a economia cristã. Já passamos em revista as doutrinas e os métodos dos corifeus do comunismo e analisamos os seus resultados práticos. Importa que consideremos um pouco a solução cristã da questão social, isto é, os ensinamentos da sociologia católica.¹⁸²

Em ‘O Sindicalismo Cristão’, última parte da obra em análise, Pe. J. Cabral vai antagonizar a ideologia comunista ao cristianismo. Para tal, o autor fará uso das encíclicas papais sendo por meio destes documentos que o autor desenvolve a escrita dessa parte fundamentando-se em dois pilares: comunismo e cristianismo são diametralmente opostos e o catolicismo tem uma solução para os problemas sociais e econômicos vivenciados pela sociedade moderna. As encíclicas *Rerum Novarum*, escrita pelo papa Leão XIII em 1891 e *Quadragesimo Anno* do papa Pio XI, publicada em 1931, fundamentaram a escrita dessa parte da obra.

A escolha dessas encíclicas se faz bastante pertinente, a primeira ficou conhecida como a carta cristã do trabalho, nela o papa Leão XIII vai dedicar-se às questões sociais e apontar o comunismo como uma ameaça para a religião. Cabe pontuar que a *Rerum Novarum*

¹⁸¹ Ver: PEIXOTO, Renato Amado. ‘System of the heavens’: um exame do conceito de ‘Colusão’ por meio do caso da criação do Núcleo da AIB em Natal’ In: Revista Brasileira de História das Religiões, v.8, n. 25 (8), 2016.

¹⁸² CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p. 258.

não foi precursora nessa temática, já em 1878, o papa Leão XIII editou a *Quod Apostolici Muneris*, na qual, ele já fazia referência a um adversário que se apresentava. No entanto, é apenas na *Rerum Novarum* que o papa faz uma convocação aos católicos, como aponta Motta: “A diferença é que agora Leão XIII não se restringe a pedir paciência e resignação aos operários, o que também faz, mas propõe algumas medidas no sentido de minorar o sofrimento dos que trabalham.” (MOTA, 2002, p. 37). É nesse campo propositivo que o sindicalismo cristão é incentivado. A encíclica *Quadragesimo Anno* não apenas comemora o 40º aniversário da *Rerum Novarum* como também ratifica os escritos do papa Leão XIII, reiterando a importância do combate ao comunismo.

Após dedicar-se a realizar profunda análise da situação da U.R.S.S. e de como se processou a ideologia comunista nesse espaço o autor diz que “cabe agora imperioso dever de dizer algo sobre a verdadeira solução da questão social.” (CABAL, 1933, p. 257). No entendimento do Pe. J. Cabral seu trabalho não seria completo se ao apresentar a doença não apresentasse o remédio que pode produzir a cura. Nesse sentido, essa parte da obra é mais propositiva do que combativa. Já assumindo essa postura propositiva o autor escreve: “Enquanto discutem os sociólogos e os políticos, o catolicismo apresenta a todos os espíritos retos e bem intencionados um programa de regeneração social e de salvação pública.” (Ibid. p. 259-260). Assim como para Tiago “A fé sem obras é morta”¹⁸³, o Pe. J. Cabral aponta que mais importante que as discussões teóricas são as proposições práticas.

Cabe ressaltar que diferente da ótica belicosa e revolucionária defendida pelos agentes de Moscou, defensores da ideia de que o proletariado deve se apoderar dos meios de produção inaugurando uma ditadura do proletariado, o catolicismo busca atuar por meio do equilíbrio das classes: “Somente o catolicismo sabe equilibrar as relações entre o capital e o trabalho, evitando os dois extremos viciosos: a exploração plutocrata e a demagogia proletária.” (Ibid. p. 260). Ao tratar dos problemas sociais, em sua encíclica *Rerum Novarum*, o papa Leão XIII buscou reconhecer as diferenças sociais existentes e propor soluções conciliatórias e que atenuasse a ideia de luta de classes. Nesse aspecto, Pe. Cabral aponta para o caráter universalista do discurso da Igreja, como podemos ver abaixo:

Os modernos estadistas, quando se dirigem ás multidões, falam apenas aos filhos de sua pátria. Quando, porém, fala o Papa ou qualquer ministro de Jesus Cristo, manda a sua palavra á humanidade e saúda seus ouvintes com o doce e suave nome de **irmãos**. (grifo do autor).¹⁸⁴

¹⁸³ Ver Tiago capítulo 02, versículo 17.

¹⁸⁴ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p.265.

Pontuando de forma taxativa a atuação dos entusiastas do comunismo como essencialmente belicosa, o autor coloca: “Por último, socialistas e comunistas, desconhecendo a justiça social entre os homens e nada esperando após a peregrinação por este mundo, soltam um grito de ódio e de revolta e empregam todos os esforços na destruição da chamada sociedade capitalista.” (CABRAL, 1933, p. 271-272). Dando continuidade a sua construção narrativa que coloca o catolicismo e o comunismo em lados opostos, Pe. J. Cabral entende que: “[...] a religião, a única coisa que é capaz de confortar o operário e lhe mostrar a sua verdadeira dignidade.” (Ibid. p. 271). O catolicismo não defende o ódio entre as classes, ao contrário disso busca inculcar na consciência do trabalhador a importância da labuta como uma atividade digna buscando modificar a imagem negativa¹⁸⁵ que o trabalho possui ao longo dos séculos.

Apontamos no início desse tópico que sob dois pilares foi desenvolvida a escrita do Pe. J. Cabral nessa última parte da sua obra. Já analisamos os argumentos usados para mostrar que catolicismo e comunismo caminham paralelamente sem pontos de encontro. Agora se faz necessário apresentar o segundo pilar e examinar quais as soluções propostas pelo catolicismo para as crises do mundo moderno. De acordo com o Pe. J. Cabral: “Leão XIII, porém, foi o homem providencial, que compreendeu as dificuldades do momento e encontrou uma solução adequada para os problemas sociais.” (Ibid. 283). E essas soluções encontradas pelo sumo pontífice foram colocadas em sua encíclica *Rerum Novarum*.

Ao mostrar como a Igreja visa se posicionar e apresentar direcionamentos para solução dos problemas sociais, o autor coloca: “No debate travado entre o capital e o trabalho, a Igreja está fadada a intervir por três modos distintos: pela sua doutrina, pelos seus preceitos e pela sua ação.” (Ibid. p. 290). No que diz respeito à doutrina católica o autor aponta para o conformismo “o homem deve aceitar com paciência a situação em que se encontra.” (Ibid. p. 290). Encontramos aqui clara diferença entre a percepção de enfrentamento da crise proposta pelo comunismo e catolicismo. No primeiro o enfrentamento é a forma de romper com o julgo do espólio a que o proletariado é submetido ao longo dos tempos, no outro se incentiva que o trabalhador assuma a sua cruz e siga.

É mister da Igreja constrair a teoria da luta de classes sobre isso é o próprio papa Leão XIII que escreve: "O erro capital da questão presente é crer que as duas classes são inimigas natas uma da outra, como se a natureza tivesse armado os ricos e os pobres para que se combatessem mutuamente num duelo obstinado". (Ibid. p. 291). É nesse contexto que se

¹⁸⁵ Da página 268 a 272 o autor discorre sobre essa visão negativa legada ao trabalho.

insere o preceito de fraternidade tão defendido pelo cristianismo, investido desse sentimento fraterno o patrão não vai explorar o operário, mas sim, vai oferecer digna recompensa por seu esforço, concedendo-lhe um salário justo que lhe permita viver com dignidade.

No campo da ação “o cristianismo exige que os patrões levem em consideração os interesses espirituais de seus subordinados livrando-os das seduções e solicitações corruptoras.” (Ibid. p. 292). Proporcionar boas condições de trabalho afasta os trabalhadores de serem seduzidos por doutrinas anticristãs como o comunismo. Ao falar sobre o trato que os patrões devem dispensar aos seus trabalhadores, a encíclica papal traz os seguintes ensinamentos:

"Quanto aos ricos e aos patrões, não devem tratar o operário como escravo, mas respeitar nele a dignidade do homem realçada ainda pela do cristão. O trabalho do corpo, pelo testemunho comum da razão e da filosofia cristã, longe de ser objeto de vergonha, faz honra ao homem, porque lhe fornece um nobre meio de sustentar a sua vida. O que é vergonhoso e desumano é usar dos homens como de vis instrumentos de lucro, e não os estimar senão na proporção do vigor de seus braços".¹⁸⁶

Por fim, e ainda objetivando manter as relações de trabalho de forma justa e praticável, o Pe. J. Cabral pontua que: “A moral e a justiça proíbem que se imponha ao operário um trabalho superior às suas forças, sexo e idade e determina que se pague um salário conveniente.” (Ibid. p. 292). O justo salário e as condições apropriadas de trabalhos são defendidos pelo papa Leão XIII em sua encíclica supracitada. Em todos esses ensinamentos e soluções colocadas ao longo do texto o que podemos enxergar é um discurso conciliatório, prezando sempre pela adoção de um sentimento fraternal nas relações de trabalho, sentimento que só pode ser despertado pela Igreja e compartilhados por aqueles que se põem dispostos a seguir os ensinamentos cristãos.

Diferente do que propõe a Igreja o comunismo se nutre da divisão entre as classes, da exploração e miséria dos operários, como podemos ver abaixo:

Aproveitando-se das misérias reais dos operários, o socialismo e o comunismo conseguiram fazer crer que somente eles serão capazes de promover eficazmente os interesses profissionais políticos e sociais, e conseguiram agrupá-los em organizações sindicais. É, pois, urgente que todos os católicos unam suas forças para porem um dique a tão grande mal, que arrasta tantas almas ao abismo da perdição eterna e subverte as bases da ordem social, preparando a ruína dos povos e das nações.¹⁸⁷

¹⁸⁶ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p.291-292.

¹⁸⁷ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p.309-310.

Catolicismo e comunismo são inconciliáveis, enquanto um se nutre do sentimento fraterno e busca construir uma base conciliatória, o outro se alimenta do ódio de classes e enxerga na destruição da classe burguesa a única forma de sobrevivência da classe operária. É sobre essa impossibilidade de conciliação que o Papa Pio XI escreveu, como nos coloca o autor:

Pio XI, depois de demonstrar que o socialismo forma um conceito da sociedade diametralmente oposto às doutrinas católicas, profere esta sentença: "Socialismo religioso, socialismo católico são termos contraditórios; ninguém pode ser bom católico e verdadeiro socialista".¹⁸⁸

Usamos esta última citação como forma de encerrar essa extensa análise, no qual, nos debruçamos sobre duas das mais relevantes obras do intelectual católico norte-rio-grandense, padre José Cabral. Foi um exercício de fôlego e que nos trouxe algumas dificuldades que não cabe apontar aqui. Estamos certos de que contribuímos para a divulgação das obras desse importante escritor e intelectual católico.

A atuação do Pe. J. Cabral como editor do jornal “A Cruz” e como escritor católico que esteve sempre a serviço da boa imprensa, o autor possuía uma escrita engajada em defender a fé católica e combater os males modernos. Concluimos a análise dessas duas relevantes obras desejosos de que as linhas aqui traçadas possam, de alguma forma, contribuir para um maior conhecimento sobre os escritos do Pe. J. Cabral e quem sabe influenciar novos trabalhos sobre esse respeitável escritor católico.

3.2.5. TRAJETÓRIAS, CONEXÕES E CONSOLIDAÇÃO.

Ao longo desta dissertação buscamos mostrar como as trajetórias do cardeal dom Sebastião Leme, do bispo de Niterói dom José Pereira Alves e do padre José Pereira dos Passos Cabral se conectaram e foram importantes para consolidação do projeto da Neocristandade. Como grande idealizador e executor do projeto coube ao cardeal Leme “pescar” importantes colaboradores que ao se juntarem no Rio de Janeiro atuaram de forma a (re)construir uma Igreja Católica forte e atuante em todos os segmentos da sociedade brasileira. A Igreja da Neocristandade não esteve restrita ao âmbito privado dos fiéis, ela influenciou na cultura, na sociedade e, sobretudo, na política. Espaço no qual se inseriu

¹⁸⁸ CABRAL, José Maria Passos. **Op. cit.** p. 320.

habilmente por meio de acordos e do exercício de sua influência frente a uma sociedade majoritariamente católica.

Engajados com o projeto da Neocristandade intelectuais católicos e leigos colaboraram colocando a serviço da Igreja suas habilidades, permitindo que a mesma fizesse uso desse potencial para alcançar seus objetivos e voltar a se consolidar como uma instituição de envergadura dentro da sociedade brasileira. Essa consolidação da Igreja Católica como importante instituição na década de 1930 no Brasil, só foi possível por meio da dedicação de importantes personagens. Destacamos aqui a atuação de dom José Pereira, que como diretor da Editora Vozes de Petrópolis desempenhou um papel de fundamental importância ao tornar possível a publicação de obras de escritores católicos que versavam sobre temas de relevância para os projetos da Igreja que buscava, por meio, da ‘Boa Imprensa’ antagonizar os escritos perigosos da imprensa secular. Foi justamente na Editora Vozes de Petrópolis que o pe. J. Cabral, segundo personagem que destacamos, encontrou espaço para publicar suas obras, dentre as quais destacamos *Conceitos e Factos* e *A Miragem Soviética*, livros que foram analisados neste capítulo. Essas obras do pe. J. Cabral se inseriam na vertente do reacionarismo católico e buscava consolidar um discurso, no qual, a Igreja Católica se colocava como combatente dos males da modernidade que abarcavam ideais liberais, republicanas¹⁸⁹ e o próprio comunismo.

É importante destacar a importante atuação que esses agentes católicos tiveram frente à elaboração da Constituição de 1934, durante o governo do presidente Getúlio Vargas, com o qual o cardeal dom Sebastião Leme manteve uma relação de favorecimento mútuo. Nesse cenário, destacou-se a atuação de Alceu Amoroso Lima que enquanto secretário da Liga Eleitoral Católica atuou construindo uma forte base de apoio capaz de defender os projetos da Igreja no âmbito da elaboração da Constituição de 1934. Criada em 1932 a LEC conferiu apoio a uma série de candidatos que se comprometeram a defenderem os interesses da Igreja na Constituinte de 1933. Nesse contexto, no qual, a Igreja Católica retomava sua influência na sociedade brasileira a Liga Eleitoral se constituiu como seu braço político.

Por fim, queremos destacar a importância da ‘Boa Imprensa’, ao longo desta dissertação fizemos uso do jornal “A Cruz” do Rio de Janeiro como importante fonte de pesquisa. Os periódicos católicos se consolidaram como importante instrumento de divulgação dos projetos da Neocristandade. As páginas desses jornais difundiam as ideias e

189 Ver: SILVEIRA, Diego Omar. A peleja pela “Boa Imprensa”: reflexões sobre os jornais da Igreja, a Romanização dos costumes e a identidade Católica no Brasil. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9. 2013, Ouro Preto, 2013. P. 5-6.

projetos das principais lideranças católicas, recomendando-se aos fiéis sua leitura. No jornal “A Cruz” encontramos diversos artigos que enfatizavam a importância da leitura dos jornais católicos, afinal eram eles os promotores de uma escrita sadia, livre da influência dos males modernos. Esses periódicos também buscavam consolidar um discurso católico, no caso do jornal “A Cruz” do Rio de Janeiro que tinha o pe. J. Cabral como seu redator, o discurso que se buscava consolidar era um que esteve alinhado com o projeto da Neocristandade e com o reacionarismo católico e como combatente dos ideais modernos, destacando-se o forte discurso anticomunista¹⁹⁰. Cabe ressaltar que o discurso católico produzido no âmbito do projeto da Neocristandade e centrado em suas principais lideranças era produzido de uma forma coesa e permeava desde as páginas de jornal, revistas e obras literárias. O que Igreja Católica buscava era distribuir no mercado linguístico um discurso que pudesse ser identificado e absolvido pelos fiéis católicos.

Enceramos esta análise certos de termos alcançado alguns de nossos objetivos inicialmente propostos. Buscamos ao longo deste texto mostrar que as relações existentes entre o político e o religioso carecem de uma abordagem que leve em consideração seus imbricamentos. Não devemos permanecer no erro de analisar a religião somente no âmbito privado e as políticas exclusivamente no público ambas fazem parte tanto do privado quanto do público e necessitam de uma análise que leve em consideração suas convergências e divergências. Analisando a trajetória de importantes agentes católicos e fazendo uso de um importante conjunto documental, produzimos um estudo que analisou desde a construção de redes lideradas pelo cardeal Leme; como a atuação da Igreja Católica frente à elaboração da Constituição de 1934 e, por fim, fazendo uso das obras do pe. J. Cabral apresentamos e realizamos detida análise dos escritos de um escritor que se identificava com o reacionarismo católico e fazia parte do circuito de centralidade católico fixado no Rio de Janeiro.

190 Sobre esse discurso anticomunista ver: Jornal A Cruz, ano XVII, nº I, Rio de Janeiro, 06 de Janeiro de 1935, p. 01.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao definirmos como recorte temporal os anos de 1930 a 1935 sabíamos das dificuldades de escrever sobre um período profícuo em livros clássicos, teses, dissertações e monografias. O advento da Revolução de 1930 tornou esse período amplamente estudado e objeto das mais diversas pesquisas. No entanto, nossas leituras, análises de fontes e escolhas teórico-metodológicas nos mostraram que existia uma lacuna ainda pouco preenchida nesse cenário. Os estudos que buscavam mostrar as relações entre a Igreja e o Estado nos primeiros anos da década de 1930, ainda reproduziam uma visão apenas institucional da Igreja e, por conseguinte, realizava uma análise em separado do que era político e do que era religioso. A dissertação que agora apresentamos busca preencher essa lacuna ao analisar as relações entre o político e o religioso na perspectiva da *colusão*, compreendendo que as relações entre a Igreja Católica e o governo varguista devem ser entendidas na perspectiva de um conluio que objetivava um favorecimento mútuo.

Nesse sentido, a percepção de que Igreja e Estado estavam inseridos em um *metajogo* é chave de compreensão para a relação que analisamos. O cardeal dom Sebastião Leme, idealizador e grande executor do projeto da Neocristandade, possuía uma visão ampla da sociedade brasileira e de como funcionava o jogo político nacional. Sendo detentor dessa visão privilegiada o cardeal Leme se pôs no jogo político brasileiro de forma contundente. Sabedor de que a religião católica era partilhada pela grande maioria dos brasileiros, ele negociou o apoio dos féis em troca de influências e benefícios no novo governo exercido por Getúlio Vargas que assumiu o poder após a Revolução de 1930 que depôs o presidente Washington Luiz.

Utilizamo-nos de fontes diversas para a construção dessa dissertação que teve o objetivo de contribuir com os trabalhos sobre religiosidade sob uma nova perspectiva, na qual, a relação entre o político e o religioso carecem de exame. Ao longo desse trabalho fizemos uso do jornal “A Cruz” do Rio de Janeiro, dos Anais da Assembleia Constituinte de 1933 e das obras *Conceitos e Factos* e *A Miragem Soviética* escritas pelo Pe. J. Cabral, como principais fontes. O jornal “A Cruz” permeia toda a dissertação, pois como órgão a serviço da ‘Boa Imprensa’ o periódico da arquidiocese do Rio de Janeiro conferia voz e amplitude aos projetos da Neocristandade; os Anais da Assembleia Constituinte de 1933 são importante na construção do segundo capítulo, pois permite examinar os bastidores das discussões realizadas nas seções que debatiam o anteprojeto constitucional; as obras do Pe. J. Cabral são

parte da análise feita no terceiro capítulo, o qual, nos dedicamos a analisar a sua escrita reacionária. As análises dessas fontes juntamente com as leituras bibliográficas se uniram na produção de uma dissertação que buscou analisar as relações entre os campos político e religioso na primeira metade da década de 1930 no Brasil.

No primeiro capítulo buscamos ligar as trajetórias de dom Sebastião Leme, dom José Pereira e do Pe. J. Cabral, apresentando como as trajetórias desses personagens de relevância no campo católico se ligam e se estabelecem no Rio de Janeiro, transformando este espaço em lugar de centralidade para o catolicismo brasileiro. Dom Sebastião Leme como principal expoente do catolicismo brasileiro na década de 1930, foi o responsável por construir essas redes, funcionando como um verdadeiro ímã, o cardeal Leme, atraiu para junto de si uma série de intelectuais católicos e leigos que foram deveras importantes para a consolidação do projeto da Neocristandade. O projeto idealizado por dom Sebastião Leme era ambicioso, ele desejava recatolizar o Brasil e, para tal, entendia ser necessário que a Igreja passasse a novamente exercer influência na sociedade brasileira, que deveria ser exercida nos campos político, social e cultural. Desde o rompimento com o Estado que se tornou oficial com a Constituição de 1891 de caráter positivista e defensora do Estado laico, a Igreja lançou mão de novas estratégias que visavam sua reinserção no campo político brasileiro algo que foi alcançado, em grande medida, devido os esforços do cardeal Leme.

No segundo capítulo realizamos uma breve contextualização do cenário político e social brasileiro após a consolidação da Revolução de 1930. Apresentamos ainda o importante papel desempenhado pelo jornal “A Cruz” do Rio de Janeiro que foi um instrumento fundamental para a divulgação dos projetos da Igreja, servindo como órgão difusor dos projetos católicos. É por meio deste jornal que realizamos uma análise da atuação de dom Sebastião Leme como mediador dos conflitos frente à Revolução de 1930. Ao retornar da Europa com o emblemático chapéu cardinalício na bagagem, o mais novo cardeal se depara com uma situação extremamente tensa no Rio de Janeiro, o presidente Washington Luiz se negava a deixar o Palácio do Catete, tornando um conflito com as forças armadas eminente. Coube ao cardeal Leme, por meio do diálogo, negociar a saída de Washington Luiz de forma pacífica. A mediação bem sucedida trouxe benefícios ao cardeal que passou a ter circulação no Palácio do Catete.

Ainda no segundo capítulo e fazendo uso dos Anais da Assembleia Constituinte de 1933, realizamos uma análise das estratégias traçadas pelo cardeal Leme diante do novo cenário político brasileiro. Alçado ao poder por meio da Revolução de 1930, Getúlio Vargas

já enfrenta um grande desafio em 1932. A Revolução Constitucionalista encabeçada pelo estado de São Paulo exigia que Getúlio cumprisse com sua promessa e convocasse as eleições para a Assembleia Constituinte. Mesmo vencendo as forças opositoras, Vargas cede e convoca as eleições em 1933. Diante desse cenário o cardeal Leme vai criar a Liga Eleitoral Católica, por meio da qual ele oferecia os votos católicos em troca de apoio às pautas da Igreja no âmbito da futura Constituição. A estratégia se mostrou bem sucedida, a análise dos Anais da Assembleia nos mostrou que os candidatos eleitos com o apoio da LEC tornaram-se ferrenhos defensores da assistência religiosa às forças armadas, o ensino de religião nas escolas com caráter facultativo, a monogamia indissolúvel, o registro civil do casamento religioso, esses se tornaram os princípios basilares defendidos de forma enérgica pelos deputados eleitos com o apoio da LEC. É importante pontuar que essa pauta defendida pelos deputados eleitos com o apoio da LEC foi integralmente aceita sendo inserida no texto da Constituição de 1934, representando assim uma importante vitória para a Igreja.

Por fim, no terceiro capítulo nos debruçamos sobre duas importantes obras do padre José Cabral: *Conceitos e Factos* e *A Miragem Soviética* publicadas em 1930 e 1933, respectivamente. A análise que fazemos dessas obras tem por objetivo lançar luz sobre um personagem pouco estudado pela historiografia norte-rio-grandense, mas que foi de grande relevância para os projetos católicos. O Pe. J. Cabral conseguiu romper com a lógica hegemônica do centro/periferia e se inserir no centro do catolicismo brasileiro, e mesmo sendo oriundo de uma zona periférica alcançou lugar de destaque no centro assumindo a redação do jornal “A Cruz”. Ao analisarmos as duas obras supracitadas entendemos que o Pe. J. Cabral assumiu a postura de um escritor ligado ao reacionarismo católico, ávido defensor das tradições católicas e ferrenho combatente dos males lançados pela modernidade. A obra *Conceitos e Factos* foi analisada como um tratado sociológico, nela o Pe. J. Cabral enfrenta os grandes problemas modernos nas escalas nacional e internacional sempre apresentando o catolicismo como única via possível. Em *A Miragem Soviética* o autor vai se dedicar a realizar um feroz combate do comunismo. É importante pontuarmos que o discurso anticomunista do Pe. J. Cabral presente em *A Miragem Soviética* não é um combate simplório restrito a ideologia comunista apenas, é um combate mais amplo que enxerga que os problemas têm raízes mais profundas remetendo-se a Reforma Protestante, ideais Iluministas, Revolução Francesa e o Liberalismo como fonte dos problemas. Todas essas revoluções e ideologias modernas tiraram Deus do centro e colocou o homem como protagonista,

favorecendo com isso o surgimento do comunismo, uma ideologia que centrada no homem e no ódio de classes se colocava como inimiga de Deus.

Entendemos que a dissertação que agora concluimos vem a colaborar com as discussões feitas no âmbito da Nova História Política, sobretudo, no que se refere às relações entre os campos político e religioso, os quais, durante muito tempo ocuparam um espaço de menor importância nas produções historiográficas. Atrelado a isso estamos contentes de termos contribuído para a História Local, trazendo para o centro da discussão o Pe. J. Cabral, um personagem que mesmo possuidor de relevância no âmbito da intelectualidade católica não possuía destaque nem mesmo na história local. Nesse sentido, acreditamos que esse texto abre um leque de possibilidades e novas discussões sobre a participação de intelectuais católicos que mesmo em zonas periféricas alcançaram projeção nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. 338 p.

AMARAL, Walter Valdevino do. **Apostolado da Boa Imprensa: Contribuições das filhas de Maria na imprensa católica (Pernambuco, 1902-1922)**. Escritas, Tocantins, v. 1, n. 6, p.204-224, 2014.

ATHAYDE, Tristão de. “O Espírito do nosso voto”. **A Ordem**, Rio de Janeiro, nº 56, p. 231 – 238, out. 1934d.

AZZI, Riolando. **A crise da cristandade e o projeto liberal**. São Paulo: Paulinas, 1991.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento** / Pierre Bourdieu; tradução Daniela Kern & Guilherme J.F. Teixeira. - São Paulo Porto Alegre: EDUSP Zouk, 2006. 556 p.: il.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Edusp, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papyrus, 2007.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia: A Escola dos Annales (1929-1989)**. São Paulo: UNESP, 1992.

CAVA, Ralph Della. **Igreja e estado no Brasil do século XX: sete monografias recentes sobre o catolicismo brasileiro, 1916/1964**. XXVI Reunião anual da Sociedade Brasileira para o progresso da ciência. Recife, 1974.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Igreja e Desenvolvimento**. São Paulo: CEBRAP, 1971.

COSTA, Homero. **A Insurreição Comunista de 1935: o caso de Natal (RN)**. **Dissertação de Mestrado**. Unicamp, São Paulo, 1991.

DANTAS, Elynaldo. **Gustavo Barroso, o Führer brasileiro: Análise do discurso integralista barrosiano sobre a nação de 1933-1937**. **Dissertação de mestrado**. NATAL: UFRN, 2013.

DE LUCA, Tânia Regina. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010.

FAUSTO, Boris. **Revolução de 1930: historiografia e história**. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

FERRARO, Alceu. **Igreja e Desenvolvimento – O Movimento de Natal**. Natal: Fundação José Augusto, 1968.

FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Surama Conde de. **A crise dos anos 20 e a revolução de 1930**. In: Ferreira, Jorge; DELGADO, Lucila de Almeida (Org.). **O Brasil**

republicano: o tempo do liberalismo excludente. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. V.2

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília (Org.). **Os anos 1930: as incertezas do regime**. In: O Brasil Republicano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. v.3, p.15 - 37.

GOMES, Edgar da Silva. A separação do Estado – Igreja no Brasil (1890): uma análise da pastoral coletiva do episcopado brasileiro ao Marechal Deodoro da Fonseca. **Dissertação de mestrado**, Pontifícia faculdade de Teologia, 2006.

GOMES, Edgar da Silva. “O catolicismo nas tramas do poder: a estadualização diocesana na Primeira República (1889-1930).” **Tese de Doutorado**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2012.

GONÇALVES, Marcos. **Missionários da “boa imprensa”**: a revista Ave Maria e os desafios da imprensa católica nos primeiros anos do século XX. Revista Brasileira de História – órgão oficial da Associação Nacional de História. São Paulo, ANPUH, vol. 28, nº. 55, jan/jun., 2008.

HALL, Stuart. **Identidade em questão**. In: A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: dp&a; 2005.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX: 1914-1991. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 11. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. “Introdução: Os bispos do Brasil e a Imprensa”. In: **Os bispos do Brasil e a Imprensa**. São Paulo: Loyola: CEPEHIB, 1983.

LEIRIAS, Daniela Araújo. "Louvado seja o Santíssimo Sacramento": o anticomunismo católico e a formação da identidade e da espacialidade norte-rio-grandense (1934-1937). **Dissertação de mestrado**, UFRN, 2016.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. Campinas: Papyrus, 1986

MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MARINHO, Marco Antônio Couto. Trajetória de Vida: um conceito em construção. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, SP – Vol. 13, Nº 17, 2017.

MEDEIROS, Flávio Augusto Galvão de. OS OPERÁRIOS DA BÔA IMPRENSA: A trajetória do jornal A Cruz do Rio de Janeiro como estudo de caso da imprensa católica no Brasil (1919-1925). 96 f. **Trabalho de conclusão de curso (Monografia)** – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

MELO JÚNIOR, ANTÔNIO FERREIRA DE. A assinatura “Gustavo Barroso”: análise do discurso narrativo de Ideias e Palavras, A Ronda dos Séculos e Os protocolos dos sábios de São (1917 – 1936). **Dissertação de mestrado**, UFRN, 2017.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. **A República Consentida: Cultura Democrática e Científica do Final do Império**. Rio de Janeiro: Editora: FGV: Ed: UFRRJ, 1997.

MICELI, Sergio. **A elite eclesiástica brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988;

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “perigo vermelho”**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002.

MORAIS, PATRÍCIA WANESSA DE. As colunas da ordem: imprensa, identidade e atuação política da Igreja Católica norte-rio-grandense (1930 – 1936). **Dissertação de mestrado** UFRN, 2017.

MOURA, Carlos André Silva de, [et al] (Org.). **Religião, cultura e política no Brasil: perspectivas históricas**. Campinas: IFCH / UNICAMP, 2011.

PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.

PEIXOTO, Renato Amado. ‘Católicos a postos! A relação entre a Ação Católica e a Integralista no RioGrande do Norte até o Levante Comunista de 1935’. In: IV Encontro Estadual de História da ANPUH RN, 2010, Natal. **Anais do IV Encontro Estadual de História**. Natal: ANPUH-RN, 2010. v. I.

PEIXOTO, Renato Amado. A Máscara da Medusa: a construção do espaço nacional brasileiro através das corografias e da cartografia no século XIX. **Tese de doutorado**, UFRJ, 2005.

PEIXOTO, Renato Amado. A Crise de 1935 no Rio Grande do Norte: a tensão entre as identidades estadual e a nacional por meio do caso norte-rio-grandense'. In: **VI Simpósio Internacional Estados Americanos - Pesquisas acadêmicas contemporâneas**, 2012, Natal. **Anais do VI Simpósio Internacional Estados Contemporâneos**. Natal: UFRN, 2012. v. 1. p. 294-301.p. 295 – 296.

PEIXOTO, Renato Amado. **‘Duas Palavras’**: ‘Os Holandeses no Rio Grande’ e a invenção da identidade católica norte-rio-grandense na década de 1930. *Revista de História Regional*, v. 19, p. 35-57, 2014.

PEIXOTO, Renato Amado. 'Creio no espírito cristão e nacionalista do Sigma': Integralismo e Catolicismo nos escritos de Gustavo Barroso, Padre J. Cabral e Câmara Cascudo. In: RODRIGUES, Cândido et al. (Org.). **Manifestações do pensamento católico na América do Sul**. São Paulo: Fonte Editorial, 2015, p. 80-104.

PEIXOTO. Renato Amado. System of the Heavens: um exame do conceito de Colusão? por meio do caso da criação do Núcleo da AIB em Natal. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 9, p. 121-150, 2016.

RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RODRIGUES, Ana Maria Moog. “Introdução”. In: **A Igreja na República**. Brasília: UnB: Câmara dos Deputados, 1981.

RODRIGUES, Cândido Moreira; BARBOSA, Jefferson Rodrigues (Org). **Intelectuais & comunismo no Brasil: 1920-1950** : Gustavo Barroso, Plínio Salgado, Alceu Amoroso Lima, Jorge Amado, Miguel Costa. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

RODRIGUES, Cândido; DE PAULA, Christiane. (Org.) **Intelectuais e militância católica no Brasil**. Cuiabá/MT: Edefmt, 2012.

RODRIGUES, Cândido Moreira. **Aproximações e conversões: o intelectual Alceu Amoroso Lima no Brasil dos anos 1928 – 1946**. São Paulo: Alameda, 2013.

ROSENDAHL, Z. **Espaço e Religião: Uma Abordagem Geográfica**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2ª edição, 2002.

RIBAS, Ana Cláudia. A Boa Imprensa, a política e a família: os discursos normatizantes no jornal O Apóstolo (1929 – 19598). **Revista Espaço Plural**. Ano XII. Nº 24. 1º Semestre 2011.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SILVA, Manuel da. ‘A BATALHA DA SERRA DO DOUTOR’: a produção da identidade serra-negreense por meio do Levante Comunista de 1935. **Monografia de graduação**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência** / Yi-fu Tuan ; tradução: Livia de Oliveira. - Londrina: Eduel, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do Medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.